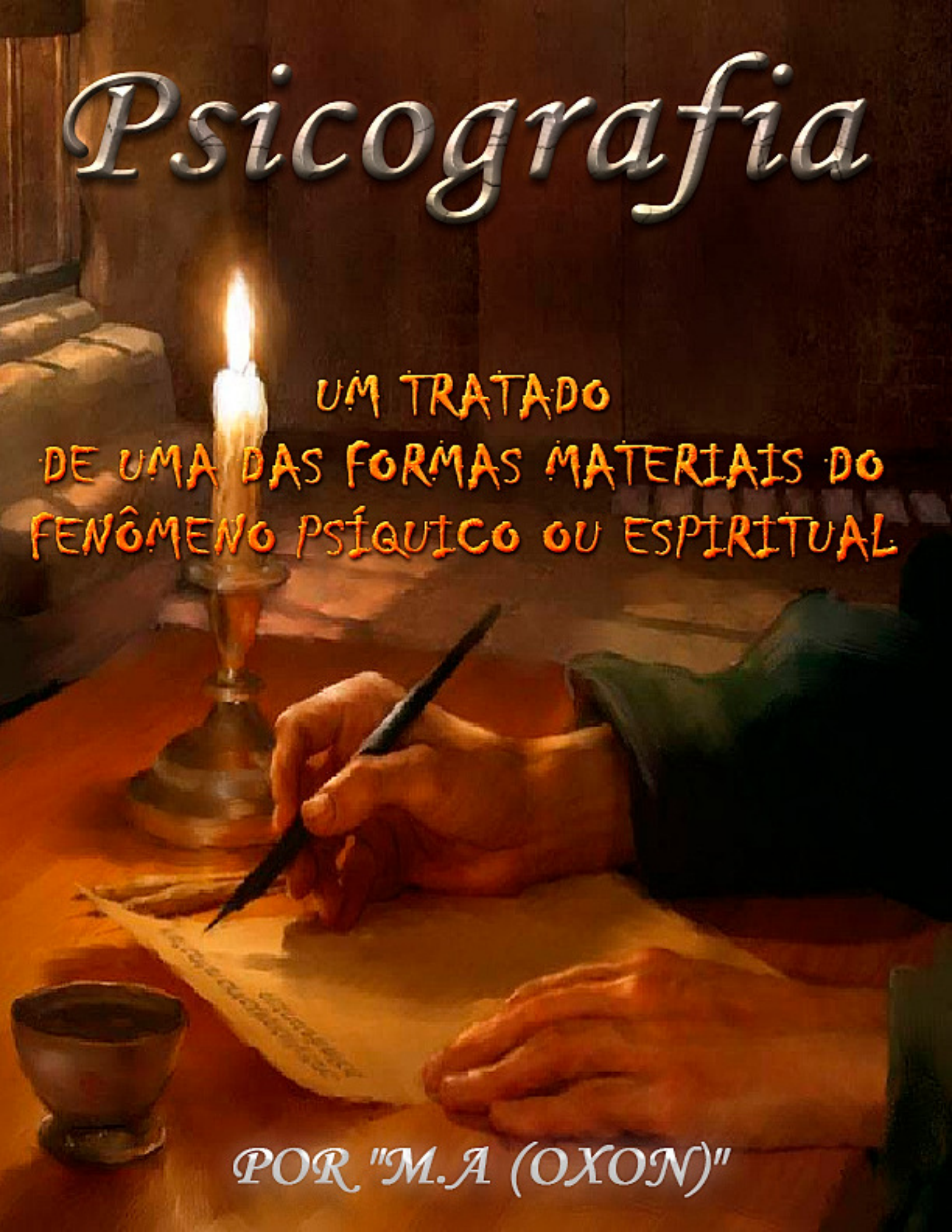
Psicografia

UM TRATADO
DE UMA DAS FORMAS MATERIAIS DO
FENÔMENO PSÍQUICO OU ESPIRITUAL



POR "M.A (OXON)"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do ***ebook espírita*** com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***ebook espírita*** disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

PSICOGRAFIA:

UM TRATADO

DE UMA DAS FORMAS MATERIAIS

DO

FENÔMENO PSÍQUICO OU ESPIRITUAL

(EXPERIMENTOS DE ESCRITA EM LOUSA)

POR "M.A (OXON)"
[REV. WILLIAM STAINTON MOSES 1840-1892]

1878
LONDRES

Resumo da obra

A obra versa toda em torno de um aspecto dos fenômenos materiais das manifestações espirituais, a psicografia. À época, em meados do século XIX, apesar da tiptologia (comunicação através de batidas) ainda vogar, ela foi aos poucos sendo descartada por uma mais refinada. A psicografia em lousas escolares com o auxílio de lápis de ardósia - um tipo de giz mais macio, muito utilizado por poder ser partido sem se esmigalhar demasiado - se tornou uma das formas de comunicação mais populares, principalmente pela divulgação dos médiuns Henry Slade, americano, e F.W. Monck, inglês. O autor pauta o seu livro quase que inteiramente em casos relacionados com os dois médiuns. Para demonstrar a veracidade dos escritos, ele cita casos com Barão de Guldenstubbé, W. Crookes e Madame Blavastky, entre outros. Ao final, arrola algumas das teorias sobre o fenômeno, desde a materialista até a espiritista.

“UM TESTEMUNHO É SUFICIENTE QUANDO SE BASEIA EM
1. UM GRANDE NÚMERO DE TESTEMUNHAS SENSATAS, QUE CONCORDAM EM TER VISTO CLARAMENTE.
2. QUE SÃO CORPORAL E MENTALMENTE SAUDÁVEIS
3. QUE SÃO IMPARCIAIS E DESINTERESSADAS
4. QUE CONCORDAM UNANIMAMENTE
5. QUE SOLENEMENTE CERTIFICAM O FATO”

VOLTAIRE,
(*DICIONÁRIO FILOSÓFICO*)

"NUNCA USE ESTAS PALAVRAS: 'EU NÃO SEI DISSO; PORTANTO É FALSO.'"
"DEVE-SE ESTUDAR PARA CONHECER, CONHECER PARA ENTENDER. ENTENDER PARA JULGAR."

NARADA (FILÓSOFO HINDU)

PREFÁCIO

As seguintes páginas dizem respeito ao que tem sido chamado de Escrita Independente, Direta ou Espiritual. Eu me aventuro a chamá-la de PSICOGRAFIA, um termo inteligível por si mesmo, moldado em palavras já existentes, e expressa o que estranhas perífrases tentaram vagamente conceber.

Eu tinha a impressão, quando primeiramente apliquei o termo, que era tão novo ao assunto quanto certamente o era para mim. Descobri, no entanto, que eu estava usando uma palavra que já havia sido utilizada anteriormente; e não me sinto culpado em dar apenas um uso maior ao termo, que é obviamente aplicável e correto.

Meu objetivo foi o de apresentar dentro do espaço conveniente um registro de fatos consistentes e influentes sobre uma única forma do fenômeno psíquico. Para esse fim, eu descartei da minha coleção tudo que não tivesse surgido do fenômeno agora sob os holofotes.

Quis não apresentar uma teoria aceitável. Aliás, enumerei várias e mostrei, em alguns casos, o quanto encaixam ou não encaixam nos fatos observados. Mas, nunca assumi tomar para mim o posto de advogado de qualquer uma delas. Embora o quão distante mantive-me disto, em alguns casos, aventurei-me em dar opiniões dos registros apresentados, até onde foi possível fazê-lo sem violentar o contexto.

Ao submeter o que escrevo ao julgamento de meus leitores, professo minha firme crença na verdade natural dos fatos elencados e meu profundo senso de sua enorme importância, ambos imbuídos de seus valores intrínsecos e como parte de um grande sistema de fatos e fenômenos psicológicos. O estudo dos quais deve finalmente lançar raios de luz em alguns problemas que, ao dia presente, são mais de uma vez bem interessantes e mais estupefacientes.

Ver um homem treinado e com intelecto prático que deseja devotar-se ao labor assíduo de uma vida inteira a um assunto diminuto, na esperança de clarear uma pequena face do mesmo é, de certo ponto de vista, um ato esperançoso e encorajador; porém, tende-se a amontoar pensamentos de tristeza quando se reflete que a busca da verdade em uma de suas faces é freqüentemente conjugada a um desprezo desdenhoso para com esse estudo nobre da humanidade, dos próprios poderes, destino e natureza do homem.

O resultado é, primariamente, de ignorância, seguido do preconceito, finalmente de nojo às fraudes constantemente detectadas. A estas atitudes - desvalidas, por sinal - podem, creio eu, melhor ser combatidas por exposições pacientes da verdade do que por qualquer proselitismo, embora vigoroso e disseminado, ou por qualquer controvérsia, debalde conduzida habilidosamente. Um fato deve finalmente ficar em seu lugar; não interessa onde, salvo àqueles que puderem se aproveitar do seu conhecimento, seja agora ou em eras sucedâneas, quando nossas crianças aproveitarão, as quais, espero, serão mais espertas que seus pais.

É com esta convicção que eu tenho me esforçado a elucidar um entre muitos dos fatos que testemunham a existência de uma alma no homem e sua ação independente além do corpo físico; uma prova de sua sobrevivência e vida independente quando liberta pela morte de sua prisão terrena.

M.A. (OXON.)

SUMÁRIO

PREFÁCIO
LISTA DE LIVROS REFERENTES À MATÉRIA
INTRODUÇÃO
PSICOGRAFIAS PRETÉRITAS: GULDENSTUBBÉ - CROOKES
EXPERIÊNCIAS PESSOAIS PRIVADAS E COM PSÍQUICOS PÚBLICOS
EVIDÊNCIAS GERAIS CORROBORATIVAS
I. ATESTADAS PELOS SENTIDOS
1. Da Visão
Evidência do Sr. E. T. Bennett
Um Repórter de Malvern
Sr. James Burns
Sr. H. D. Jencken
2. Da Audição
Evidência do Sr. Serjeant Cox
Sr. George King
Sr. Hensleigh Wedgwood
Srta. ***
Diácono Mouls
Evidência da Baronesa Von Vay
G. H. Adshead
W. P. Adshead
E. H. Valter
J. L. O'Sullivan
Epes Sargent
James O. Sargent
John Wetherbee
H. B. Storer
C. A. Greenleaf
Audiência Pública com Watkins
II. DOS ESCRITOS DE LÍNGUAS DESCONHECIDAS DOS PSÍQUICOS
Grego Antigo - Evidência do Honorável Rev. Dale Owen e Sr. Blackburn (Slade)
Holandês, Alemão, Francês, Espanhol, Português (Slade)
Russo - Evidência de Madame Blavastsky (Watkins)
Grego Moderno ou Românico - Evidência de T. T. Timayenis (Watkins)
Chinês (Watkins)
III. DOS TESTES ESPECIAIS QUE IMPEDEM PREPAROS ANTERIORES À ESCRITA
Psíquicos e Evocadores contrastados
Slade perante o Comitê de Pesquisas da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas
Slade testado por C. Carter Blake, Doc. Sci [1]
Evidência do Rev. J. Page Hopps (Slade)
Evidência de W. H. Harrison (Slade)

[1] N. do T.: Doc. Sci. Sigla para Doctor Scientific ou Doutor em Ciências.

Evidência de J. Seaman (Slade)

ESCRITOS dentro de lousas firmemente aparafusadas
Evidências de Sra. Andrews e J. Mould
DITADOS na Hora do Experimento
Evidência de A. R. Wallace, FRGS[2]
Hensleigh Wedgwood, J.P.[3]
Rev. Thomas Colley
A. V. Oxley
George Wyld, M.D.[4]
Sra. Kislingbury
ESCRITOS em Resposta A Questões Dentro de uma Caixa Fechada
Evidência de Sra. Adshead
DECLARAÇÃO de Circunstâncias sobre as quais os experimentos com F. W. Monck foram conduzidos em Keighley
ESCRITOS em vidro revestido com tinta branca.
Evidência de Benjamin Coleman
CARTAS ENDEREÇADAS AO "THE TIMES" COM INTUITO DE ACUSAR HENRY SLADE PELOS SRS. JOY, JOAD E PROFESSOR BARRET, F.R.S.E.[5]
EVIDÊNCIA DE W. H. HARRISON, DO "THE SPIRITUALIST"
SUMÁRIO DOS FATOS NARRADOS
DEDUÇÕES, EXPLICAÇÕES E TEORIAS
A NATUREZA DA FORÇA: SEU MODO DE OPERAR
Evidência de C. Carter Blake, Doc. Sci., e Conrad Cooke
RUÍDOS DETONANTES CONEXOS.
Evidência de Hensleigh Wedgewood, J. Page Hopps, Thomas Colley.
MÉTODO DE DIREÇÃO DA FORÇA
Teoria do Dr. Collyer
Teoria do Dr. George Wyld
Teoria Ocultista
Teoria Espiritista
APÊNDICE
O Mágico da Corte de Berlim com Slade
Slade com o Grão-Duque Constatine
Experimentos Recentes com Monck

[2] N. do T.: F.R.G.S.: sigla para Fellow of Royal Geography Society ou Companheiro da Sociedade Real de Geografia.

[3] J.P.: sigla para Justice of the Peace ou Juiz de Paz.

[4] M.D.: sigla para Medical Doctor ou Doutor em Medicina

[5] F.R.S.E.: sigla para Fellow of Royal Society of Edinburgh ou Companheiro da Sociedade Real de Edinburgo

LISTA DE LIVROS RELACIONADOS COM PSICOGRAFIA E AFINS.

____ - *Report on Spiritualism of the Committee of the London Dialectical Society*

BLAVATSKY, H. P. - *Isis Unveiled* (editado em português pela Editora Pensamento-Cultrix com o título *Ísis Sem Véu*, em dois volumes)

CROOKES, William - *Researches in the Phenomena of Spiritualism* (editado parcialmente em português pela Editora da Federação Espírita Brasileira com o título *Fatos Espíritas*)

CROWELL, Eugene - *Primitive Christianity and Modern Spiritualism.*

EDMONDS, Juiz - *Letters and Tracts on Spiritualism*

GULDESNTUBBÉ, Barão L. de - *La Realité des Esprits et le Phenomene Merveilleux de leur Ecriture DIrecte.*

HARE, Robert - *Experimental Investigation of the Spirit Manifestations*

OWEN, Hon. R. Dale - *Footfalls on the Boundary of another World.*

OWEN, Hon. R. Dale - *The Debatable Land* (editado em português pela Editora da Federação Espírita Brasileira com o título *Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro*)

SARGENT, Epes - *Planchete*

TUTLLE, Hudson - *Arcana of Spiritualism*

WALLACE, A. R. - *Miracles and Modern Spiritualism*

INTRODUÇÃO

Antes de começar o trabalho especial no qual me impus, eu desejo me fazer claro com o que proponho e o que não proponho atingir em a sua execução.

Proponho, então, expor certos fatos de meus próprios conhecimentos a respeito de uma classe do fenômeno psíquico - a psicografia, ou escrita anormal. Esses fatos (respeitando um assunto que obteve muita publicidade durante o ano passado[6]) eu expus com minha própria autoridade e como parte de minha própria experiência na investigação dos mesmos.

Proponho, além disso, coletar, em uma forma conveniente para referências, outros fatos de natureza similar testemunhados por outras pessoas. Fazendo assim, eu coloquei ao fato especial um sobreaviso e eliminei todas as evidências que não passaram em rígido escrutínio. Confiando a mim mesmo essa classificação do fenômeno, eu evitei repetições e multiplicação indevida de narrativas. Inteiramente cônscio que evidências desta natureza são cumulativas, eu também creio que há um ponto onde o poder cumulativo cessa e julguei melhor reduzir o problema o máximo possível.

Respeitando esses fatos, eu não proponho tomar partido de qualquer teoria, embora deva enumerar algumas hipóteses brevemente conforme for necessário. Não devo me avexar e nem alarmar meus leitores com discussão de qualquer rejeição ulterior com as quais alguns investigadores se confundem. Não tenho nada a ver com a alegação que estas ou aquelas coisas são *ex rerum natura* (da natureza do caso) para rejeitar sem a formalidade de um julgamento. Este é um método arcaico - mais arcaico que venerável - de dispor de fatos. Houve um tempo, algures na História, quando foi empregado para refutar quase toda manifestação da verdade que era nova e indesejada, assim como chega um momento na história de cada nova descoberta quando o velho método é abandonado e aqueles que o empregaram esforçam-se, com um sorriso amarelo, para mostrar que estavam apenas brincando e que eram, embora não tenhamos observado, amigos reais e confiáveis da verdade.

Não proponho me antecipar ao tempo da história desse fenômeno psíquico por algum argumento prematuro. Convencido de que está próximo o tempo em que a Ciência reconhecerá o trabalho neste assunto, eu pacientemente esperarei, quando alguns dos mais proeminentes representantes abandonarão suas falsas posições com tais bons espíritos que possuem.

Enquanto aos fatos, eu não me atrevo a manter nada além do que eles forneceram de evidências da existência de uma Força e de uma Inteligência externa governando o corpo humano. Esta Força é convenientemente chamada Psique, é a Ódilo, ou Força Od, de Reichenbach; a Força Nerval, da Aura, de outros escritores; a Força Ectênica, de Thury; a Akasa, dos hindus, ou, compreensivelmente, Força Vital. O nome interessa pouco, mas o termo Psique, além de seus compostos, aplicados à Força, ao canal pelo qual flui, e a suas

[6] N. do T.: 1877, devido ao julgamento do médium americano de efeitos físicos Henry Slade.

várias formas de manifestação, parece mais simples e livre de objeções [7]. Não proponho cobrir meus dados com qualquer argumento quanto à fonte e caráter da Inteligência, exceto onde derivam de deduções da minha narrativa.

Não distinguirei os termos Alma e Espírito. Não me importo com qual é usada; embora, por mim mesmo, emprego o termo Espírito como equivalente ao que São Paulo chamou de Corpo Espiritual, oposto ao Corpo Físico. Alma, eu considero o Princípio Divino pela virtude da posse pelo ser humano como herdeiro da Imortalidade. Outros usam os termos diferentemente, fazendo da Alma o Corpo Astral ou Espiritual, e o Espírito o equivalente ao que chamamos Alma. Aqui não é o lugar para argumentar esse ponto. Ao usar um ou outro termo, eu tento indicar o Princípio Espiritual no Homem - o *self*, o ego, o ser interno - o qual, agindo pelo ser material, é, como creio, independente em sua existência, e sobreviverá à morte do corpo.

Respeitando essa Inteligência, que é mostrada nas mensagens escritas por esses meios anormais, eu não direi o que seja ou não seja digno de atenção na conta da matéria das comunicações. Posso dizer algo nas justas linhas de críticas a respeito, mas meu objetivo é preenchido sem qualquer queda de lado. O que estiver escrito pode ser tão parvoíce quanto as minhas críticas. Se não for tão tolo, servirá para meus argumentos. Afinal, foi escrito? Então coloquemos a bizarrice de lado e a contaremos como um fato presente.

Nem contarei que as mensagens sempre, ou mesmo geralmente, procedem da fonte pretendida. Sem mais fontes alimentadoras de controvérsia. Os sensos de decoro e propriedade são ultrajados com a afirmação que é feita desses escritos freqüentemente bobos e ridículos, que eles procedem da fonte alegada, sendo, às vezes ou não, de algum parente do experimentador ou outro grande nome da História. O choque do bom gosto e sentimentos então administrados põe o investigador em uma atitude de oposição indigna. Recusa-se a dar crédito ao que para ele é tão monstruoso, e pula, furioso, à conclusão que se é improvável explicar também o é o fato. Creio que qualquer um que me faz o favor de ler o que escrevi permitir-me-á dirigir sua atenção ao fato simples e pedir-lhes-ei que deixem a matéria dos escritos para outra hora, pois, por ora, nada direi acerca do conteúdo. É suficiente que sejam evidências de um fato concreto.

Eu não direi que essa Inteligência é sempre independente dos psíquicos em cuja presença os fenômenos ocorrem, de umas ou de todas as pessoas presentes. Aqui não é o lugar para discutir os poderes do espírito humano, ou os limites da ação transcorporal.

Nem mesmo direi que a Inteligência é "inteligente". Às vezes, não é; mas sempre, até onde sei, há evidências de planejamento, de desígnio, de propósito. Não irei tão longe, aliás, para discutir as questões, nos casos dados, se a Inteligência é humana ou subumana. São todos pontos que geram graves discussões, e em cada um deles eu poderia dizer muito, mas não o farei por medo de perder atenção do meu único ponto - o fato da Psicografia.

---

[7] É comum entre aqueles que coletaram esses fenômenos empregarem o termo “médium” para os psíquicos, e com isso fabricar barbaridades filológicas como “mediunidade”. Os termos poderão ser encontrados em muitos dos fatos coletados, mas eu empreguei o termo Psíquico e seus compostos, preferencialmente, pelo meu julgamento. - N. do T.: para maior fidelidade ao texto original, o termo "psychic" foi traduzido por "psíquico" e "médium" por "médium", o leitor saberá quando é o autor ou quando é um relato ao ver tais palavras.

Neste sentido eu devo, de todo modo, citar a conclusão chegada pelo Sr. Crookes, F.R.S.[8], após longa série de observações e experimentos científicos amontoados no *Quarterly Journal of Science* (Revista Trimestral de Ciências), de janeiro de 1874. Falando do fenômeno dos sons percussivos, ele disse:

> *"Uma pergunta importante aqui se força à ribalta. São os movimentos e sons governados por uma inteligência? Nos primeiros momentos de inquirição, pareceu que o poder produzindo o fenômeno era nada mais do que uma força cega, porém associada ou governada por uma inteligência... A inteligência governando o fenômeno é, às vezes, manifestada através do médium. Quando uma determinação foi expressa para fazer algo que poderia não ser considerada correta, eu tomei conhecimento de mensagens urgentes que induziram à reconsideração. A inteligência é, às vezes, de tal caráter que leva a acreditar que não emana de nenhuma das pessoas presentes."*

A isto posso somar nos números dos casos relatados - por exemplo, aquele da Srta. Laura Edmonds, a filha do juiz Edmonds, de Nova Iorque - e em muitas que tenho percebido, a Inteligência não é apenas distinta do psíquico, mas usa uma linguagem desconhecida ao mesmo e comporta informação elaborada, precisa em detalhes, na qual ele ou ela não tinha conhecimento prévio e, não apenas isso, que não era de conhecimento de qualquer pessoa presente.

[8] N. do T.: F.R.S. sigla para Fellow of the Royal Society ou Companheiro da Sociedade Real.

PSICOGRAFIAS PRETÉRITAS:

GULDENSTUBBÉ - CROOKES

A psicografia, ou escrita sem intervenção ordinária do ser humano, não é nova, embora só ultimamente houve chamado atenção. Foi familiar a todos os investigadores do fenômeno psíquico, sendo chamado de Escrita Direta ou Independente. Relatos de sua ocorrência são encontrados na maioria dos trabalhos antigos e foram perfeitamente conhecidos daqueles estudantes antigos e medievais do ocultismo cujas pesquisas jogaram tantas luzes naquilo que agora achamos tão desconcertantes. O relato mais marcante, de todo modo, foi feito pelo Barão Guldenstubbé, em um livro intitulado *La Realite des Esprits, et le Phenomene Merveilleux de leur Ecriture Directe* (A Realidade dos Espíritos e o Fenômeno Maravilhoso da Escrita Direta).

O Barão deve ter sido um psíquico de grande poder, por todos os escritos que obteve sem a ajuda de qualquer pessoa e sob condições tais que, na maioria dos casos, obstaria a esperança de resultados satisfatórios. É assim com experimentos desta natureza: certas condições são requeridas para sua satisfação. Essas condições foram, e são, muito exageradas e mal-apresentadas, sendo popularmente suposta a escuridão como o principal desiderato. Não é assim. Creio que cada fenômeno - exceto tais que requerem mesmo escuridão para suas observações, como, por exemplo, aparições fosforescentes - podem ser produzidas em plena luz. Muito mais tempo e paciência podem ser requeridas, mas, garantindo-as, a luz não é a barreira final para o sucesso. É muito de se lamentar que as tentativas mais persistentes não foram feitas para produzir esses fenômenos à luz suficiente para a observação exata. O fato que isso agora foi feito, com tal sucesso que eu presentemente mostro, remove um dos impedimentos à observação no futuro.

Barão Guldenstubbé parece ter sido capaz de dispensar as usuais condições sobre as quais a escrita é obtida - uma sala fechada com atmosfera carregada magneticamente, luz sutil, e uma reunião formal de pessoas pelas quais a força necessária era envolvida. Ele obtinha seus escritos a qualquer lugar e hora, a céu aberto, em cima de uma lápide, local que ele especialmente gostava. Isso batia com sua idéia da fonte da escrita, portanto facilitaria sua execução. Isto, pode-se dizer de passagem, é mais do que requerido para se obter sucesso, que o psíquico, através de quem a força esteja envolvida, esteja calmo e confortável. Se ele tem alguma idéia especial sobre a fonte do fenômeno, controvertê-lo por argumentações é causar uma quase certa falha. Deixe-o por si mesmo, cercando-o com o que o conduz ao conforto de mente e corpo e com liberdade de seguir suas opiniões como o melhor meio de assegurar resultados, assim o sucesso usualmente se alcançará.

Por isso é que, quase certamente, os melhores e mais confiáveis fenômenos são vistos em círculos privados, onde todos os participantes são amigos, unidos por laços de amizade ou afeição.

Entre os lugares onde os experimentos foram feitos com sucesso estão o Louvre, o Museu de Versailles, a Catedral de São Denis, Abadia de Westminster, o Museu Britânico, os

Cemitérios de Montparnasse, Montmartre e Pere-la-Chaise, Bois de Bolonha e várias igrejas e ruínas antigas na França, Alemanha, Áustria e Inglaterra.

A lista de testemunhas, vinte e sete no total, selecionados em um enorme rol de pessoas distintas que assistiram os experimentos do Barão, inclui os nomes de H. Delamarre, editor de o *Patrie*; H. Choisselat, editor de o *Univers*; Sr. Dale Owen; M. Lacordaire, irmão do grande orador; N. de Bonochose, historiador; M. Kiorboe, um bem-conhecido pintor sueco; o Barão von Rosenberg, embaixador alemão na corte de Würtemberg; Príncipe Leonilde Galitzin e dois outros representantes da nobreza de Moscou; e o rev. William Mountford, que contribuiu com seu testemunho pessoal ao *The Spiritualist* de 21 de dezembro de 1877.

Sr. Coleman, de Upper Norwood, cuja vasta experiência remonta a seus primeiros anos, informou-me que ele também se lembra do Sr. Dale Owen indo a Paris a fim de testemunhar esses incríveis experimentos. Ele disse ao Sr. Coleman em detalhes da sua ida junto com o Barão e a irmã deste, Julia, a várias capelas em Paris, onde deitou ao chão folhas de seu próprio papel, sem lápis ou material para escrita; retirando-se uns poucos passos, mas nunca perdendo de vista os papéis, ele achou uma mensagem inteligente escrita em cada folha. Sr. Coleman foi um desses curiosos psicógrafos por si mesmo. Isso foi obtido no Palácio de Trianon, em Versailles.

O livro é ilustrado por trinta fac-símiles de psicografias obtidas e selecionadas das mais de dois mil espécimes em vinte diferentes línguas e algumas delas cobrindo dezenas de páginas. Elas foram obtidas entre os anos de 1856 e 1872. O primeiro experimento foi feito colocando papel e lápis em uma caixa lacrada e a chave nunca deixada na posse do Barão. Ninguém sabia do fato que tal experimento estava em andamento. Após vinte dias, durante os quais nenhuma marca foi feita no papel, apareceu nela certo caractere misterioso e, durante aquele dia, dez experimentos separados deram resultados satisfatórios. A caixa foi então deixada aberta e observada, e os escritos foram visto crescer no papel sem uso de lápis. A partir daí, ele abandonou o uso do lápis e obteve seu enorme número de psicografias pelo simples processo de pôr papéis em branco em uma mesa de sua sala, em construções públicas, em pedestais de antigas estátuas ou nas lápides em igrejas e cemitérios. Aparentemente pouco importava onde o papel era posto, e isso é mais do que provável que o Barão, pelo exercício de sua vontade, poderia obter qualquer nome em qualquer lugar. A associação do nome e estátua ou tumba era uma conseqüência de sua predisposição mental.

O leitor curioso encontrará uma contagem geral desses experimentos feitos pelo Barão no seu livro acima citado; e para mais informações sobre esses fenômenos e outros relacionados, pode-se consultar as obras, na lista afixada a este volume.

O Sr. Crookes, em seu comentário no *Quarterly Journal of Science* acima mencionado, que foi reimpressa em seu *Researches*, anota dois notáveis exemplos de psicografia, que eu citarei como mostra da facilidade da observação em um dos casos, e o resultado satisfatório obtido na escuridão, onde não há espaço para duvidar da evidência então conseguida. É comumente suposto por aqueles que nunca tentaram o experimento que nenhuma evidência obtida em uma sala escura tem valor. O fato do Sr. Crookes pode dissipar tal erro:

"(…) o primeiro exemplo que eu devo expor tomei, é verdade, em uma sessão espírita no escuro, mas o resultado não foi menos satisfatório por isso. Eu estava sentado perto da médium, Srta. Fox, as outras pessoas presentes eram minha esposa e uma parenta, eu estava segurando as duas mãos da médium com uma minha, enquanto seus pés descansavam sob os meus. Papéis estavam na mesa perante nós e minha mão livre segurava um lápis.

Uma mão luminosa desceu da parte mais alta do quarto e, após flutuar perto de mim por alguns segundos, pegou o lápis de minha mão, rapidamente escreveu num pedaço de papel, jogou o lápis fora e então voou sobre nossas cabeças, gradualmente evanescendo na escuridão."

Meu segundo exemplo pode ser considerado como falha. "Uma boa falha, às vezes, ensina mais do que o mais satisfatório experimento". Foi feito na luz, em minha própria sala, com uns poucos amigos íntimos e Sr. Home presente. Várias circunstâncias, as quais eu não preciso aludir, mostraram que o poder daquela tarde era forte. Eu havia expressado um desejo de testemunhar a produção real de uma mensagem escrita, tal qual eu havia ouvido a descrição um tempo antes de um amigo. Imediatamente, uma comunicação alfabética foi feita como segue: 'tentaremos'. Um lápis e algumas folhas de papel foram postas no centro da mesa; passado um tempo, o lápis ficou sob sua ponta e, após avançar hesitante sobre o papel, caiu. Levantou-se e caiu de novo. Uma terceira vez tentou, mas sem melhor sorte. Após três tentativas infrutíferas, uma pequena lasca de madeira que jazia perto da mesa deslizou em direção ao lápis e elevou-se a poucos centímetros da mesa; o lápis endireitou-se de novo e, jogando-se contra a lasca, os dois juntos fizeram o esforço de marcar o papel. Ele caiu e um novo esforço conjunto foi feito. Após uma terceira tentativa a lasca desistiu e voltou ao seu lugar, o lápis caiu sobre o papel e uma mensagem alfabética nos dizia - "Tentamos fazer como solicitaram, mas nosso poder acabou."

EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Há quase cinco anos, me familiarizei com os fenômenos de psicografia e tenho observado um vasto número de casos, com psíquicos reconhecidos publicamente e com damas e cavalheiros anônimos, que possuem o dom e prontamente dão resultado. No curso dessas observações, tenho visto psicografias obtidas em caixas fechadas e lacradas, em uma maneira similar aos experimentos acima descritos no caso do Barão Guldenstubbé; em papéis previamente marcos e postos em posições especiais, das quais não foram movidos; em papéis marcados e postos debaixo de mesas, no escuro; em papéis nos quais eu pus meu cotovelo e outros cobertos pela minha mão; em papéis envelopados e em fardos seguramente amarrados.

Eu sei que tais escritas são quase instantaneamente produzidas e, nos experimentos recentes, aos quais falarei no tempo apropriado, confirmam-me que o processo empregado nem sempre é o mesmo. Muitas vezes o lápis parece escrever como se movido por uma mão invisível, embora possa ser vista em outras, guiando e controlando seus movimentos; noutras os escritos parecem ser produzidos por um esforço instantâneo sem o uso de lápis. Eu lembro de um exemplo que transparece a questão do uso do mesmo.

Estava eu em uma sessão espírita na casa de um amigo íntimo, três pessoas presentes apenas. Uma folha, previamente marcada por todos nós, foi posto no chão debaixo da mesa, junto com um lápis preto. Um de nós, sentindo o lápis contra sua bota, pôs o pé sobre ele e o segurou até que a sessão se findasse. Um escrito, entretanto, foi encontrado no papel; e debatemos a questão de como fora feito, pois nenhum lápis estava disponível para uso. Encontramo-nos de novo durante a mesma semana, e eu providenciei secretamente os meios a fim de testá-lo. Creio que este é caso constante e que a escrita instantânea é feita por algum método diferente do que com o uso normal do lápis. Isso foi notado pelo Barão Guldenstubbé, como citei acima, e foi observado em alguns casos da escrita em ardósia com Slade, que relatarei mais à frente; e um caso de meu conhecimento onde um lado da lousa de ardósia é freqüentemente coberta com escritos em poucos segundos. O psíquico em tela era uma dama, cujo nome não tenho autorização para publicar.

TESTEMUNHO PESSOAL

Agora, dou meu próprio testemunho do que presenciei junto a dois psíquicos bem conhecidos do público, Henry Slade e Francis W. Monck, selecionando aqueles pontos que tocam no mote deste opúsculo.

Fiz uma sessão sozinho com Slade no mês de julho de 1877 e carregava comigo uma pequena lousa de porcelana branca, tirada de minha própria escrivaninha. Eu a segurei por debaixo da mesa, no canto mais longe de Slade e obtive uma pequena linha, escrita com a ponta de um lápis de grafite que tinha posto sobre ela. Slade usava lousas comuns e lápis de ardósia e, em uma dessas placas, enquanto segurávamos juntos, várias mensagens foram escritas. A maior e mais elaborada delas, que cobria ambos os lados da placa, foi escrita enquanto ela jazia na mesa perante mim. Pus meu ouvido em cima dela e pude ouvir distintamente a escrita em processo. O som cortante era do lápis movido deliberada e

cuidadosamente por sobre a placa e demorou um tempo considerável, eu diria que três a quatro minutos. Notei especialmente o fato que o som vinha da placa imediatamente sob meu ouvido, também observei que uma mínima mudança de posição a escrita podia ser interrompida.

Para fazer minha posição inteligível, eu fiz um diagrama exato da mesa usada por Slade[9], que foi produzida na corte do julgamento da Bow Street e que pode agora ser vista por curiosos na sala da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, no número 38 da Great Russell Street. A mesa usada durante minhas experiências era uma antiga, de quase do mesmo tamanho, pertencente aquela casa. Foi apenas quando essa mesa caiu em pedaços que Slade construiu outra para si. Era feita de madeira inteiriça para resistir ao longo uso e de incrível simplicidade a fim de ser facilmente examinada. O diagrama e explicações farão com que meus leitores entendam o que o Sr. Maskelyne audaciosamente descreveu no julgamento da Bow Street, como se fosse uma mesa-fajuta.

A Fig. 2 representa a mesa do Dr. Slade trazida à Bow Street, é uma mesa de cozinha comum, mas feita de freixo. A moldura “A” acima, conforme foi declarado pelo homem que a fez, era um pouco mais larga do que as comumente usadas; ele a fez assim, apenas para dar uma vitalidade adicional. Não há, como todas as mesas do tipo, molduras em volta das quinas.

Não havendo nenhuma estrutura de revestimento em cada quina – nada, além de uma honesta peça de freixo sólido - é fácil de ver que quando o Dr. Slade segura a placa, “B” (fig.3), contra a quina de madeira sólida, “A”, e a escrita poeirenta e seca do lápis de ardósia aparece, tudo no lado de cima da placa e na sombra sob a quina. Quão perturbador tal ocorrência deve ser para o equilíbrio mental dos materialistas mais ferrenhos.

“B”, “D” e “E” (fig. 1) mostram o lado de baixo da mesa, mas colocamos dois suportes comuns debaixo da quina (RR), enquanto que a mesa do Dr. Slade tinha nada além de um suporte fino e simples debaixo de cada quina, como mostrado em “N”, debaixo da quina “EE”. A placa "em posição" é mostrada em “H”, onde o suporte está fora de seu lugar, um dos suportes duplos, “R”, ali, poderia ser um estorvo, interferindo com o posicionamento da placa. “DD” é parte da mesa diretamente conectada com a moldura e “AA”. “AA” são os cumes dos quatro pés da mesa.

Dr. Slade nunca senta na quina da mesa em “X”. Ele sempre senta de lado, contra a moldura em “TD”, virando seus pés na direção do baixo “E”, e colocando a placa sobre a mesa no canto, então o observador, que sempre senta no mesmo canto à luz do dia, tem - ou pode ter, se pedir - as mãos e pés do Dr. Slade e a borda da placa sempre em vista.

Às vezes, Dr. Slade, com seu polegar na parte superior da placa em “W”, empurra-a, “WK”, até a metade por debaixo da mesa, como representado em “K”, então a retira, com o movimento todo tão rápido quanto o balouçar de um pêndulo, ainda que durante o movimento a parte da placa “K” fique nas sombras, uma sentença é garatujada na escrita seca e poeirenta do lápis de ardósia.

[9] N. do T.: no original havia croquis detalhando a mesa e a posição dos participantes da mesa. Aqui, sem as fotos, tentei detalhá-las conforme o autor foi descrevendo.

A posição na qual estávamos colocados era esta: Slade sentado de lado em “TD” e com suas costas para a janela, por onde um sol julino atravessava; as persianas estavam abertas e cada canto da sala estava aclarado. Eu sentei no lado oposto a “N”; minha destra junto da de Slade no tampo da mesa, como uma cadeia, minha sinistra junto da dele segurando a placa em “H”. Quando minha mão se levantava do tampo e não tocava a de Slade, a escrita parava de inopino e voltava quando o contato era restabelecido. Outros observadores também perceberam o fato. Sr. F. W. Percival estava especialmente impressionado com a facilidade com que a escrita podia parar pela quebra de contato e a rapidez com que um ligeiro toque, mesmo no casaco de Slade, poderia pô-la de novo em febril ação. Ele anotou isso em seu primeiro testemunho impresso, e tem freqüentemente mencionado para mim desde então.

A escrita na minha própria placa de porcelana foi obtida enquanto eu a segurava sobre o canto em “E” e Slade não a tocava.

O próximo pedaço da evidência pessoal que ajunto foi obtido com outro psíquico, F. W. Monck. O local foi no número 26 da Southampton Row; a data, 19 de outubro de 1877, de tarde; a luz, de uma pequena lamparina, era suficiente para observação; os presentes, Rev. Thomas Colley, último Cura de Portsmouth, Sra. Colley, eu mesmo e o psíquico.

Eu examinei, limpei cuidadosamente e marquei secretamente duas pequenas lousas escolares, que eram aparentemente novas; coloquei um pequeno fragmento de lápis de ardósia entre suas superfícies e amarrei-as forte, então elas não poderiam deslizar, nem poderia alguma coisa ser inserida entre elas. Atei a corda com um nó comum. Após isso, eu mesmo coloquei-as na mesa perante mim e pedi ao Sr. Colley colocar seu dedo em uma quina, enquanto eu colocava na do lado e Monck, que sentava oposto a nós, pôs suas mãos nos cantos perto dele.

Foi-me pedido escolher alguma palavra pequena para que fosse escrita nas lousas. Eu escolhi *snow*[10]. O som da escrita foi escutado indistintamente e fui informado por Monck, em transe, que a palavra havia sido grafada. Três fatos foram então afirmados, que uma má formada letra “S” fora apagada e que duas outras letras tinham certa especificidade em suas formações.

Essas afirmações foram feitas, seja observado, enquanto as lousas jaziam sob meus dedos e eu verifiquei de inopino ao desatar a corda que as unia. Por não terem saído de minhas vistas, é inútil dizer que meu nó estava intacto. Dentro das lousas eu achei a palavra *snow* escrita e com as formações peculiares e o apagão que haviam predito. Em adição, as palavras *favourite way*[11] foram escritas. Enquanto o experimento estava em processo, conversávamos sobre o modo peculiar no qual nomes são freqüentemente soletrados nesses escritos e um de nós lembrou que, embora um nome de batismo particular era normalmente escrito, nunca era abreviado do modo favorito do dono. As palavras foram captadas e escritas na hora dentro das lousas.

Para comentar, eu anoto os seguintes pontos neste experimento:

1. As lousas eram novas, limpas, marcadas secretamente e atadas fortemente.

[10] N. do T.: Neve.
[11] Modo favorito

2. Elas nunca saíram de minhas vistas, nem minha mão retirou-se delas por nenhum momento.
3. Elas nunca saíram de minha posse após tê-las limpado e marcado.
4. A luz era suficiente para exata observação.
5. As palavras escritas não poderiam ter sido preparadas de antemão.
6. Tenho a corroboração de duas testemunhas.

Mais um caso eu mostro como um pedaço de evidência pessoal, antes de continuar com os experimentos de outros. Quando a matéria veio primeiramente a mim, eu esforcei-me a submetê-la a um teste crucial. Para isso, eu perfiz um experimento similar ao feito antes pelo Barão Guldenstubbé, cujo nome nunca havia antes ouvido. Inclui um pedaço de papel em uma maleta minha, lacrei-a e pus em minha gaveta privativa. A chave desta gaveta, na qual a maior parte de meus papéis particulares é guardada, nunca saíram de minha posse e assegurei-me de vigiá-la durante o experimento. Deixei o papel quieto por vinte e quatro horas e, ao final do prazo, descobri sobre ele uma escrita muito distinta e clara, cobrindo toda sua superfície.

Neste caso, eu noto a ausência de qualquer possibilidade de engodo concebível a mim mesmo. Ao mesmo tempo, eu noto também a ausência de testemunhas corroborativas.

EVIDÊNCIAS GERAIS CORROBORATIVAS

Começando, então, do núcleo de minhas próprias experiências relatadas, como prometido a mim mesmo, com a maior acuidade possível, eu agora procedo a aludir às evidências de outros que tenham observados fatos que corroboram com aqueles agora relatados.

Pelo bom ordenamento, eu apresentarei as evidências sob vários títulos.

I - EVIDÊNCIAS ATESTADAS PELOS SENTIDOS.

1. Pelo sentido da Visão

Já disse anteriormente que a evidência na qual mais confio é aquela que é obtida na luz suficiente para exata observação. Eu ainda não estou preparado para dizer que toda evidência satisfatória deva ser obtida independentemente da visão, mas estou quase certo de que "ver é crer". Começo, portanto, com um fato dado por Sr. E. T. Bennett, de Manor-Villas, Richmond, e publicado no *The Spiritualist* de 21 de setembro de 1877.

Devo alertar antes de continuar que a linguagem usada nos relatos é aquela que todo espiritista adota. Uso-a sem me conectar ou desejar prometer aos meus leitores qualquer teoria. Os termos usados são conforme a aceitação do significado e se dá sem disputas ou questionamentos.

> *"Domingo à tarde, um círculo consistindo do Dr. Monck, Sra. F., Srta. R., um médico, Sr. Christian Reimers, e eu mesmo, encontramo-nos na casa do Sr. Reimers, no número 6 da Manor-Villas, em Richmond. Sentamos ao redor de uma mesa normal, na qual foi colocada para trabalho uma pequena caixa de música, duas pequenas lousas, papel e lápis preto. Uma vela bruxuleante foi posta na sala contígua, a porta aberta, portanto havia na sessão luz suficiente para ver os vários objetos na sala e a hora pelo relógio.*
>
> *Após algumas manifestações preliminares comuns, o guia do D. Monck se dirigiu ao médico, a quem chamarei Dr. A., e pediu que lhe disse uma palavra para ser grafada nas lousas. As mesmas foram examinadas e marcadas por mim mesmo, amarradas pelo Dr. A. Como nenhum lápis de ardósia pôde ser encontrado, um fragmento mínimo de grafite foi colocado entre elas, o que acreditávamos pudesse fazer as marcas. Dr. A. então escolheu a palavra* darling[12] *e as lousas foram postas na mesa com as mãos do Dr. Monck e do Dr. A. nelas.*
>
> *Guia do Dr. Monck: 'Não tendes nenhum lápis de ardósia?'*

[12] N. do T.: querida.

Dr. A.: 'Não. Há um pedaço de grafite dentro; não podes escrever com isso?'

Guia do Dr. Monck: 'Não gostamos desses. Podemos pegar um por nossa conta?'

Dr. A.: 'Sim.'

Guia do Dr. Monck: 'Meu médium irá circundar as lousas em volta da cabeça do doutor e coloca-las-á em cima da mesma. Pronto, feito!'

Vela trazida. As lousas (que nunca saíram das vistas de todos no círculo) desatadas. Dentro delas estava a palavra darling *escrita em letra cursiva larga e trêmula, como feita por lápis de ardósia, mas não havia nenhum visível.*

Guia do Dr. Monck: 'Diga-me o nome de batismo de algum amigo que gostaria de estar aqui.'

Dr. A.: 'Sophia.'

Guia do Dr. Monck: 'Ela está aqui e há um senhor de idade com ela, de aparência veneranda. Ele sente muito por alguma coisa, creio ser sobre dinheiro. Ele tem uma coisa estranha em sua cabeça, uma coroa com pontas para cima e pequenas bolas nelas.'

Dr. A.: 'Poderia nos dar seu nome?'

Controlador do Dr. Monck: 'Ele disse que tentará escrevê-lo.'

*O médium pediu um pedaço de papel, segurou-o por um minuto e colocou-o na mesa com um pequeno lápis sobre ele. O lápis se moveu, ninguém o tocando. Fez tentativas efêmeras de se levantar. Finalmente conseguiu, vimos ficar de pé por si próprio e escrever como se por uma firme mão por alguns segundos para depois cair inerte. Dr. A. pegou o papel e encontrou o nome *****, que era um nobre falecido com quem havia tido relações profissionais, era parente da moça a qual havia dado o nome e cuja hierarquia estava corretamente indicada pela 'estranha coroa'."*

O Sr. Bennett conhece esses fenômenos, e refere-se a eles como ações de espíritos desencarnados, usando a fraseologia comum àqueles que comungam de tal crença. Ele não é um entusiasta, mas um calmo e capaz observador. Nem são seus relatos singulares. Fico feliz por poder ter como corroborador uma testemunha cética, uma que não esteja familiarizado com esses fenômenos, que se aproxima deles com suspeição, que fica em guarda com suas afirmativas e, mais especificamente, com suas conclusões. Suas predisposições, em qualquer nível, não são excitadas em nosso favor. Minha testemunha é um repórter do *Malvern News*. O psíquico neste caso é de novo Monck e o locar onde os experimentos tomaram corpo foi uma casa em Malvern, "a qual ele nunca havia entrado até aquela tarde." O conto, resumido, lê-se assim:

"Logo após as seis horas, algumas damas e cavalheiros haviam chegado, a maioria estranha entre si, sentaram em uma mesa oblonga de reunião, a qual havia sido coberta com um fino cobertor Witney, a cobertura comum que é usada como blecaute nas janelas. Cada partícula de luz natural foi impedida de entrar e o gás ligado ao máximo. Após já estarem todos em seus lugares há

algum tempo, Dr. Monck pediu um lápis e algum papel. Três lápis foram postos à disposição e ele selecionou o nosso. Um pedaço de papel foi-lhe dado, no qual o lápis foi disposto. Ele então pediu emprestado um lenço e selecionou o nosso, o qual ele cuidadosamente jogou sobre o lápis e o papel. Em plena luz da lamparina, o lápis se levantou e ficou sob a ponta, as mãos do Dr. Monck até àquela hora estavam por trás de sua cabeça. Ele removeu o lenço e ali parou o lápis, mas não havia escrita no papel. Um cético pensou que o lápis estava preso na mesa pelo cobertor. Após pedir ao Dr. Monck, ele o pegou, examinou-o e colocou-o de volta. Não demorou muito e o lápis se ergueu de novo e escreveu no papel uma sentença, às vistas de todos, respeitando as condições desfavoráveis."

Há de se notar que a luz era ampla para as observações e que a requisitada escuridão para a produção da escrita foi obtida sem nenhuma interferência com as instalações para exata investigação. A matéria conclui com uma confissão da parte do repórter da incapacidade de explicar como os resultados "testemunhados por nove damas e cavalheiros sãos mental e corporalmente" foram produzidos. "Como alguns deles," ele acrescenta, "são bem conhecidos em Malvern, podem eles nos contradizer se o que aqui transcrevemos não for a verdade."

Com o mesmo psíquico, o editor do *The Medium*, Sr. James Burns, do Instituto Espiritual, no número 15 da Southampton Row, W.C., fez um experimento de valor. As pessoas presentes eram ele mesmo e sua esposa e o local foi sua própria casa:

"Eu tinha na mesa perante mim várias folhas de papel, nas quais eu tomava notas. O Dr. Monck pegou uma em branco e a partiu ao meio. Uma delas foi dobrada três vezes. Depois de amassada, colocou-a sobre um lenço branco que estava na mesa. Uma comum e grande lapiseira foi então posta ao lado do papel. Essa lapiseira de cor escura tinha uma mola na ponta para retirar e colocar o grafite e detalhes em osso branco. A luz nesta parte da sessão não estava forte, como nas outras, mas havia o suficiente para eu ler as minhas notas. O Dr. Monck, com sua destra, colocou o lápis sobre o lenço e continuou a mover seu dedo sobre ele por alguns segundos. Estávamos todos intencionalmente olhando por qualquer coisa que desse resultado, quando Sra. Burns exclamou que o lápis estava escrevendo. Eu vi em posição diagonal, com a ponta virada para mim, mas como o lenço se interpôs entre minha vista e a ponta do lápis, não pude ver o que estava fazendo. Antes de que tivesse tempo para refletir, vi que o lápis, a despeito de estar em diagonal com sua ponta para mim, estava em um violento estado de movimento de lado a lado, como se fosse realizada por meio de rápidas vibrações. O movimento não era regular, às vezes, o lápis fazia traços longos, às vezes, curtos e complicados pelos movimentos que não iam em uma única direção. Enquanto eu estava tentando compreender o que isso significava, vi ficar de pé e então mover-se graciosamente de lado a lado. Sra. Burns e Dr. Monck disseram 'Está riscando uma palavra' e de novo a rápida vibração sobreveio. Em poucos segundos mais, o lápis caiu, o lenço foi removido e o papel foi achado aberto e coberto de escritos à lápis em vigorosa caligrafia.

O Dr. Monck, logo após, deu-me para limpar sua lousa dobrável, que fiz cuidadosamente. Pegou uma lasquinha de lápis de ardósia e a incluiu entre as lousas.

A mão do Dr. Monck moveu-se em minha direção, até descansar sobre meu braço. Ascendeu ao meu ombro e pousou em minha cabeça, onde eu ouvi e senti o tremor da escrita na lousa dobrada. Rapidamente terminou e quando abrimos, uma mensagem lá estava, ocupando ambos os lados.

A escrita no papel levou três minutos para ser feita, mas com a ardósia bastou um terço do tempo. O papel mostrava a distinta marca do envelope de onde a folha havia sido tirada e um dos observadores era capaz de ver todo o processo de escrita."

A escrita na lousa é notável para se contar nas evidências de dois sentidos que atestam sua produção.

Aqui parece ser o lugar de contar um caso de escrita executada por uma mão luminosa, que era visível por pelo menos quatro pessoas. Eu compliquei minha evidência de alguma forma pela introdução de novas espécies de fenômenos psíquicos, quer de aparições luminosas, quer de mãos que não sejam daquelas pessoas presentes. Tais fatos, de todo modo, são familiares àqueles que testemunharam o fenômeno e são atestados por observações precisas e exatas.

O caso (*The Spiritualist*, de 13 de outubro de 1876) foi escrito pelo Sr. H. D. Jencken, promotor, e a psíquica era sua esposa, a Kate Fox dos primeiros anos de todo o processo psíquico. A casa onde o experimento foi feito era do Sr. S. C. Hall, editor do *Art Journal*. A data foi 6 de setembro de 1876. Nove pessoas estavam presentes, incluindo Sr. e Sra. Hall, Sr. e Sra. Mayo e Dr. Netherclift, da Enfermaria de Chelsea.

"Vários esforços pelos seres invisíveis foram feitos para nos dar 'escrita direta.' Finalmente, foi-nos ordenado a dar-nos as mãos e contrair o círculo perto da mesa. Uma mão luminosa, pequena e bem acabada, então desceu do lado que eu estava sentado, o oposto da Sra. Jencken. A mão pegou um lápis que jazia na mesa e escreveu as letras 'E. W. E.'

O poder de pegar o lápis então evidentemente acabou. O lápis, que havia sido seguro entre o indicador e o médio, caiu na mesa e a mão elevou-se até desaparecer. Após uma pequena pausa, reapareceu. Baixando, tocou a mesa, pegou o lápis e escreveu as palavras God bless y-[13]. Na letra 'y', a vitalidade de novo sumiu, o lápis caiu, a mão se elevou e tinha acabado tudo."

Tenho testemunhado muitos exemplos de escrita direta espiritual, que este exemplo adicional seria de pouca atração para mim, mas pelo fato que outros também testemunharam as manifestações, alguns que não eram espíritas, apenas meramente testemunhas. Isto deu interesse à sessão. A mão foi vista perfeitamente por Dr. Netherclift, Sr. e Sra. Mayo e outros

[13] N. do T.: Deus abençoe v-

presentes, cada um deles viu a mão de diferentes ângulos de visão, em outras palavras, a objetividade da mão foi claramente observada.

Fiz um desenho do documento original[14] que contém a escrita direta e na parte de cima, à direita, desenhei a mão. Enquanto desenhava, muitos dos convidados se reuniram ao redor de minha cadeira e me ajudaram com sugestões como cada um testemunhou a escrita. A luminosidade ao redor do punho era singularmente linda. As circunstâncias sobre as quais a escrita direta aconteceu eram excepcionalmente favoráveis, como um teste a realidade da ocorrência. O fato tomou lugar na residência do Sr. Hall, aqueles que estavam presentes apresentam grande compostura. A médium estava sentada encarando a direção de onde a mão desceu, a escrita foi feita no centro da mesa, onde, ao redor, estavam sentados, a posição da mão estava em ângulo reto a Sra. Jencken. Eu arrolo essas circunstâncias para que se possa encarar de frente qualquer teoria de ilusão de ótica, alucinação ou outra hipótese que tente explicar o que houve.

Esses exemplos poderiam ser enormemente multiplicados. Não quero acrescentar mais evidências desse tipo, no entanto, tenho outros que avançam o meu argumento um passo adiante. Mostrei que a evidência de um sentido atesta a realidade da psicografia. Agora procedo em trazer a baila casos onde a escrita é ouvida enquanto o lápis grafa na lousa.

2. Pelo sentido da audição

Em quase todos os casos onde as escritas são produzidas com o uso de lápis, o processo pode ser ouvido, especialmente se uma lousa for usada. O relato da maioria dos observadores faz menção ao som rascante que acompanha a escrita. Em muitos casos grande pressão é usada e o lápis chega a esquentar freqüentemente ao final da última letra da escrita seca e poeirenta, que mostra bem o bastante como foi empregado. De um grande número de casos, eu selecionei os seguintes, dando preferência aos experimentos com Slade e, entre eles, o da detalhada narrativa do presidente da Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha:

> *"Tendo empreendido a examinar sem preconceitos nem predisposições e para reportar-me fielmente, sem favores, em um espírito puramente judicial qualquer alegado fenômeno psíquico quer venha a ser submetido a mim como presidente da Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha, eu narro sem comentar o que testemunhei junto ao Dr. Slade esta tarde:*
>
> *Sentei sozinho com ele às três horas, em uma sala no número 8 da Upper Bedford Place, na Russel Square, onde o sol brilhava forte, em uma mesa de um metro e meio por um e vinte, com quatro pés, sem saliências abaixo nem capas por cima. Dr. Slade sentou num lado da mesa, de banda, de modo que suas pernas e pés não estavam sob a mesa, mas seu corpo todo ficou inteiramente sob minhas vistas enquanto me encarava. Sentei ao lado, com a quina entre nós. Quando sentei, eu pude ver metade do espaço debaixo da mesa e, quando movia a cabeça um pouco, podia ver todo o espaço que era totalmente exposto à luz do dia. Uma cadeira comum estava a quase quinze centímetros da mesa no lado*

[14] N. do T.: aqui, de novo, tinha uma figura. Como no caso anterior, traduzi e descrevi a figura conforme o relato do autor.

oposto, e a um metro e meio do Dr. Slade. Uma pesada poltrona estava no canto da sala, quase na mesma distância dele e da mesa. Uma lousa de tamanho escolar padrão e um pedaço de lápis de ardósia estavam sob a mesa.

Instantaneamente após tomarmos nossos assentos, batidas muito fortes vieram do chão. Isso foi seguido por uma sucessão de furiosas batidas na mesa, fazendo sobressaltar minhas mãos quando ali as colocava. Essas batidas eram repetidas em qualquer parte da mesa mesmo quando apenas tocada pelas pontas dos dedos. As batidas pareciam ser feitas com uma marreta. As mãos do Dr. Slade estavam na mesa sob as minhas mãos, e seu corpo todo ante minha vista. Eu tenho certeza de que nem um músculo se moveu. Então ele pegou a lousa depois de eu a cuidadosamente inspecionar, para ter certeza de que nenhuma escrita estava nela e, colocando ali um pedaço de lápis de ardósia do tamanho de um pequeno grão de trigo, ele pressionou a lousa um pouco contra o tampo da mesa. Imediatamente eu ouvi o som como o de uma escrita na lousa. Foi retirada e ela, em ziguezague, estava escrita do início ao fim.

** * **

Batidas mais gentis sobre a mesa junto com uma notável vibração, anunciaram, como ele disse, que sua esposa estava presente e desejava a lousa. Após ela ter sido limpa, foi deitada sobre a mesa com um pedaço de ardósia debaixo. Sobre a placa ele colocou sua destra e eu, a minha sinistra, com minha outra mão segurando a outra dele sobre a mesa. Como minha mão jazia sobre a lousa, pude sentir e também ouvir, distintamente, algo escrever. A comunicação era evidentemente longa, mas antes de falar o resultado, desejo anotar aqui um incrível fenômeno, para minha mente o mais sugestivo deste experimento.

É necessário entender claramente a posição das partes, por isso a repetirei.

Dr. Slade e eu sentamos frente a frente. Uma mão de cada um de nós jazia sobre a lousa. O lado da lousa que estava sendo escrito era pressionado sobre a mesa. Nossas outras mãos estavam juntas e em cima do móvel. Enquanto esta posição era preservada, a escrita procedia sem pausa. Quando Dr. Slade removeu sua mão da minha, cessou instantaneamente e instantaneamente recomeçava quando sua mão e a minha se encontravam. Este experimento foi repetido várias vezes e não falhou uma vez sequer.

Então, era uma cadeia ou círculo formado por meus braços e tronco, os braços e tronco do Dr. Slade, minha mão em uma ponta, a dele, na outra e entre nossas mãos a lousa sendo escrita. Quando a cadeia era quebrada, a escrita cessava. Quando a cadeia era refeita, a escrita recomeçava de imediato. O efeito era instantâneo. Neste curioso fato devemos perscrutar a chave para este mistério psíquico.

Após algumas batidas rápidas, indicando que a escrita havia terminado, a lousa foi retirada e uma clara e perfeitamente distinguível carta foi lida. Consumia todo o lado da lousa:

'QUERIDO SERJ, você agora investiga uma matéria que vale todo o tempo que você e qualquer outro homem possam devotar a sua investigação. Quando o homem puder acreditar nesta verdade, na maioria dos casos, o fará um ser melhor. Este é o nosso objetivo ao vir a Terra, tornar melhores, mais sábios e mais puros os homens e mulheres. Fielmente, A.W.Slade.'

De novo a lousa foi limpa e posto à mesa como antes, com minha mão sobre ela. Em poucos segundos a seguinte sentença foi escrita. Considerável força foi usada desta vez e pude sentir a pressão do lápis a cada palavra rabiscada:

'Sou o Dr. John Forbes. Eu era o médico da Rainha. Deus os abençoe. J. Forbes.'

De novo a lousa foi limpa e segura contra a madeira da mesa, com metade se projetando para fora, para que eu pudesse ter certeza de que estava fortemente pressionada contra a madeira, mas a lousa foi apreendida, com grande força levantada, rapidamente sobrevoou-me e se posicionou sobre minha cabeça. Nesta posição, o som da escrita foi-me bem distinto. Ao removê-la, achei grafadas as seguintes palavras:

'O homem não deve mais duvidar quando podemos vir desta maneira. J. F., M. D.'

Então, a grande poltrona correu para frente do canto da sala onde estava até a mesa.

De novo a lousa foi posta sob a mesa, e deixada à mostra. Uma mão por duas vezes pegou e balançou minha perna e ambas as mãos do Dr. Slade estavam perante mim no momento, sendo sua inteira pessoa visível.

Assim terminou esse experimento. Tudo que tinha de reportar, reportei, com certeza. Como foi feito e por quais agentes é um problema para a ciência resolver. Da minha parte, posso apenas ver que eu estava em plena posse de minhas faculdades, que estava bem acordado, que era dia claro, que Dr. Slade estava sob minha observação o tempo todo e não poderia mover as mãos ou os pés sem ser detectado por mim.

Ao apontar isso digo que não foi uma auto-ilusão e que qualquer pessoa que pretender fazer poderá ver quase o mesmo fenômeno. Ofereço nenhuma opinião sobre o caso, pois não formei uma. Se forem genuínos, é impossível exagerar seu interesse e importância. Se for uma impostura, é igualmente

importante que o truque seja exposto na única forma que qualquer truque possa ser explicado, ou seja, fazendo o mesmo e mostrando como é feito.

8 de agosto de 1876."

Sr. George King, do número 11 da St. George´s Terrace, na Gloucester Road, S.W., nota em sua narrativa, que abaixo descrevo, o fato que já havia mencionado, que em sua experiência a migalha do lápis invariavelmente remanesce ao fim da escrita. Isso proporciona uma forte presunção que o lápis é realmente usado:

"Às cinco da tarde do sábado, 18 de novembro, eu fui, pois havia previamente agendado, à casa do Dr. Slade. Tinha determinado levar comigo uma lousa própria e no caminho tentei em quatro ou cinco lojas achar uma. Finalmente, comprei uma que me satisfazia - uma lousa dobrável em uma caixa de madeira envernizada, com arranjos peculiares. Cada uma das metades tinha vinte centímetros de comprimento e treze de largura, meio centímetro de moldura, que se projetava um quarto de centímetro sobre a superfície. Quando a lousa era aberta havia, portanto, entre as chapas uma cavidade completamente inclusa de meio centímetro de fundura, e quase hermeticamente fechada. A lousa foi embrulhada em papel pardo pelo vendedor e amarrada com barbante.

Armado, apresentei-me à porta do Dr. Slade e fui levado ao escritório, onde estavam o Dr. Slade, Sr. Simmons e duas damas. O Dr. Slade e Sr. Simmons estavam sentados perto da lareira e me convidaram a tomar uma cadeira ao lado deles. Dr. Slade disse que era tempo de "iluminar", se retirando a uma saleta contígua. Em menos de dois minutos, ele retornou e pediu-nos que o seguisse. A saleta estava brilhantemente iluminada por um lampião a gás suspenso sobre uma pequena e rígida mesa de mogno no centro do cômodo; o gás permaneceu ligado ao máximo durante o tempo todo em que lá estivemos. Eu examinei a mesa, virando-a de propósito. Tinha quatro pés ligados à borda, com tinha um por meio metro de tamanho, com uma aba de cada lado. A aba e seus ferrolhos do lado oposto do qual sentei estavam muito machucados, como se por uso violento, mas no meu lado não parecia ter um arranhão. A aba contra a qual sentei devia originalmente ter sido feita para descansar sobre dois suportes, mas um deles havia sido removido, então sobre a quina da aba levantada que ficou entre mim e o Dr. Slade não havia algum impedimento. Sentamos nós, eu contra uma aba da mesa e contraluz; Dr. Slade no fim da mesa, na minha esquerda, com seu rosto virado para mim, seu ombro esquerdo em direção da mesa e suas pernas projetando-se à lâmpada. Peguei minha lousa e desfiz o pacote. Dr. Slade a pegou, abriu com suas mãos, tudo sob minhas vistas, deixou cair sobre a superfície limpa um diminuto fragmento de lápis. A lousa foi então firmemente fechada e, pelo meu conhecimento, permaneceu assim até eu abri-la por mim mesmo no escritório meia hora depois. O Dr. Slade propôs que ela fosse amarrada, o que eu, é claro, consenti. Ele pegou um pedaço de barbante e, enquanto a lousa estava em minhas mãos e em as dele, as partes foram amarradas fortemente e dado um nó duplo no barbante. O Dr. Slade colocou sua mão esquerda junto com ambas as minhas na mesa e por alguns

minutos segurou minha lousa com a direita, tudo sob minhas vistas. Observei atentamente o tempo todo. Ele disse que havia uma força que o impedia de pô-la sobre a mesa mesmo se ele quisesse. Após um curto tempo, como nada viesse, o Dr. Slade colocou a lousa na mesa, sob meu braço esquerdo e meu cotovelo esquerdo ficou nela até o fim da sessão. O Dr. Slade não a tocou mais. Ele pegou uma lousa própria, com um lápis na superfície, e passou fora de vista sob a mesa, dizendo, 'Nossos amigos não fizeram nada por isso ainda. Talvez não queiram escrever na lousa do cavalheiro enquanto eu a seguro. Será que eles escreverão enquanto a lousa estiver em seu braço e eu não a tocar?' Por um segundo, um arranhão foi ouvido na lousa do doutor e, quando foi aberta, as palavras ali eram 'Escreveremos.' Ele então juntou sua mão destra com a minha sinistra, sua esquerda ainda com a minha direita e instantaneamente dentro da minha lousa o som da escrita se tornou audível e continuou por uns dez minutos. Em intervalos freqüentes, eu punha meu ouvido perto da lousa para ouvir, e não havia enganos. O som era baixo, mas muito distinguível, e eu especialmente notei que podia reconhecer quando cruzavam os 't´s', pingando os 'i´s' e inserindo a pontuação. Pareceu como se uma pessoa estivesse escrevendo não rapidamente, mas pronta e deliberadamente, sem tropeços ou pausas. Duas batidas rápidas na mesa anunciaram a conclusão da mensagem. Dr. Slade perguntou, 'poderia, fazer mais para nós hoje à noite?' Um arranhão foi ouvido e a palavra cannot[15] *apareceu na parte superior da lousa dele que estava debaixo da mesa. O 'c' estava fechado para o lado da lousa perto de mim e muito longe do alcance da mão do Dr. Slade, a palavra foi escrita não horizontalmente, mas perpendicular em direção ao doutor. O 't' estava cuidadosamente cortado, e o fragmento de ardósia jazia onde havia parado, bem no fim desse corte.*

Retornamos ao escritório, eu levando minha lousa, ali cortando a corda que a prendia. Dentro achei uma longa mensagem cobrindo inteiramente ambos os lados dela e consistindo de noventa e nove palavras, além da assinatura 'A. W. Slade.' Foi cuidadosamente escrita em boa e firme caligrafia e as linhas eram regularmente espaçadas. Cada 't' cortado e cada 'i' pingado. A migalha do lápis também ali estava com uma das pontas ainda morna.

Tinha apenas umas poucas palavras rasuradas na minha lousa, o que seria, sob as circunstâncias, surpreendente, porém o resultado obtido, na verdade, é simplesmente enlouquecedor, pois quando se lembra que o mais rápido escritor, com toda a facilidade da escrita, não pode de mão única pôr em papel, com cada palavra em bom tamanho, mais do que vinte palavras por minuto e, que escrevendo em uma lousa, onde há muito mais fricção, ocuparia mais tempo. Por quem quer que tenha feito, essa mensagem deveria ter levado ao menos cinco minutos para ser perfeita, mas o Dr. Slade não teve a lousa por tanto tempo em suas mãos - e ela, repito sempre, nunca saiu da minha vista - e por menos do que cinco segundos apenas foi aberta. Como já expliquei, foi, exceto por um instante, firmemente amarrada com barbante.

[15] N. do T.: não podemos.

É impossível descrever o cuidado com que eu inspecionei-a para detectar imposturas. Não pude descobrir nenhuma, nem mesmo a possibilidade de ter havido. Eu tinha saído com minha mente cheia das evidências dadas no tribunal pelos Srs. Lankester e Donkin, mas suas alegadas exposições eram inaplicáveis ao que presenciei.

Em 15 de dezembro, eu, com uns poucos amigos, tivemos de novo a oportunidade de testar a alegada mediunidade do Dr. Slade. Sentamos em nossa própria sala, em nossa própria mesa e usamos nossas próprias lousas, uma comum de escola e outra do tipo dobrável. Como a sessão espírita não estava totalmente sob o meu controle pessoal como a anterior, portanto, não vale descrever com tantas minudências. Suficiente dizer que sentei do lado direito do Dr. Slade, com isso, enquanto ele segurava a lousa com a destra e a punha debaixo da mesa, eu tinha a oportunidade de observá-lo bem de perto. Tivemos algumas mensagens curtas, às vezes em uma parte, às vezes nas duas. Eu perfiz uma marca na lousa escolar, a qual, naquelas ocasiões quando ela não saía inteiramente de vista, era-me possível dizer positivamente que a escrita era feita no lado de cima e não na de baixo. Uma pequena circunstância pareceu-me muito notável, igual a que eu já a aludi acima. Quando uma das mensagens aparece, a migalha de lápis invariavelmente permanece no ponto onde parou após escrever a comunicação, formando uma perfeita continuação do último rabisco da última letra. Esse fato, insignificante por si só, para mim prova que a mensagem foi escrita com aquele pedaço de lápis e do lado de cima da lousa. Eu não vejo qual outro modo poderia ser colocado instantaneamente na posição com tal acuidade matemática.

As mensagens sempre pareciam emanar de algum ser invisível. A maior parte vinha do nome de A. W. Slade, a esposa morta do médium, mas outros 'espíritos' são freqüentemente representados; é um fato curioso que com uma mudança de nome do escritor o tipo de caligrafia mudava completamente. Isso seria interessante submeter várias amostras a um bom calígrafo. A matéria das comunicações parece, para mim, ser de somenos importância do que a maneira como aparecem. A única de maior amplitude foi a de noventa e nova palavras acima mencionada. Ela estava em uma linguagem bem fluída e o mote eram as vantagens de um conhecimento sólido da imortalidade. É demais para que uma pessoa de inteligência e educação simples pudesse, de repente, proferir um discurso pouco nítido para um total estranho.

George King
11 St. George's Terrace, Gloucester Road, S.W. 18 de dezembro de 1876."

Esta evidência recebe corroboração adicional do fato que em muitos casos o lápis esquenta e grande pressão é evidentemente usada. A seguir o fato em tela:

"No domingo, 22 de outubro [1876], à uma hora, Sr. W. Metherell e Sr. G. de Carteret, de Jérsei, fizeram uma sessão espírita com Dr. Slade, no número 8 da Upper Bedford Place, em Londres, W. C. O Dr. Slade produziu duas novas

lousas, que estavam perfeitamente secas e aparentavam nunca terem sido usadas. Após serem examinadas a fundo pelos inquiridores, o Sr. Metherell uniu-as, com um pedaço de lápis entre elas e o Dr. Slade amarrou-as firmemente. As lousas unidas foram então postas no tampo da mesa e o Dr. Slade tocou a de cima com uma mão, enquanto sua outra era segura pelos presentes. As lousas nunca saíram da vista dos observadores. Um barulho como o de escrita foi ouvido e parecia ser executada com velocidade normal. O doutor então requisitou aos dois observadores que levassem os objetos à sala contígua para que abrissem na presença de dois cavalheiros que calharam de ali estar - Sr. Charles Blackburn, de Didsbury, perto de Manchester, e Sr. W. H. Harrison, do The Spiritualist. *As cordas foram cortadas em suas presenças e nos lados internos das lousas foram achados totalmente preenchidos, de cima a baixo e de lado a lado, com escritas, incluindo quase setenta palavras. A escrita tinha manifestadamente sido produzida com um pedaço de lápis de ardósia aplicada à superfície da lousa com considerável pressão.*

Atestando a verdade das afirmações acima, apomos nossas assinaturas.

W M METHERELL, CHARLES BLACKBURN.
GEO. DE CARTERET, M W HARRISON"

Sr. Wedgwood, Juiz de Paz de Middlesex, que tem uma enorme experiência em observação dos fenômenos, relata como ele obteve escritos em grego e inglês em duas lousas novas, que ele tinha amarrado fortemente. O sentido da audição detectou uma diferença no som da escrita quando da presença dos caracteres gregos. A parte material da prova do Sr. Wedgwood é como segue:

"Eu soprei nas lousas e limpei-as bem com meu lenço de bolso, pus as duas faces esfregadas juntas com um fragmento de lápis de ardósia entre elas e amarrei-as rápido com um pedaço de corda. Depois de amarradas, as lousas foram deitadas na mesa, sem terem sido removidas de minhas vistas por nenhum momento. Pus ambas as mãos sobre elas e Slade uma das suas. Logo, ouvimos a escrita começar vindo distintamente das lousas e baixei meus ouvidos para escutá-las. Não parecia, de todo modo, uma escrita corrida, como ambos notamos, mas uma sucessão de traços separados, como se alguém tentasse escrever e não pudesse fazer o lápis marcar e eu esperava que poderia provar uma tentativa abortada. Entretanto, o mesmo som continuou por um bom tempo, talvez, por seis ou sete minutos. Ao menos havia uma decidida mudança de som, quando se tornou inconfundível pela rápida escrita em cursiva. Quando terminou, levei as lousas para outra sala, deixando Slade em transe para trás e, desamarrando-as, descobri que uma das faces estava escrito em uma excelente caligrafia o 26° verso do 1° capítulo da Gênese, em grego, da Septuaginta[16] e, na outra, uma mensagem nos caracteres latinos em cursiva. As letras gregas, sendo cada uma escrita em separado, era o que dava o a mudança tão marcante do som quebrado da primeira parte do fenômeno.

[16] N. do T.: Septuaginta é a tradução em grego antigo da Bíblia.

Se derem a sugestão de que as lousas foram realmente preparadas de antemão com alguma escrita invisível que foi desvelada pelo calor de minhas mãos, eu respondo (independente de outras graves objeções) que escritas como esta podem ser apagada pelo simples toque e não seria possível nesta suposta feitura invisível escapar da supressão quando as lousas foram bem limpas pelo meu lenço de bolso.

H. WEDGWOOD."

O mesmo resultado é notado por observadores que carregam consigo suas próprias lousas e tomam precauções especiais para evitar engodos. Uma dama, cujo nome eu não tenho autoridade para publicar, mas que me é conhecida e que professa a sua disponibilidade para dar testemunho privado se assim for requerido, lembra de um experimento interessante com Slade (16 de agosto de 1876), no qual ela e um amigo conseguiram ter escritos em sua própria lousa enquanto permanecia em cima de uma mesa à luz do dia, com o cotovelo de seu amigo em cima dela. Em todos os casos - o experimento foi repetido diversas vezes - o escritor "podia indistintamente ouvir sons na lousa." O relato continua notando a cessação da escrita quando a cadeia se quebrava ao remover as mãos do modo pelo qual já havia falado:

"*Dr. Slade então saiu pela sala para procurar uma lousa maior, esta nós examinamos até nos satisfazermos de que nada havia escrito nela. A lousa então foi colocada debaixo da mesa, com um pequeno pedaço de lápis de ardósia sobre ela e o Dr. Slade a segurando com a mão direita e meu amigo com a esquerda. Meu amigo disse que manteve a lousa o mais perto da mesa o possível, mas a pressão causada pela escrita a forçava para baixo. O resultado foi que não demorou a ser ouvido um som de escrita rápida e uma mensagem, que abaixo transcrevo, foi encontrada:*

'Queridos amigos, é um fato inegável que o homem deseja mais receber algo misterioso do que receber ensinamentos retos que apele para sua própria razão e ser aprovado por esta. Todos os teólogos do presente têm a Bíblia com sua base, mas todos diferem, agora, como têm expressado a Bíblia como sendo o mais misterioso livro que o olho humano já pôs a vista; tudo está envolto em mistério, quando se olha para ela desse ponto. Cristo disse às multidões que veio estabelecer uma nova lei, que veio perfazer uma grande missão, mas quão poucos seguem seus ensinamentos ou suas leis de amor. O Espiritismo veio trazer sua própria prova, como esta carta é prova da minha presença.

A. W. SLADE.'

Esta mensagem cobriu todo o lado da lousa que havia estado perto da mesa. As linhas estavam juntas e extremamente legíveis. Conversamos com Dr. Slade mais ou menos todo o tempo que a escrita se fazia e notamos que quando eu soltava sua mão, aquela parava e quando a segurava, voltava.

Eu estava nervosa para ter mais palavras na minha lousa enquanto a segurava sozinha, a fim de mostrar aos meus amigos. Dr. Slade pediu-me para me aproximar dele, então eu e meu amigo trocamos de lugares e segurei a lousa

com minha sinistra sob a mesa. O médium primeiramente passou sua mão direita por baixo de meu braço esquerdo algumas vezes, colocando-a de tal modo que nossas cinco mãos se encontraram no centro da mesa; a única que faltava era a minha sinistra por que segurava a placa debaixo da mesa. Nessa posição, enquanto meus pés estavam sob o pé esquerdo do médium e o outro podia ser visto bem, ouvi e senti o lápis escrevendo e ali, na lousa que eu segurava, encontramos escrito: 'Adeus, Deus os abençoe. ALLIE.'"

Os mesmos resultados, posso aqui somar, são obtidos por Slade no momento. *La Renovation*, um jornal publicado na Bélgica, publicou um artigo recentemente detalhando as experiências do Diácono X. Mouls com o psíquico. O exame comum da mesa e a preparação da lousa com o fragmento de lápis, com Slade a segurar a lousa debaixo da mesa. "Repentinamente," disse o diácono, "ouvimos um tipo de arranhão e logo depois uma batida, o que significava que a lousa poderia ser vista. Ali estavam duas sentenças, uma em francês e outra em inglês." Em outra ocasião, o diácono pegou sua própria lousa, segurou-a e de novo ouviu-se os arranhões. O que se escreveu foi uma longa parte do Novo Testamento, belo em caligrafia e com os espaçamentos das linhas exatamente observados.

A baronesa von Vay, um nome bem conhecido aos investigadores ingleses da matéria, ultimamente escreveu a um amigo após ter estado com Slade em Hague, para onde ele foi depois de deixar a Inglaterra:

"Nossa sessão espírita com Sr. Slade, em Hague, foi uma das melhores. Estou totalmente convencida, assim como o Barão, da genuinidade do médium e de seu bom caráter.

Sentamos à luz do dia, ao meio-dia, e obtivemos escrita espiritual nas nossas lousas, com Slade as segurando sobre a cabeça do Barão. Ele (meu marido) sentiu a escrita em sua cabeça. Depois, Slade pôs a lousa sobre o ombro do Barão e de novo houve escrita."

Para não multiplicar exemplos a respeito do fenômeno observado com esse psíquico em especial, passo a catalogar os que mostram que o sentido da audição testemunha a realidade do fenômeno observado com Francis W. Monck.

Sr. George H. Adshead, de Derby, que teve a grande oportunidade de experimentar com esse psíquico (em 17 e 18 de setembro de 1876), conta-nos um caso incrível. O encontro foi no número 27 da Uttoxeter Road, em Derby; a luz era boa, a gás. Presentes Sra. Ford, Sr. Oxley, de Manchester, Sr. W. P. Adshead, de Belper e Sr. e Sra. G. H. Adshead., de Derby.

Omitindo todas as notas de outros fenômenos, apresento dois casos de psicografia que ocorreram, um em cada dia. Sr. Adshead trouxe uma caixa e colocou-a na mesa. Um pedaço de papel foi assinalado por cada presente com suas iniciais e colocado junto com um lápis preto na caixa, que foi então fechada com fitas e amarradas com nós. Ao abrir, na caixa foram encontradas no papel várias frases que foram ditadas pelos presentes.

Após isso, o Sr. W. P. Adshead limpou uma lousa, colocou um lápis sobre ela, e segurou-a debaixo da mesa, em contato com o tampo. Monck segurou-a do outro lado. Sr. Adshead então descreve o que ocorreu:

> *"Pedimos que as seguintes frases fossem escritas na face superior da lousa, 'As coisas antigas se foram' e 'Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus.' Ouvimos o lápis escrever e, ao trazer à tona, achamos as sentenças escritas em caligrafia legível e limpa. A experiência foi repetida. Sr. Oxley segurou-a desta vez e o som foi ouvido. Uma sentença sugerida por um dos presentes foi encontrada no lado limpo da lousa. Ela não saiu da mão do meu irmão desde o momento que segurava sob a mesa após limpá-la até levantá-la com um dos lados escritos. Sr. Oxley era igualmente positivo quando segurava. Eles sentiram Dr. Monck puxando vigorosamente o seu lado da lousa e fizeram o mesmo, então estava claro que a mão do doutor não estava livre e sua outra mão era visível pois que descansava sobre a mesa.*
>
> *Na sessão número dois, em 18 de setembro, havia oito pessoas presentes, três damas e cinco cavalheiros. Uma dama quem Dr. Monck nunca havia visto tinha uma lousa dada por uma irmã, a qual ela examinou e limpou. Como o lápis de ardósia que estava na mesa uns poucos minutos antes de sentarmos não pôde ser encontrado, um dos investigadores sugeriu que seria um bom teste usar uma grafite.*
>
> *Um lápis preto foi posto na lousa e a dama segurou ambos sob a mesa; o som da escrita foi instantaneamente ouvido e, em poucos segundos, uma comunicação foi escrita, enchendo um dos lados da placa. A escrita foi feita em grafite, era muito pequena e justa, aludindo a um assunto estritamente pessoal. Houve dois testes de uma vez: 1. a escrita foi obtida sem o médium (ou qualquer outra pessoa, além da dama) tocar a lousa do início ao fim; 2. foi escrita com lápis preto por sugestão espontânea de outra pessoa estranha; 3. deu uma importante comunicação acerca de um assunto que era estritamente pessoal. O Dr. Monck não fez muito, nem tocou a lousa."*

O Sr. E. H. Valter, do número 51 da Belgrave Road, em Birmingham, testemunhou o mesmo efeito. Ambos os sentidos, audição e tato, verificaram o fato da produção da escrita ao mesmo tempo:

> *"O Dr. Monck pediu aos presentes para que limpassem uma pequena lousa dobrável. Assim feito, ele colocou um pedaço de ardósia dentro e a fechou. Pondo na cabeça de algum dos presentes, pediu que colocasse as mãos nela, para que tivesse certeza de que não perderia sua posse. De dentro da lousa foi-se ouvido a escrita e a pessoa a quem a lousa repousava pode sentir a pressão causada pelo lápis. O tempo que a escrita ocupou foi poucos segundos, de acordo com sua extensão, mas consideravelmente menor do que qualquer outra pessoa pudesse escrever. Essas manifestações foram feitas na luz, então todos os movimentos do Dr. Monck foram escrutinadas de perto. Abaixo são as*

mensagens dadas. As palavras sublinhadas (impressas em itálico), e também aquelas maiúsculas, estão exatamente como foram escritas:

'Verdade é quadrangular, e não pode ser dispensada. SAML.'
'Grande é a verdade, e deve prevalecer. SAML 21 de agosto de 1876.'
'Amamos-vos e estamos sempre convosco, estudando vosso bem-estar, e ativamente cooperando com cada boa palavra e trabalho. SAML, terça-feira, 22 de agosto de 76.'
'É tão difícil excluir humanidade a verdade da comunicação espiritual quanto tirar a luz do dia desta sala. SAML, manhã de terça-feira, 22 de agosto de 76.'

Esta última comunicação foi dada na manhã de 22 de agosto. Tínhamos acabado de observar que os brilhantes raios de sol eram raros, então essa mensagem veio a calhar. Muitas outras mensagens foram dadas, algumas foram escritas em papel de carta, marcados por todos os presentes com o fito de se certificarem que nenhum seria substituído e sobre essas condições as mensagens foram dadas, à luz, e com as mãos do Dr. Monck claramente às vistas.

As mensagens ou escritos foram do tipo comum, e não entrarei no detalhe dos assuntos. Anotarei somente o fato de suas existências e reitero meu desejo de perseguir a solução da questão. Como a escrita é feita em tais circunstâncias? Dizer que a matéria dos escritos é boba não depõem contra o fato delas ali estarem. Por qual método é executada?

EXPERIMENTOS COM OUTROS PSÍQUICOS

Aludi somente a Slade e Monck como veículos da Força e psíquicos em cujas presenças tais fenômenos ocorreram. Apesar do que eles nos proporcionam, pela virtude de suas proeminências ante o público e pelas evidências disponíveis, não deve ser tomado que tais fatos com descrições similares não sejam encontrados em outros arraiais. Proíbo-me de referir aos casos onde os psíquicos não sejam famosos. Por razões óbvias, damas e cavalheiros não se expõem voluntariamente à curiosidade daqueles que, apenas muito freqüentemente, recompensam informação dada com incredulidade ou com uma insinuação de falsidade ou engodo. Quando os fatos são de longe reconhecidos que uma profissão de crença em sua realidade não envolva estigma social, ou suspeição de uma loucura latente, muitas pessoas ficarão com um pé atrás para dar seus testemunhos pessoais. Que eles não façam agora não é surpresa, mas o fato permanece, embora não possa fazer uso disso como argumento, que esses fenômenos ocorram na privacidade do lar doméstico, são testemunhados por muitos de uma família onde nenhum estranho é admitido e onde nenhuma ajuda na evolução do fenômeno é procurada.

Tenho notas de experiências com dois psíquicos americanos, que aqui coloco para corroboração. O primeiro é dado pelo Hon. J. L. O'Sullivan, ex-embaixador americano na corte de Portugal, e seus testes feitos com Sra. Harman, de São Francisco. O poder de obter o fenômeno foi rapidamente desenvolvido nela no curso de três semanas e o progresso feito foi muito repentino. O barulho feito pelo ato de escrever, note-se, foi diferente dos observados com Slade, embora o som mais familiar da escrita cursiva pudesse ser imitado à vontade.

Sr. O'Sullivan assim descreve o que viu:

> *"O* modus operandi[17] *era este. A lousa (limpa com um pequeno pedaço de lápis nela, primeiramente igual ao de Slade, mas depois, a pedido, aumentado consideravelmente) foi segura debaixo de uma mesa comum, uns cinco centímetros abaixo do tampo. Ela segurava um canto entre o polegar e os outros dedos e eu, a diagonal oposta. Nossas outras mãos estavam sobre o tampo da mesa. Nesta situação, é claro que, se ela relaxasse, a fim de fazer outro uso de seus dedos, a lousa cairia instantaneamente no chão, de tão leve era a minha contribuição. Ou melhor, mais - eu tinha pedido uma vez para ter minha mão tocada, foi então escrito na lousa que eu deveria pôr minha mão inteira no topo da lousa, o que eu fiz, então ela era segura somente pelos dedos dela em uma quina. Minha mão foi então tocada, batida e esbofeteada, um anel do mindinho foi tirado, a meu pedido, deixado cair audivelmente na lousa e recolocado, com alguma dificuldade em empurrar no nó da junta.*
>
> *Às vezes, ela deixava a lousa na mão espalmada e então me direcionava a colocar minha mão sob a dela, para que as costas de sua mão ficassem na minha palma, ambas as mãos unidas segurando a lousa cinco ou dez centímetros sob o tampo da mesa. Esses dois modos de segurar a lousa certamente constituíam o mais completo teste de condições até que ponto a mão da médium não seria possível de ter alguma coisa a fazer, quer me tocar e tirar o meu anel, quer copiar a escrita na lousa. Essas coisas não foram certamente feitas por mãos mortais. Ela e eu estávamos sozinhos na sala; a mesa era uma comum de todos os dias e em cima de um carpete, o Dr. Carpenter considerará que eles vêm ao alcance de 'cerebração inconsciente'?"*

Aqui outro ponto do *modus operandi* que difere das experiências com Dr. Slade. Enquanto a lousa era segura sob a mesa, não podíamos ouvir os arranhões do lápis no ato da escrita, mas um fluxo constante como pequenos tiques rápidos na lousa, como o som de um fluxo de centelhas elétricas. Ouvimos então três tiques altos e o som do lápis caindo na lousa, como um sinal de que havia terminado. Podíamos recolher a lousa e ali estava a mensagem, sempre em caligrafia legível. E ainda, no meu dito anterior sobre esta circunstância ser diferente das que ocorreram com Dr. Slade, e também com Sra. Francis (outra médium escritora em lousa de São Francisco), na vez seguinte ouvimos, primeiramente, o fluxo da corrente de tiques, e então o som arranhado da escrita com lápis de ardósia, como se mostrasse que pudessem fazer isso também se assim quisessem.

Também foi percebido que uma comunicação de boa extensão poderia ser dada em partes, mesmo uma sentença sendo às vezes quebrada no meio. O sinal de parada era dado, embora apenas para descanso e recuperação da força. Isto será ilustrado abaixo. Raramente teria mais de vinte ou vinte e cinco palavras dadas consecutivamente sem tal interdição, longa o suficiente para ler, copiar, apagar, esfregar a placa e de novo colocá-la na sua posição sobre a mesa. Pareceu como se alguma força análoga a eletricidade fluísse do braço do médium, carregando a placa e o lápis com algum poder espiritual, para assim estabelecer as condições

[17] N. do T.: modo de operar, em latim.

sob as quais as mãos espirituais são capazes de agir. Que não eram mãos mortais, foi, repito, absolutamente certo.

Há, hoje, perante o público da América, um psíquico de grande poder, Charles E. Watkins, de Cleveland, Ohio. Dos diversos tipos de fenômenos observados em sua presença, eu seleciono agora o que se conecta ao tópico presente, mas eu terei razões para recorrer a ele de novo antes que meu argumento esteja completo.

Meu amigo, Sr. Epes Sargent, de Boston, EUA, que é infatigável em sua tentativa de convencer um mundo incrédulo de que há em e ao nosso redor algo mais do que os materialistas nos fazem acreditar, publicou no *The Spiritualist* de 12 de outubro de 1877, uma nota precisa de seus testes com Watkins. Em 18 de setembro, ele nos conta, comprou uma lousa nova, protegida por capa de papelão, e levou-a a temporária residência de Watkins, no número 46 da Beach Street, em Boston. Aparentemente, Sr. Watkins estava em um impróprio quadro mental - preocupado, de mau-humor e com mal-estar - apenas o pior estado, poder-se-ia dizer, para se ter esperanças de sucesso em um experimento que demanda, acima de tudo, passividade e mansuetude do psíquico. Não parece, de todo modo, ter feito muita diferença no exemplo presente.

O Sr. Sargent estava sozinho, o tempo estava claro à tarde em um brilhante dia setembrino. O fenômeno era todo centrado na crença do intercâmbio com o mundo espiritual. O Sr. Sargent escreveu seis nomes em seis diferentes pedaços de papel, conciliando o movimento de suas mãos com Watkins, quem, de todo modo, tinha virado de costas e não feito nenhum esforço para ver o que estava sendo escrito. "Sem tocar os papéis - apenas apontando-os com um lápis de ardósia - Watkins deu o nome escrito em cada um". Sr. Sargent os descobriu um a um e viu que ele estava certo em todas. Seu poder de clarividência era muito forte e eu acho que sua condição suprassensual é freqüentemente concomitante com estado no qual a psicografia torna-se possível.

Na narrativa do Sr. Sargent, no tocante ao meu assunto presente, lê-se o seguinte:

> *"Ele me entregou duas lousas, as quais limpei com uma toalha molhada, conforme eu havia pedido. A teoria de que por algum processo químico havia-se escrito na lousa algo inapagável por lavagem, mas feita visível após um minuto ou dois, foi totalmente rejeitada pelas subseqüentes ocorrências. Sr. Watkins não tocou as lousas após eu as ter lavado. Ele simplesmente colocou um pedaço de lápis de ardósia entre elas e disse-me para segurá-las de braços estendidos. Isso eu fiz, primeiramente certificando-me mais uma vez que não havia nenhuma marca de uma simples letra em nenhuma de suas faces. Segurei as duas com minha mão esquerda, o médium a um pouco mais de um metro e vinte de distância delas. 'Ouve escrever?' ele me perguntou. Pus o ouvido e distintamente escutei o leve arranhar do lápis. 'Terminou.' ele disse, quando uma pequena batida proveio das lousas. Não via como poderia ter tido tempo para mais do que um simples nome ser escrito, mas quando separei uma da outra, havia, na que estava por baixo, uma carta de cinqüenta e quatro palavras, assinada com o nome de um irmão falecido, cujo nome eu não tinha escrito naquelas papeletas. A letra era característica, mas não deu provas da identidade do escritor. A*

caligrafia tinha um semelhança geral com a do meu irmão, mas omiti-me de fazer comparação antes de apagar a escrita.

Eu guardava ainda um teste melhor. Uma pequena placa, com capa de papelão duro, que tinha comprado uma hora antes e trazido comigo, tinha ficada intocada perto de meu cotovelo direito em cima da mesa. O Sr. Watkins tomou-a, levantou a capa, pôs outro pedaço de lápis, fechou-a e entregou-ma. Eu sei que não houve manipulação, nem possibilidade de truques da parte dele. Eu sei que nenhuma "predisposição" ou expectativa de minha parte era um fator possível no caso, se eu pudesse permitir usar minha razão para dizer isso. Olhei para a lousa dos dois lados - certificando-me (embora não houvesse motivos para isso sob tais circunstâncias) que não tinha sido adulterada, então a deixei. E o nome escrito nela foi Anna Cora Mowatt, depois Ritchie, cujo funeral eu fui no Kensal-Green em Londres, onde Sr. Varley, Sr. D.D.Home, Sra. Cox, Sr. Harrison e outros espiritistas estavam presentes.

Segurei minha lousa uma segunda vez e vieram estas palavras: 'Meu querido irmão. De sua Lizzie.' Seu nome não havia sido escrito ou proferido por mim até aquela hora. Lizzie era o apelido pelo qual nós sempre a chamávamos, embora sempre assinasse Elizabeth.

De novo, segurei o objeto e vieram estas: 'Meu querido filho, Deus o abençoe. Seu pai, que o ama muito, Epes Sargent.'

Durante os intervalos, a lousa estava sob minha posse e não havia modo possível pelo qual qualquer truque ou malabarismo humano pudesse ser praticado. O sol invadia a sala, o médium estava sentado perante mim e nenhuma outra pessoa estava presente. Nenhuma outra condição rigorosa poderia ser demandada, mesmo pelos Srs. Lankester e Donkin. O médium, entretanto, contorcia-se como se torturado toda vez que a escrita se perfazia. Era evidentemente acompanhado por algum excitamento nervoso de sua parte.

Sr. Chas. E. Watkins tem vinte e nove anos e é um homem altamente nervoso e de temperamento volátil. Ele é uma pessoa totalmente diferente intelectualmente do que eu tinha sido levado a crer. Ele mostrou lampejos de alta ordem mental e me arrependo de não ter tomado nota de suas considerações.

Logo depois, ele tomou minha lousa e, após eu tê-la reexaminado, segurou-a com sua própria mão e, em menos de dez segundos, um dos lados estava inteiramente coberta com uma carta da minha irmã Lizzie. Aqui está:

'Terra espiritual.
Meu querido irmão,
Vim até ti esta manhã com meu coração cheio de amor e creio que talvez possas acreditar que seja eu, sua própria irmã. George está aqui comigo.
Sua amável irmã,

Lizzie.'

'Se alguma vez duvidou de comunicação espiritual, olhe para esta lousa.
Sua irmã,
Lizzie.'

Ainda conservo a lousa, com a escrita. Não há pontuação, mas a palavra 'acreditar' está sublinhada; o resto foi escrito em menos de doze segundos."

Seu irmão, Sr. James Otis Sargent, um homem de mente clara e calma, observador perspicaz, também perfez um teste com Watkins e seu testemunho corrobora a de Epes Sargent. Ele foi bondoso o bastante para me enviar o seguinte relato de uma entrevista com C. E. Watkins, em seu escritório, no número 46 da Beach Street, em Boston, no dia 19 de setembro de 1877:

"Watkins e eu éramos as pessoas presentes. Ele me deu algumas papeletas na qual escrevi o nome de cinco pessoas mortas, dobrando-as assim que as escrevia, depois o conteúdo fora selado. Enquanto eu fazia isso, W. deixou a sala.

Quando voltou, os cinco papéis dobrados e misturados jaziam na mesa sob minha destra. Sem tocá-los, ele pediu-me que tirasse um deles e segurasse com a sinistra. Após andar pela sala uma ou duas vezes e pôr a mão em minha cabeça, disse-me corretamente o nome que estava escrito no papel. De maneira idêntica, ele me disse os nomes nos papéis restantes, enquanto eu os segurava, um a um.

Joguei os papéis de lado e peguei as lousas, duas delas, idênticas, que estavam na mesa. Limpei-as cuidadosamente ambos os lados com uma toalha úmida. Watkins então sentou à mesa do lado oposto ao meu, depositando uma lousa nela, deixou uma lasca de lápis de ardósia e colocou a outra por cima como uma capa, depôs as mãos espalmadas nelas e me disse para colocar as minhas sobre as dele, o que eu fiz. Em um momento, ele retirou as dele, o que deixou apenas as minhas sobre as lousas. Depois, me disse que se eu pusesse os ouvidos perto, ouviria o lápis escrevendo. Assim o fiz (não esquecendo, de todo modo, de manter um olho sobre ele) e ouvi distintamente o som do lápis. Enquanto ouvia, o mesmo deu três tapas rápidos e o som parou.

Levantei a de cima e, na debaixo, duas comunicações foram escritas. A primeira veio de um irmão morto, cujo nome estava em um dos papéis; a segunda, de meu pai, cujo nome eu não tinha escrito. A caligrafia das duas era diferente. Não as reconheci, mas a assinatura da segunda comunicação, na forma peculiar de algumas das letras, era idêntica a do meu pai.

As lousas foram de novo limpas, posto um lápis posto entre elas, e as segurei com os braços estendidos. Watkins não tocou a elas ou a mim. Ao abri-las, encontrei uma comunicação curta assinada com outro nome que eu havia

escrito. Na vez seguinte, Watkins segurou-as e a mensagem que apareceu era reportada a uma irmã morta nomeada em um dos meus papéis.

Aqui a sessão terminou. Foi feita no meio do dia. Eu vi cada movimento do médium e não havia possibilidade de fraude. Não havia nada nas mensagens que eu pudesse identificá-las vindo das pessoas nomeadas, mas que elas foram escritas por algum agente misterioso disso não duvido.

JAMES OTIS SARGENT.
Cedar Square, Roxbury, 20 de novembro de 1877."

Sr. John Wetherbee, de Boston, EUA, deu um testemunho similar. Ele é um famoso escritor de assuntos psíquicos e tem devotado prolongada atenção a eles. Poucos escritores na América são mais aptos para falar sobre tais assuntos ou pedir mais atenção aos seus comentários. Assim ele testifica:

"Segui uma intuição que tive e comprei duas novas lousas numa loja, fiz perfurações nos lados, amarrei-as junto e selei os nós. Elas estavam limpas e o médium não as tocou ou viu dentro delas. Eu as tinha sob guarda e nunca saíram de minhas vistas. A sala estava tão iluminada quanto o brilho dos raios do sol da tarde podia fazê-la estar.

Os objetos ficaram na mesa perante mim e ele - não debaixo, mas em cima da mesa. Levou um tempinho, pois as novas lousas não estavam em tão boas condições de cargas mesméricas quanto aquelas de seu uso comum, mas sabia como eu gostaria de ter a escrita nas placas novas, então fui bem recompensado pela paciência, pois após um tempo ouvi a lasca de lápis que tinha posto entre as duas antes de atá-las começando a escrever, após o qual cortei as cordas e achei uma delas cheia com uma comunicação assinada por um nome de uma amada parenta amiga que havia morrido fazia sete anos.

Agora, meu bom leitor, eu sei - tão bem quanto sei que o sol brilha todo dia - primeiro, como disse, as lousas eram novas e limpas; segundo, que ninguém na sala ou fora da sala (os únicos ocupantes eram o médium e eu mesmo) escreveu a comunicação na lousa; terceiro, que deve ter sido feito por um ou mais de um ser invisível e inteligente e não poderia ter sido feito de outra maneira concebível. Faço essa afirmação tão fortemente quanto sei e meu juramento pode ser anexado se necessário.

Tive muitas comunicações além daquela descrita com as lousas atadas. Descreverei uma que estava em lousas de propriedade dele, mas boas como um teste para meus olhos se abrirem e minha mente ser feita. Peguei suas duas lousas, e lavei-as, deitei uma sobre a outra, como uma lousa dupla, e segurei-as com os braços estendidos, a um metro ou mais do médium, sendo que ele não as tocou; o pedaço de lápis começou a escrever; eu mesmo o tinha posto entre as lousas; depois, as abri, e em cada uma tinha uma comunicação inteligente - uma de um parente e outra de um amigo. Ambas, vejam, foram escritas ao mesmo

tempo, ambas por espíritos diferentes e com assuntos diferentes, fora que a caligrafia também era diferente."

Dr. H. B. Storer, do número 29 da Indiana Place, em Boston, tem a mesma história para contar. Dou-lhes seu relato:

> *"Peguei as suas duas placas, examinei-as, para saber se não havia escrita nelas. Juntei-as, o médium simplesmente colocou um pedaço de lápis de ardósia entre elas, e segurei-as de braço aberto, com minha mão esquerda, à luz do sol, com o médium sentado a quase um metro das lousas, contorcendo-se convulsivamente, enquanto o ruído de arranhões era debilmente ouvido, aparentemente provindo das lousas. Em dois ou três minutos, creio, ele disse: 'terminou', as separei e achei uma mensagem curta escrita em letra cursiva larga e assinada por 'Dr. Warren.' Eu sei que algum ser invisível ao menos inteligente, outro além do médium ou de mim mesmo, escreveu aquela mensagem, e tal ser eu chamo de espírito."*

Sr. Chester A. Greenleaf escreveu de Chicopee, Mass., na data de 14 de novembro de 1877:

> *"Minha esposa recebeu uma longa comunicação em uma nova lousa dupla, comprada e aparafusada por mim mesmo, e intocada pelo Watkins. O movimento do fino lápis foi ouvido por ela enquanto Watkins estava encostado na porta a quase seis metros de distância de onde as lousas eram por ela seguras."*

O Sr. Watkins pareceu obter o seguinte fenômeno sob quase nenhuma condição prescrita. Foi por ele anotado (em 25 de agosto último) que submeteu seus poderes a um teste crucial em hasta pública. Duas novas lousas foram levadas e mantidas na posse do mediador do encontro, Dr. Beals, e por ele encaminhadas ao palanque. Um comitê, consistido de dois cavalheiros que não acreditavam no fenômeno dito espiritual e um que sim, foram escolhidos da platéia. As preparações usuais foram feitas, as lousas seguras por Watkins e pelos três cavalheiros. "Logo os arranhões do lápis foram ouvidos, e separando as lousas, uma mensagem de cinqüenta palavras foi vista em uma delas; o comitê afirmou a impossibilidade de qualquer substituição das lousas ou de escrita por produtos químicos."

Tenho agora testemunhos suficientes para meu propósito. Se o que eu relatei não estabelece meu caso, então nenhuma montanha de provas será suficiente. Passo para outra classe de evidências.

II - EVIDÊNCIA DE ESCRITOS EM LÍNGUAS DESCONHECIDAS DO PSÍQUICO.

Não é uma coisa rara que a caligrafia na qual as mensagens são escritas seja totalmente diferente da do psíquico; e é notável o fato que quando uma caligrafia em especial é associada a uma assinatura especial, que a associação (tanto quanto tenho visto) é sempre preservada. Sei de muitos casos que são bem visíveis. Tenho agora ante mim um espécime de psicografia obtida em particular sem a intervenção de qualquer um fora do círculo familiar, na qual a escrita era tão diminuta que é ilegível sem o uso de uma lente de aumento forte. Ainda assim as letras são clara e lindamente formadas, as linhas reta e regularmente espaçadas, e as iniciais e o nome do Supremo Ser escritos em letras grandes e com grande cuidado em sua formação. Há outra mensagem na mesma metade do papel de carta que contém essa, grafada em uma caligrafia totalmente diferente, mas com cuidado e acuidade iguais. Cada uma é assinada por um nome, ou melhor, por uma designação, que foram preservadas exatamente em todas as comunicações de há cinco anos, e nenhuma variação é discernível entre a escrita obtida sem a intervenção humana, como no caso acima descrito, e a escrita automática pela mão do psíquico. Há uma identidade absoluta preservada em todas.

Não só os caracteres são idênticos, mas há uma presença marcante naquelas mensagens de individualidade da parte da Inteligência. A questão da própria mensagem é tão marcante como a maneira dela. Isso é notado especialmente quando obtida sob as melhores condições de privacidade em um círculo familiar. Aqueles que olharem cuidadosamente as leis que governam esses fenômenos não esperam obter qualquer informação que mereça atenção em meio às distrações de um círculo público, onde o psíquico tem seu valor principalmente pelas condições desfavoráveis sob as quais ele pode manejar a fim de dar evidências a um inquiridor cético; onde a performance é uma espécie de ginástica psíquica, com condições prescritas para a meta especial que é, aparentemente, torná-lo impossível de produzir um determinado resultado; e o sucesso é o sinal invariável para exigências mais rigorosas. Tais investigadores, presume-se, têm suas recompensas.

Privativamente, ao contrário, quando o método de produção é familiar, e a atenção é direcionada mais para a natureza da informação dada, há observadamente uma muito distinta marca de individualidade na Inteligência operadora e muito do que é escrito é válido de atenção por seus méritos.

Quase invariavelmente essa individualidade não é assemelhada ao psíquico. Quando apenas uma inteligência pode ser detectada, então usualmente as amplas características são reproduzidas, mas com uma variação em diminutos pontos e ou com a ausência de algumas fortes peculiaridades pessoais ou com a adição de uma marcação igualmente forçada. E onde várias inteligências podem ser identificadas, são diferentes entre si tanto quanto são do psíquico.

Não apenas fazem essas inteligências apresentar características de forma e estilo de comunicação diferentes do que teriam sido usados pelo psíquico, mas dão informações que estão além de seu conhecimento, e, às vezes, usam uma linguagem a qual ele não adquiriu. Não é meu propósito agora entrar no fato que a informação dada por meio dessas mensagens não é e nem nunca foi do conhecimento do psíquico em especial por quem o fenômeno é

causado. Isso me levaria a entrar em detalhes que não pertencem diretamente ao meu assunto e seria manifestadamente compelido a restringir meu argumento a tais casos que são de meu conhecimento particular. Seria impossível dizer que um psíquico público, como Monck ou Slade, sabe ou não sabe tal fato, ou ouviu ou nunca ouviu no passado. Eu apenas poderia dizer que seria difícil que tivesse o conhecimento de antemão e não poderia fundamentar um argumento sobre tal opinião.

É mais fácil adicionar evidências quanto à linguagem usada. Quando encontramos grego antigo e moderno, espanhol, português, russo, sueco, holandês, alemão, árabe e chinês como a língua de algumas dessas psicografias, obtidas na presença de Slade e Watkins, não devemos ter muita dificuldade em concluir que suas capacidades lingüísticas não são de tal monta poliglotas. Na verdade, Watkins é um jovem cujo passado não foi favorável a coletar nenhum tipo de conhecimento, além do que granjeou na dura escola da experiência própria; e Slade não sabe outra língua que não seja a materna. Estou em uma posição de afirmar isso com confiança, na autoridade do Dr. Carter Blake, que se acostumou a ler francês com a Srta. Slade e Srta. Simmons durante a estada delas em Londres. Ele diz, em uma carta a mim dirigida, "nós costumávamos a interpretar pequenas peças de Molière e tal. Tenho certeza de que Slade, que estava geralmente presente, era inteira e indefesamente ignorante de cada palavra... Simmons era tão ignorante de línguas 'latinas' quanto Slade e as garotas têm apenas o conhecimento de francês compatível ao ensino básico escolar."

Apresento, portanto, esse fato, de línguas desconhecidas do psíquico sendo freqüentemente usadas, como uma prova adicional da ausência de fraudes. Quando precauções são tomadas para evitar preparações fraudulentas prévias das lousas como tenho notado em cada caso descrito, a presunção é em favor da realidade do fenômeno. Quando a evidência dos sentidos conta o progresso da escrita, essa presunção é aumentada. Se, quando a lousa é inspecionada, a língua usada é desconhecida do psíquico, eu suponho que tal presunção é mais forte ainda e que outro elo pode ser somado à cadeia de evidências.

Já mencionei um caso, do Sr. Hensleigh Wedgwood, J. P., no qual seu ouvido detectou o som de escrita em grego e depois uma cursiva em inglês. Somarei dois outros casos, um pelo Honorável Reverendo Dale Owen, ex-embaixador americano na corte de Nápoles, que data da época em que Slade era bem pouco conhecido neste país. A matéria é curiosa, na medida em que Sr. Owen tinha a lousa e papéis sobre seus joelhos e viu uma mão, como aquelas mencionadas pelos Srs. Crookes e Jencken, executando a escrita:

> *"Às sete e quinze da noite da segunda-feira de 9 de fevereiro de 1874, eu cheguei ao escritório do Dr. Slade no número 413 da Fourth Avenue, em Nova Iorque, encontrando-o livre, tive uma sessão que irei recordar enquanto viver.*
>
> *Foi feita em sua saleta interna, ninguém além de mim presente; portas fechadas e trancadas, a luminosidade suficiente de um candelabro suspenso acima da mesa que fazia cada objeto na saleta distintamente visível. Sentamos à mesa sem pano cobrindo, de um metro e meio por setenta centímetros, Slade em uma ponta e eu na outra; as mãos de Slade ficaram na mesa o tempo todo da sessão.*

Um intervalo de dez ou quinze minutos se perfez durante o qual nada ocorreu; Slade ficou nervoso, inquieto e pareceu desapontado. Então, ele deitou uma pequena lousa na mesa perante mim, e, após um tempo, foi a uma escrivaninha, trouxe dali meia resma de papel, selecionando uma folha e deu-me para que a examinasse. Assim o fiz, cuidadosamente sob o candelabro e pude positivamente afirmar que nem uma palavra ou letra era visível sobre ela. Então ele disse, 'eles desejam que ponha na lousa e deite-a nos joelhos.'

Depois, após outra pausa: 'tens um lápis preto?'
'Sim.'
'Por favor, jogue sob a mesa.'
Assim fiz.

Uns poucos minutos depois, senti um agarrão como se de uma mão em um dos meus joelhos chamando minha atenção, pois o toque foi inimitável. Logo aparecia, entre meus joelhos e rastejando lentamente na lousa, uma mão segurando meu lápis. Essa mão assemelhava-se, ponto a ponto, a uma estátua feminina de mármore branco em tamanho, cor e forma, com os dedos finos e de molde delicado. Ela esvanecia a altura do pulso. Começou escrevendo pelo meio do papel e continuou a escrever sob minhas vistas por dois ou três minutos, terminando no fim da página. Então flutuou gentilmente de volta para debaixo da mesa, carregando o lápis.

De novo um intervalo, agora de quase uns cinco minutos. Então apareceu uma segunda mão, um tanto menor que a primeira, mas assemelhando-se muito em cor e simetria. Esta mão moveu-se ao topo do papel, escreveu como a anterior e pelo mesmo período de tempo, então desapareceu lentamente da mesma maneira. Eu vi mais distintamente do que a primeira, porque escreveu fora da sombra projetada pelo tampo da mesa e diretamente sob a luz do candelabro.

Enquanto não tínhamos batidas indicativas do fim da sessão, mantivemo-nos nos nossos lugares, falando sobre o que ocorrera. Após algum tempo, uma mão similar àquela que primeiro escreveu, mostrou-se vindo por debaixo da mesa, perto do canto onde Dr. Slade estava. Ela parava no pulso como as anteriores e como tais permaneceu visível por muitos minutos, então sumiu de vista. Isso encerrou a sessão.

Quando fui examinar a escrita que havia testemunhado a execução, descobri que a primeira foi escrita em inglês, uma comunicação simplória com a assinatura da esposa morta do Dr. Slade. A última, menos a primeira frase no papel (título em inglês: Lei do Amor, Mt 5:43-45), estava em grego.

Agora, meu conhecimento de grego, imperfeito desde que sai do colégio, tinha, após mais de meio século de desuso, enferrujado tanto que mal podia traduzir uma palavra, aqui e ali. Eu enviei o manuscrito a dois dos melhores professores de grego da Universidade de Harvard e deles tive a assertiva de que

eram o que diziam ser (uns poucos aspirados e acentos apenas omitidos), o original de três versículos, abaixo descritos:

'43. Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.

44. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus;

45.Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.'

Realmente a 'Lei do Amor.' Para aqueles de seus leitores que são familiares com grego poderão julgar o original por si mesmos, eu envio uma fotografia do que obtive[18]*.*

Eu fecho sem comentar, meramente lembrando a seus leitores:

Que a sessão foi feita à luz.

Que a folha de papel permaneceu em minha posse desde a hora que a recebi para examinar até o término da sessão e nunca mais saiu de meu poder.

Que a realidade do fenômeno foi evidenciada por dois sentidos: do tato e, a melhor e mais convincente de todas, o testemunho daquilo que os velhos poetas chamavam de "olhos fiéis."

Nova Iorque, 15 de outubro de 1876."

O outro caso foi descrito no *The Spiritualist* de 1° de dezembro de 1876, e o atestado do Sr. Blackburn supre todas as informações necessárias.

O escrito na foto anexada[19] é um fac-símile da que foi obtida em uma das placas do Dr. Slade na presença do Sr. Charles Blackburn, de Parksfield, Didsbury, perto de Manchester. O Sr. Blackburn atesta que à luz do dia um pedaço de lápis foi colocado no topo da mesa e uma lousa limpa posta virada em cima do lápis. Os quatro participantes sentaram, incluindo Dr. Slade, juntaram as mãos, com a exceção do Dr. Slade que pôs uma de suas mãos em uma das quinas superiores da lousa, enquanto Srta. Cook, do outro lado da cadeia, colocou uma das suas no corner oposto. O Dr. Slade sentou de banda e seus pés eram vistos o tempo todo. Logo eles ouviram o lápis escrever fortemente e a mensagem parecia longa, pois demorou uns cinco ou seis minutos; então cessou e batidas vieram da mesa. A lousa foi virada e estava cheia de caracteres gregos. O Sr. Blackburn enrolou-a em seu lenço e a levou para dentro da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, onde está agora gravada em vidro e em visitação pública. A escrita foi feita com lápis de ardósia. Os presentes na sessão foram Sr. Charles Blackburn, Sra. Henry Cook, de Hackney, Srta. Kate S. Cook e Dr. Slade.

[18] N. do T.: no original havia um fac-símile da psicografia.
[19] Também outra fotografia suprimida.

Outro espécime em grego foi obtido pelo Sr. Gledstanes, que também obteve árabe e inglês na mesma placa. Ele foi até Slade, posso dizer, com o desejo e esperança de ter alguma mensagem em francês, a qual ele pudesse dar ao Sr. Leymarie em Paris, cidade que Sr. Gledstanes tinha residido por um tempo. A nota sobre as diferenças na caligrafia que eu havia referido mais acima encontram uma ilustração aqui. As escritas em grego obtidas pelos Srs. Owen e Blackburn são idênticas no tipo e parecem, para mim, grafadas apressadamente, como se por uma mão familiarizada com os caracteres e acostumada a escrever *currente calamo* - cursivamente (com uma pena). As letras não são laboriosamente formadas, como seriam no caso de terem sido copiadas por um inepto da língua. Os caracteres nas lousas dos Srs. Gledstanes e Wedgwood são inteiramente diferentes - são, em minha opinião, feitas por mãos distintas - e são assinaturas parecidas, mas diferentes de outras escritas. Esses pontos têm suas óbvias influências na questão da natureza separada da Inteligência e também da realidade do fenômeno.

Como Slade estava na Europa continental, em Hague e Berlim, encontramos mensagens em holandês e alemão. Diácono X. Mouls, com Slade na Bélgica, obteve mensagens em francês, uma língua com a qual ele era mais provavelmente familiarizado, tão bem quanto inglês, a língua materna do psíquico.

Em Londres, um cavalheiro obteve escritas em espanhol e português, embora nem ele, nem outra pessoa na sala soubessem uma palavra sequer de qualquer uma das línguas. Numa sala contígua, de todo modo, é curioso notar que havia um cavalheiro, Dr. Carter Blake, que conhecia ambas. É certo, aliás, perceber que durante o tempo que o experimento se perfez, Dr. Blake estava conversando outros assuntos. A matéria da mensagem, ele me disse, é bastante diferente de tudo o que teria estado em sua mente. Ele não tem pretensões de ser bom em português, nunca usa tal língua em pensamento ou palavra, exceto nos negócios, embora conheça bem o espanhol.

Os mesmos resultados foram obtidos com Watkins, na América do Norte. Madame H. P. Blavatsky, uma dama russa residente em Nova Iorque, e autora de "Ísis Sem Véu", dirigiu-se a Watkins e tendo obtido escritos diversos, em folhas separadas de papel, uma em caracteres russos, a ela foi solicitada pelo psíquico que permitisse fosse escrito em lousa, pois era muito difícil para ele soletrar. Madame Blavastky colocou sua mão sozinha na lousa, sob a qual um fragmento de lápis foi posto. Sr. Watkins não tocou o objeto. "Um instante depois, virando a lousa, a apelação, consistindo de três nomes, foi achada escrita em caracteres russos, com uma curiosa exceção, uma ou duas letras foram trocadas por caracteres latinos, tendo o mesmo valor fonético, exemplo, um "f" pronunciado em "v" russo, mas escrito "b", foi substituído pela última letra."

Um professor de grego, do Collegiate Institute, Springfield, Massachusetts, EUA, o Sr. T. T. Timayenis, grego de nascimento, obteve de Watkins, em originais caracteres românicos (grego moderno), "o nome de seu avô, e três linhas de palavras gregas, corretamente soletradas e com acentos e pausas corretamente alocados." A isso ele testifica em seu próprio nome e, além, atesta que o "nome escrito era muito peculiar, quase impronunciável em bocas inglesas. A lousa ficara em vistas sempre e Watkins mal tocou um dos cantos com o dedo impassível."

O mesmo psíquico recentemente obteve escritas em correta e propriamente formados caracteres chineses. É provável que a psicografia pode ser obtida em qualquer língua, desde que uma pessoa presente entenda aquela linguagem mesmo que superficialmente. E há algumas evidências provando que em raras ocasiões, uma língua é usada sem que nenhuma pessoa presente a fale, assim como, mais do que certamente, fatos desconhecidos dos presentes são dados.

É, de todo modo, muito desejável que testes aprimorados poderiam ser feitos nesta direção antes que qualquer opinião definitiva seja formada.

TESTES ESPECIAIS MOSTRANDO A IMPOSSIBILIDADE DE PREPARAÇÃO PRÉVIA DOS ESCRITOS

Além das provas obtidas pelos sentidos do observador, e do fato que a matéria das comunicações freqüentemente contém coisas que o psíquico não poderia saber e também o fato da língua na qual é feita ele não é familiarizado, há testes adicionais que vão mais longe para mostrar a impossibilidade da preparação prévia a fins de engodo.

Deve-se estar em mente que as escritas não são obtidas somente por psíquicos profissionais, que, tendo um interesse monetário, podem supostamente cair em tentação de manufaturar uma falsificação quando o artigo real não apareça. São ocorrências constantes, para não dizer regulares, em famílias nas quais ajuda profissional não é jamais admitida, pois o assunto da escrita pode ser tão particular que deva ser guardada sacramente e onde a publicidade não é nem pedida nem tolerada. Tais casos formam um fator muito grande em um argumento justo desta questão.

E nessa conexão, eu me preocupo em dizer de novo que a tão-falada exposição do *modus operandi* de um psíquico profissional por um mágico profissional é de tão pequena importância que praticamente tem *nihil ad rem* (nada a ver com o problema). O Sr. Maskelyne, em seu próprio palco, cercado por seus próprios confederados e usando seu próprio aparato, fez algo que imitava os resultados obtidos por Slade. E daí? Se a imitação fosse moderadamente boa, seria uma falsificação de se dar crédito, tal que um ilusionista habilidoso não teria dificuldade em produzi-la, nos seus próprios termos. O trovão, o jantar, o falso soberano, a máscara e a peruca do ator, podem ser mais ou menos como a realidade que falseiam. Sr. Maskelyne é um pedaço triste de ilusão, indigno de se passar como tão grande artista e apenas desculpável por que ele achou um nicho bom o suficiente para enganar um público crédulo. Mas não é bom o suficiente, e o que prova? Simplesmente que uma coisa pode ser imitada quando ilimitados meios de se fazer são providenciados. Isso é um ponto que precisamos demonstrar e se aqueles que insistirem no engano encontrarem algum conforto nesta demonstração que sejam bem-vindos a ela. Se, de todo modo, lisonjeiam-se de que entendem mais, então eles devem ser aconselhadas a iniciar o estudo da lógica.

Além disso, lembrem-se que o mágico é um homem que possui faculdades especiais, especialmente treinadas, para o desenvolvimento de sua arte. Seus dedos ágeis já passaram por lições muito cansativas antes de ser-lhe permitido fazer o que faz. O psíquico, não tantas vezes, é uma dama ou um cavalheiro, um rapaz, ou mesmo uma criança, que não poderia perfazer um truque da altura de um Maskelyne para ganhar a vida e que tem usualmente tanto pouco conhecimento do método pelo qual os resultados são obtidos quanto o meu leitor.

Um grande negócio é feito também e quase naturalmente dos truques que podem ser perfeitos no escuro, quando um prestidigitador treinado e com prática tem toda liberdade para agir. Enquanto escrevo, jaz perante mim o exemplar desta semana de *Academy* (5 de janeiro de 1878), na qual uma revisão da "mágica de Houdin" é feita veículo para uma longa história do método de impostura usada em certa ocasião (não especificada) por um psíquico (não nomeado) em um tempo e lugar (não particularizados) em Cambridge. Isto é, muito

injustamente, transformada em um tipo de ilustração do modo no qual Slade comanda seu negócio. O crítico, que evidentemente sabe nada do assunto, deve preparar-se para responder a casos como os apresentados aqui. Na verdade, nenhum caso aqui relatado foi feito no escuro, nenhum onde qualquer tipo de impostura como ele defende era possível, nenhum onde o crítico pode justamente dizer que cada precaução racional não foi tomada a fim de assegurar tratamento justo e simples.

Eu reitero o fato que quando esses experimentos foram feitos em público foram realizados sob rígidas condições que evitaram engodos, com homens familiarizados com o fenômeno e que não se assustam ou perdem o equilíbrio pela ocorrência dos mesmos, sujeitados a eles pela observação repetitiva e evocados sob condições cuidadosamente prescritas. Eles não se contentam em dar a licença de mágico para o psíquico, mas obrigam-no a tentar a sua experiência em condições que tornam absolutamente certo de que tudo é simples e que freqüentemente são tão rígidas que tornam impossível o sucesso. Sob essas condições muitos dos experimentos relatados neste tratado foram conduzidos e eu clamo avançar meu argumento um passo à frente ao referir aqui a alguns mais conspícuos.

Já relatei que Watkins submeteu-se a um cuidadoso teste de um comitê, em um salão estranho e com lousas que ele nunca havia visto. Sob essas circunstâncias, cinqüenta palavras foram escritas. Isto é um exemplo claro da diferença entre o *modus operandi* do verdadeiro psíquico e o método do mágico.

De maneira similar, Slade, quando em Londres, voluntariamente veio até nossos salões da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, no número 38 da Great Russel Street e submeteu-se ao teste de um comitê especialmente selecionado pelos membros daquela associação e permanentemente organizado ao propósito de conduzir pesquisas científicas do fenômeno psíquico. Ele não fez outra reserva além desta, a de requisitar que o comitê o experimentasse com ele em duplas, como ele descobriu, por prática, que os melhores resultados se obtêm quando o número de pessoas presentes é pequeno. Ele queria usar a mesa e as lousas providas pelo comitê e fez nenhuma estipulação de quais dois observadores deveriam ser ou em qual ordem ou maneira eles o testariam.

Dos arquivos cuidadosos do comitê, eu extraí os relatos dos Sr. Desmond Fitz-Gerald e Sr. J. W. Gray; dos Sr. George King e Dr. Carter Blake, Doc. Sci.; e dos Sr. T. H. Edmands e Sr. Hannah.

RELATO DO SR. DESMOND FITZ-GERALD E SR. J. W. GRAY

> *"Sentamos em uma mesa Pembroke comum de abas duplas. O Dr. Slade sentou em uma das abas, de banda, então suas pernas não passaram para debaixo da mesa. Sr. Fitz-Gerald sentou na direita dele, oposto à aba, e o Sr. Gray no canto oposto do Dr. Slade. Juntamos as mãos no tampo da mesa, e no meio da mesma batidas e até explosões foram então quase imediatamente ouvidas e sentidas por baixo da mesa, pois eram forte o suficiente para causar uma vibração distinta; e, deste modo, era afirmativamente respondida a questão 'escreverás?' O Dr. Slade então quebrou um pedaço de lápis e colocou-a na placa, a qual havia sido feito uma marca para que ela não pudesse ser virada*

sem detecção. A lousa foi passada várias vezes parcialmente sob a mesa, segura por um dos cantos pelo Dr. Slade, que tinha sua outra mão junta com as outras dos participantes em cima do móvel. Em nenhum tempo esteve a lousa em posição pela qual a escrita pudesse ter sido feita pelo experimentado. Após uns poucos desses movimentos e enquanto era parcialmente visível e aparentemente junto à mesa, com ambas as mãos do Dr. Slade com a visão desobstruída, um som de escrita na lousa foi indistintamente ouvida e, então, após se mover três vezes contra a mesa (para indicar que a escrita tinha terminado), a lousa foi retirada, contendo uma mensagem a qual se estendia totalmente por ela.

O próximo experimento foi com uma lousa dobrável, que tinha sido trazida pelo Dr. Fitz-Gerald. Uma migalha de lápis foi colocada em uma das partes da lousa e posta outra parte em cima. O Dr. Slade segurou a lousa fechada entre o polegar e o indicador da mão direita e pôs a outra mão debaixo das dos outros participantes, no tampo da mesa. As placas passaram várias vezes debaixo da mesa por frações de segundos e, após, seguradas pelo Dr. Slade acima dela, sendo que nesta posição a escrita foi ouvida, Sr. Fitz-Gerald colocou seu ouvido perto das lousas para se certificar do fato. Ao abri-las, achou-se uma mensagem em uma das partes: 'Ele não é um médium desenvolvido.' Isso evidentemente uma réplica a uma afirmação feita pelo Dr. Slade, uns poucos minutos antes, que o Sr. Gray era um médium forte. As lousas foram então removidas da mesa, colocamos nossas mãos nela e o Dr. Slade perguntou se poderia ser levantada. Após ser sacudida fortemente uma ou duas vezes, foi repentinamente levantada do chão e virada sobre nossas cabeças. O último movimento foi tão repentino, de todo modo, que as exatas condições imediatamente anteriores não foram anotadas. Foi depois sugerido que o experimento fosse tentado de modo que a mesa pudesse se levantar lenta e verticalmente sob observação cuidadosa. O pedido foi feito e imediatamente aceito. O médium colocou um pé atrás da mesa, então estava bem à vista dos presentes, e outro pé entre os do Sr. Fitz-Gerald, enquanto suas mãos estavam juntas no tampo da mesa. Então, sob observação rígida, ela elevou-se duas vezes uns quinze centímetros do chão, o tampo permanecendo perfeitamente horizontal durante os movimentos. Então terminou satisfatoriamente a sessão.

(Assinado) JOHN WM. GRAY.

Concordo plenamente com o acima descrito,

DESMOND G. FITZ-GERALD"

RELATO DO SR. GEORGE KING E DR. CARTER BLAKE.

"Tendo o Dr. Slade gentilmente se voluntariado a dar uma sessão aos membros do Comitê de Pesquisas Experimentais, nós marcamos uma reunião com ele na parte da noite. Juntamo-nos em um largo salão e, enquanto esperávamos, procederam-se os assuntos rotineiros do comitê. Às sete horas, o

Dr. Slade chegou e sentou para uma pequena conversa conosco. Ele disse que não poderia sentar com mais de dois ao mesmo tempo e como havia oito de nós, sorteamos a ordem. Caí no terceiro par e meu parceiro foi o Dr. Carter Blake. Os consulentes anteriores ficaram com o médium por uns vinte minutos, e testaram algumas manifestações físicas fortes, pois quando Dr. C. Blake e eu entramos na sala da sessão descobrimos um globo do lampião quebrado e nos foi dito que havia sido pela mesa violentamente jogada aos ares.

Dr. Slade, Dr. Blake e eu sentamos em uma pequena e muito rígida mesa pertencente ao Dr. Carter Blake. Meus companheiros sentaram encarando-se em lados opostos, e eu sentei entre eles, à direita do médium, portanto, e como ele sempre segurava a lousa com sua mão direita quando colocava debaixo da mesa, eu tinha a oportunidade de observá-lo de perto. Usamos duas lousas, dadas por um membro do comitê, uma simples lousa escolar e outra do tipo dobrável. Tivemos algumas curtas mensagens, às vezes em uma lousa, às vezes na outra, obtidas do mesmo modo que foram tantas vezes descritas. Usualmente as lousas eram completamente escondidas debaixo da mesa e então a sessão não foi tão conclusiva como a particular que tive com o mesmo médium umas semanas antes. Observei uma marca na lousa escolar, a qual, nas ocasiões que ela não saía inteiramente das vistas, era-me possível dizer positivamente que a escrita fora feita no lado superior, não na inferior. Uma pequena circunstância pareceu-me notável e eu estou surpreso que não foi dada atenção nas sessões com o Dr. Slade (nota A). A migalha de lápis invariavelmente permanecia no ponto onde parou após escrever a mensagem, formando uma perfeita continuação da última letra. Este fato, insignificante por si só, para mim de longe prova que a mensagem fora escrita com aquele pedaço mesmo de lápis e no lado de cima da lousa. Não vejo como o médium poderia pôr em posição com tal acuidade matemática. Também é bom notar que o estilo da caligrafia era muito diferente daquela que recebi na sessão particular acima referida e que a inteligência comunicante era também diferente (nota B).

O Dr. Slade então pegou um lápis preto comum, com uns quinze centímetros de comprimento e deitou-o na lousa com uma folha de papel de carta que eu havia dado. Ele passou-os debaixo da mesa, quando o lápis pareceu cair ao chão. Imediatamente olhamos, mas não o conseguimos achar. Dr. Slade imediatamente passou a lousa com um lápis de ardósia por baixo da mesa, perguntando para onde o lápis preto tinha ido. A resposta escrita foi: 'em cima da porta.' e lá o Dr. Blake o achou. A porta estava a uns três metros de onde sentávamos e nenhum de nós saiu da cadeira desde o momento que entráramos na sala. O incidente foi bem curioso, mas eu não tinha meios de identificar o lápis, e não vasculhei o cimo da porta antes de começar a sessão, portanto torna-se inconclusiva essa prova (nota C).

GEO. KING.

Nota A – A atenção foi muitas vezes atraída a este ponto nas comunicações que apareceram na revista The Spiritualist - *C.C.B.*

Nota B - A caligrafia era diferente provindo de 'Alice', 'Phoebe', e daquele 'OWOSSOO' - C.C.B.

Nota C - O lápis achado por mim no lintel da porta foi identificado por mim devido certas marcas como o mesmo lápis colocado pelo Dr. Slade no papel e subseqüentemente caído ao chão. O que deveria ser afirmado é que a minha própria cadeira foi arrastada de debaixo de mim por uma força que agia sobre o outro lado da sala em que Dr. Slade sentava e que eu era tocado fortemente no ombro em tais condições. Com essas adições eu concordo com o relato do Sr. G. King. - C. CARTER BLAKE."

RELATO DO SR. T. H. EDMANS E SR. R. HANNAH.

"O Dr. Slade atendeu ao encontro do Comitê de Pesquisas e, após um curto intervalo, apareceu na frente da sala da sessão, onde recebeu os membros aos pares. Sr. R. Hannah e eu fomos os últimos a entrar. Encontramos o Dr. Slade parado junto a uma mesa comum, a qual, juntamente com as três cadeiras ocupadas por nós, foi separada por um intervalo de dois e meio ou três metros dos outros objetos na sala. Eu recebi as lousas que eram usadas, uma dobrável e outra escolar comum, dos membros que haviam entrado imediatamente antes do Sr. Hannah e eu e as levamos para dentro da sala. Na lousa comum uma curta mensagem foi escrita enquanto parcialmente sob a mesa. Eu então expressei o desejo de que alguma coisa fosse escrita no meu caderno de bolso, o que dei ao Dr. Slade, com um pequeno pedaço do meu próprio lápis (azul). Fomos informados que um julgamento seria feito para nos dar uma mensagem. O Dr. Slade segurou-a sobre a mesa, abriu-a as vistas de todos, colocou o pedaço de lápis na folha aberta, então o fechou não inteiramente, pondo o polegar em um dos cantos do livreto. Em um minuto, sem qualquer ação ou movimento do Dr. Slade, a escrita foi ouvida com o livro e ambas as mãos em vistas, com uma apenas segurando o livro.

Um pedacinho do lápis foi então colocado em um dos lados da lousa dupla e fecharam-na. A lousa fechada foi então segurada por um instante pelo Dr. Slade, parcialmente sob a mesa, mas por sugestão do Dr. Hannah, foi posta sob o tampo e pressionada com as pontas dos dedos do Dr. Slade. Quando a lousa foi colocada em cima da mesa, o Dr. Slade abriu-a para mostrar que estava então livre de escrita. Quase que instantaneamente, a escrita foi ouvida e ao abrir a lousa, uma sentença foi encontrada, que foi preservada e atestada pelo Sr. Hannah e por mim mesmo com nossas assinaturas na face da lousa, e devolvida ao Sr. Fitz-Gerald, a quem pertencia. Sr. Hannah é da opinião de que nenhuma condição mais satisfatória poderia ser requisitada como prova que Dr. Slade não tinha parte ativa na produção dos escritos do que esses dois testes, com o caderno de bolso e a lousa, e eu concordo inteiramente com ele.

T. H. EDMANDS."

Uma série de sessões foi dada pelo Dr. Slade ao Comitê de Pesquisas no número 38 da Great Russell Street, em 15 de dezembro. Ele se apresentou na sala da frente, onde recebeu os membros dois a dois.

Sr. Edmands e eu fomos os últimos a entrar e encontramos o Dr. Slade perto de uma mesa nua, a qual, com as três cadeiras que ocuparíamos, estava separada por um intervalo de dois e meio a três metros dos outros objetos na sala.

O Sr. Edmands levou para a sala as lousas para serem testadas, uma dobrável e outra comum do tipo escolar.

Na comum, uma pequena mensagem foi escrita enquanto parcialmente sob a mesa. Meu confrade então expressou o desejo de ter algo escrito em sua caderneta de bolso. Um pequeno pedaço de grafite preparada foi colocado nele e o Dr. Slade a segurou, meio aberta, às vistas, mas parcialmente coberto pelo canto da aba da mesa. Em mais ou menos um minuto, o livro pareceu pular sem qualquer ação por parte do Dr. Slade e o progresso da escrita foi ouvido, tendo-se todo o livro e ambas as mãos do Dr. Slade em vistas.

Um pequeno pedaço de lápis foi então posto em um dos lados da lousa dupla e fechada concomitantemente. A lousa fechada foi então segurada por um instante pelo Dr. Slade, parcialmente sob a mesa, mas por minha sugestão ele a pôs contra o tampo da mesa e pressionou com as pontas de seus dedos. Quase instantaneamente a escrita foi ouvida e, ao abrir, uma sentença lá estava, que foi preservada e atestada pelo Sr. Edmands e por mim mesmo ao assinarmos nossos nomes na peça.

Não creio que possam ser pedidas condições mais satisfatórias como prova que o Dr. Slade não tem participação ativa ao produzir os escritos mais do que as desses dois experimentos com a caderneta de bolso e a lousa dupla.

Um incidente atraiu minha atenção durante a sessão que devo mencionar, pois esbarra na parte da evidência dada na acusação, onde foi dito que o Dr. Slade utilizou o modo mais grosseiro de morder pedaços de lápis, a fim de que poderia ter algum pretexto para o barulho feito pela 'limpeza da garganta.' A única hora durante a sessão que ele se entregava a este 'dom' foi quando segurava a caderneta aberta parcialmente sob a mesa. Ele não tinha até então mordido um lápis sequer, enquanto a sentença da lousa escolar estava sendo escrita com um pedaço largo que estava na mesa. O 'dom' pareceu espasmódico ou indicativo de que ele poderia estar em sintonia fina com a lousa o que é chamado de 'sob controle.' Além desses escritos, certos movimentos não importantes da mesa ocorreram.

R. HANNAH."

No curso deste relato aparece o nome de um cientista que teve a grande oportunidade de observar o fenômeno que ocorreu na presença de Slade e que nos deixou gravado com

exatidão algumas de suas observações. Sr. Carter Blake, Doutor em Ciências, ex-secretário da Sociedade Antropóloga da Grã-Bretanha e agora professor de Anatomia Comparada do Hospital Westminster, foi o observador e seu relato, além de dar fatos, denota algumas deduções sobre a fonte e a operação do mesmo as quais recorrerei a seguir.

> *"Na segunda, à oitava hora, tive o prazer de visitar Dr. Slade. As manifestações foram do mesmo tipo daquelas descritas por muitos de seus correspondentes. Eu ainda estou fascinado com o fato da força que puxou meu casaco, pegou a lousa da minha mão e carregou-a sob a mesa, vindo do meu lado direito, enquanto Dr. Slade estava à esquerda. A mensagem dada na lousa era da caligrafia usual da 'Allie.' Subseqüentemente, as iniciais de uma pessoa morta conhecida minha foram escritas na lousa quando viramos de lado e que era invisível ao Dr. Slade. Depois, alguns escritos foram obtidos na lousa pela mesma fonte presumida, o significado dela só era inteligível para mim, não para o Dr. Slade. As mãos estavam visíveis e meu casaco foi puxado fortemente. A mesa elevou-se quando ambas as mãos, minhas e dele, estavam nela e meus pés em cima dos dele. Nenhum movimento de seus pés poderia ter feito aquilo. Ele, então, deixou a mesa, que forçosamente jogou-se no meu colo, e posteriormente, em posição invertida, na minha cabeça. O acordeão foi tocado quando segurado por uma das mãos de Dr. Slade.*
>
> *As mãos faziam perto de mim uma sombra distinguível, produzida pela luz do sol na mesa e no meu colete branco.*
>
> *O efeito em minha mente foi da certeza da boa fé do Dr. Slade e a convicção que a força que produziu esses fenômenos singulares era inteligente e agiu de um lugar ou lugares a parte do médium.*
>
> *No domingo, 10 de setembro de 1876, depois da missa, eu visitei Dr. Slade, às 9:40 da manhã, e achei-o bem disposto. Indo para o escritório dos fundos, a mesa, que estava coberta, teve o pano retirado, e tanto o pano quanto a mesa foram minuciosamente inspecionados por mim, como o carpete o havia sido em uma ocasião anterior. Dr. Slade sentou no lado oeste da mesa e eu, ao sul. Não acho necessário tecer descrições da mesa além de dizer que era de bom freixo sólido e a parte da carpintaria fora feita muito bem. A 'escora' ou 'apoio', que é usada para suportar ambas as abas da mesa, é precisamente similar àquela na mesa que possuo. Há, de fato, nada de anormal ou incomum sobre tal arranjo, que apenas menciono porque muita atenção tem sido dada a ela de modo a inferir que havia algo suspeito. As cadeiras em volta da mesa (que não pertence ao Dr. Slade) são do tipo comum de cana-de-fundo e não são conectadas com qualquer tipo de mecanismos sob o carpete, ao teto, ou o que seja. A cadeira que chamarei de 'A' foi por mim colocada, após inspeção, no canto norte da mesa. Outra cadeira ('B') foi posta à minha frente, paralela com a face leste.*
>
> *O Dr. Slade usava bombachas francesas, e sua vestimenta era 'de época.' Eu usava botas de caminhada pesada. Ele, para mostrar que era perfeitamente*

impossível produzir qualquer movimento da ou sob a mesa pelos seus pés, sentou de banda com um de seus pés na cadeira movida para o canto sudoeste da mesa, entre nós. Não sendo capaz de sentar confortavelmente desta forma, ele colocou seu pé a uma distância de quase quinze centímetros (distância mínima) do canto sudoeste da mesa. Tirei minhas botas e coloquei-as atrás da minha cadeira em o ponto 'F', onde eles não poderiam ser tocados por ninguém além de mim mesmo e apenas por minha mão direita. Um sofá estava atrás de mim e as botas estavam parcialmente embaixo desse sofá.

Então coloquei meu pé sobre o do Dr. Slade e certifiquei-me que qualquer ação da parte de seu pé fosse impossível. A lousa foi então segurada por ele sob a mesa, como já descrita por Serjeant Cox, e outros vinte mais, com perfeita acuidade. Não acho necessário dizer mais do que na presente ocasião minha atenção estava direcionada a constatar o fato que ambos os lados da lousa foram cuidadosamente examinados por mim e certificado de não ter nenhuma escrita prévia ou marcada. Dr. Slade permitiu-me segurar a lousa com minhas próprias mãos e as virar de ponta-cabeça. Logo ouvimos a migalha de lápis escrever, a mensagem produzida na face superior da lousa foi esta:

'Querido Senhor, apresento meus cumprimentos, desejo que diga que Wm. Trippen (ou Tuppen) veio e quer que seus amigos saibam que ele pode voltar. Eu deixei a Terra em 16 de agosto, no número 1 da Thomas's Cottage, Bourne-walk, Butler, idade 68. Wm. T.'

O significado era perfeitamente ininteligível para mim. Enquanto estava sendo escrito, Dr. Slade encadeou conversação sobre outro assunto.

Nós então continuamos com a sessão.

Enquanto esperávamos pela próxima manifestação, notei uma condição que não tinha observado anteriormente com Dr. Slade. Suas mãos estando sob as minhas, no centro da mesa, os músculos de meus antebraços faziam um movimento convulsivo e as ondas desse movimento, conforme minha impressão, procediam de meus cotovelos até a ponta dos dedos e não ao contrário, como algumas pessoas podem ser levadas a pensar. A sensação era diferente da que poderia ter sido produzida por uma bateria elétrica sob a mesa, e era mais como eu imagino ser a sensação da 'aura epilética.'[20] *É claro que não tenho a menor pretensão de ter as condições anormais que são chamadas, por razões desconhecidas por mim, 'mediúnicas', uma palavra má construída, que foi cunhado, aparentemente, como modelo, um absurdo do tipo 'ritualístico.'*

A cadeira 'A' então se elevou a uma distância de vinte centímetros do chão, preservando seu paralelismo com o chão e caiu com um baque violento. A poltrona, 'E', no canto da sala, deslizou na direção de um ponto na sala. Minha bota direita foi violentamente jogada sobre minha cabeça. Eu pedi que a outra bota fosse posta gentilmente na cadeira 'B', mas antes que as palavras saíssem

[20] N. do T.: .: *"aura epilética" são sensações que alguns pacientes sentem antes de uma crise de epilepsia ocorrer.*

de minha boca, ela foi jogada na mesa, atingindo as minhas mãos e as do Dr. Slade, produzindo pequenas escoriações nele e equimoses em mim. Durante todo o tempo, suas mãos estiveram sob as minhas na mesa, e meus pés sobre os dele. Nenhum movimento possível de qualquer parte de seu corpo poderia provocar qualquer desses efeitos. A distância entre a perna da cadeira 'A' e seu dedão, se o último pudesse se esticar, era de quarenta centímetros. A distância entre ele em sua cadeira e a marca onde coloquei as botas eram de um metro, e da marca onde as botas estavam para onde caíram era de dois metros e vinte centímetros, com uma trajetória curva somada, pois passou pela minha altura na cadeira. Devo estimar a linha da trajetória em três metros e sessenta centímetros. A mesa foi posteriormente levantada e jogada em uma posição invertida na minha cabeça.

De tarde, tive outra sessão com o Dr. Slade, na qual estava presente renomado anatomista, que ficou satisfeito de encontrar o vínculo do caráter das manifestações. Fiquei impressionado com a igualdade em tantos casos dos fenômenos. Tanto na presente e na sessão anterior mensagens curtas foram escritas por um lápis longo – quinze centímetros de comprimento – na lousa segura quase vinte centímetros debaixo da mesa. O público pode se divertir com a afirmação de que tais lápis são, invariavelmente, rejeitados pelos guias do Dr. Slade."

Devo inserir a evidência do Reverendo John Page Hopps, editor do *The Truthseeker*, principalmente por que seu relato mostra que ele se encontrou com Slade com a mente possuída de várias alegações que foram feitas contra ele. Obtidas as condições usuais e a lousa, primeiramente segura por Slade a fim de averiguar se algo poderia ser feito, realizando uma pergunta: se a escrita poderia ser produzida de modo a preencher a lousa. A esta resposta: "Escreveremos logo." O lápis ficou ao fim da última letra. Sr. Page Hopps então assim procedeu:

"A lousa foi posta de novo debaixo e, então, por três minutos, ouvi a escrita. Quando o som cessou, a lousa foi cuidadosamente retirada (neste, e em cada caso, retamente como tinha ficado durante a escrita). A lousa estava completamente cheia com a seguinte 'mensagem', direcionada, eu presumo, para mim:

'Prezado Sr., a vontade de Deus se fará na Terra, como feita nos céus: que o princípio crístico de fazer o bem seja inculcado como único remédio eficaz contra o egoísmo, a discórdia e o erro; não simplesmente para ser investigado, mas descoberto; não pode ser obtido por ritos formais, mas como originalmente implantado, deve necessariamente ser desenvolvido em todo o período de vida do homem e apenas permanece no homem se ele se colocar sob as condições de harmonia para tornar-se receptivo ao alto volume das boas-vindas universais de Deus. - A. W. Slade.'

Pode ser dito que nessa lousa já havia sido escrito e habilmente mudado; mas, mais adiante, se verá que eu tive, sem demora, uma escrita na minha

própria e marcada lousa de ardósia, cuja marca havia produzido pouco antes da escrita ocorrer.

Tinha ouvido de demoras suspeitas, movimentos e barulhos, elaboradas quebras de lápis, sons de garganta e muito mais. Estava maravilhado pela facilidade, simplicidade e quietude da coisa toda. Tinha ouvido a lousa ser detida nos joelhos do Dr. Slade ou, até, desaparecendo. Mais de uma vez eu vi sendo posta de vez debaixo da mesa, com seu lado de cima pressionado no tampo da mesa e um dos lados sendo bem vista o tempo todo. Tinha ouvido a escrita ser feita antes de a lousa ser posta em posição; eu, em cada ocasião que a escrita fora produzida, ouvi todos os sons da gravação na lousa que eu tinha visto em branco. Tinha ouvido lousas sendo trocadas; eu apenas posso dizer que, após o som das escritas terem por mim sido percebidas, elas foram retiradas lentamente e, em cada caso, o lápis ficou precisamente no fim da última palavra. Tinha ouvido a escrita ser feita pelo dedo do Dr. Slade, armado com uma pequena migalha de lápis, mas uma de suas mãos estava com a minha em cima da mesa, enquanto parte da outra, segurando a lousa, estava às vistas o tempo todo, e não se mexeu durante toda a escrita que ouvi, e que em uma ocasião cobriu todo o lado de uma lousa de tamanho médio. Tinha ouvido de tintas invisíveis e tal; a lousa que usamos era nova, perfeitamente cinza; o lápis era um de ardósia macia, e toda escrita que eu examinei fora composta de pó de lápis seco. Tinha ouvido das dúvidas sobre a escrita ser feita na parte de cima ou da debaixo da lousa; em meu caso, tenho certeza de que a escrita fora feita no lado entre a lousa e a mesa.

Dois dias depois, eu me encontrei com o Dr. Slade de novo. Na ocasião, eu levei duas novas lousas, as quais eu marcara. Particularmente perguntei se não era possível obter escritos sem colocá-las debaixo da mesa e foi-me dito que é bem possível. Minhas duas lousas então foram postas sobre a mesa, com um pequeno pedaço de lápis entre elas; e sobre elas, em plena luz do dia, pusemos nossas mãos. Eu distintamente ouvi o som da escrita, e, ao retirar a lousa de cima, encontramos as seguintes palavras mal escritas: 'nós não podemos dar-vos uma comunicação, apenas uma prova de nosso poder.' Percebi que embora uma ou duas palavras ('comunicação', por exemplo), foram muito mal escritas, o Dr. Slade as leu de um só fôlego. Retornando, essa lousa se quebrou em pedaços - como, não sei. Então, retornei no dia seguinte para outra tentativa, de novo levando duas lousas marcadas. A primeira 'mensagem' dada por debaixo da mesa como no primeiro dia, porém, com mais agitação da mão, disse-me que 'tinham quebrado minha lousa, por que queriam me dar mais.' De todo modo, o resultado era excelente. Minha primeira lousa, segura pelo Dr. Slade, foi de algum modo espatifada, apenas cinco centímetros remanesceram em um dos cantos. A segunda, eu pus no tampo da mesa, um pedaço de lápis sob ela e nossas mãos foram postas nela ou perto dela. A escrita foi ouvida e em quase três minutos cessou, quando, ao retirar a placa, a seguinte mensagem estava bem escrita, em linhas regulares e cobrindo-a inteiramente:

'O espírito de verdade, o qual Jesus profetizou que viria naqueles dias de guerra e poder, é aquele espírito fraternal indivisível cheio amor e bondade que une as almas remidas na terra e nos céus em uma grande irmandade de Deus - para abrir o caminho da vinda desse espírito houve o trabalho dos médiuns - agora eles têm a força para continuar com o bom trabalho. A. W. Slade.'

Tenho essa lousa em meu escritório. Há nela a minha marca particular."

O seguinte relato, feito pelo editor do *The Spiritualist* e publicado na revista, fala de uma incrível duplicação de mensagem, também como a produção da mensagem original nas lousas que nunca saíram das vistas dos observadores:

"Há poucos dias, Sr. Charles Blackburn, de Parksfield, Didsbury, perto de Manchester, veio a Londres e convidou dois descrentes em Espiritismo, ambos negociantes influentes bem conhecidos na cidade, a uma sessão com Dr. Slade. Eles o visitaram no número 8 da Upper Bedford Place no domingo da semana passada, entre três e quatro horas da tarde. Sr. Blackburn trouxera com ele uma lousa comprada em Manchester. Era do tipo duplo, com dobradiças e quando fechava as duas partes de ardósia se encaravam, o lado de fora era de madeira. Uma marca particular foi posta nela por um amigo do Sr. Blackburn em Manchester e um companheiro londrino do cavalheiro que fez a marca foi um dos que estavam na sessão para observar os resultados.

Os dois cavalheiros londrinos levaram a lousa para a sala da sessão e quando a abriram, o Dr. Slade deixou cair uma migalha de lápis nela, quase do tamanho de um grão de aveia. Então a amarraram com corda, após isso um deles a pôs na mesa, colocando seu cotovelo nela. A escrita foi ouvida. Logo, levaram a lousa para a outra sala, abriram-na na presença dos Sr. e Srta. Blackburn e Sr. Simmons e ambas as faces da lousa estavam cobertas com escrita de pó seco do lápis de ardósia. A migalha estava morna pela produção da escrita. Do começo ao fim, a lousa nunca saiu das vistas de seus proprietários. A sessão tomou-se em plena luz do dia.

Duas ou três palavras foram soletradas erradas na mensagem. Após ter sido examinada, o Dr. Slade a lavou e outro lápis colocado para se obter mais escritos, sob as mesmas condições. Um barulho vindo delas como de arranhões foi ouvido e os cavalheiros pegaram-na a fim de abri-la em um de seus escritórios. Após terem deixado a casa, Dr. Slade entrou em transe, a inteligência comunicante disse ao Sr. Simmons que os espectadores não esperaram o tempo suficiente, não havia escritas na lousa, os espíritos estavam rolando o lápis, tentando segurá-lo. O seguinte provou ser o caso.

No dia seguinte, eles foram de novo às 2:30 p.m, e obtiveram escritos sob as mesmas condições como da primeira sessão. Após saírem da sala, e antes de desatarem a lousa, o Sr. Blackburn sentou-se com Dr. Slade e perguntou se havia alguma escrita na lousa desta vez. Os espíritos disseram que escreveriam uma duplicata da mensagem em outra lousa. Isso foi feito enquanto a lousa, com

uma migalha de lápis, foi segurada pelo Dr. Slade contra o tampo da mesa. Seu rosto estava na luz, o Sr. Blackburn tinha previamente limpado ele mesmo a lousa. Levou a mensagem para a outra sala, as cordas foram cortadas e as mensagens nas duas lousas eram idênticas, com a exceção que aquele na lousa dupla tinha um parágrafo a mais."

Esse relato foi retirado do testemunho dado a nós pelo Sr. Blackburn, sr. Simmons e Dr. Slade.

E esse satisfatório método de esforço em obter escritas na própria lousa dos investigadores teve sucesso no caso do Sr. J. Seaman, famoso no mundo jornalístico, que escreve do número 11 da Southampton Street, Strand, e quem primou (como no caso acima descrito), com todas a suspeição que se poderia instalar, em obter o que o convenceu da *bona fides*[21] de Slade e a realidade de seu poder:

"Na manhã da última sexta-feira, dia 1°, quase ao meio-dia, fui, com meu amigo Dr. Carter Blake, a casa número 8 da Upper Bedford Place e apresentado ao Dr. Slade, que estava calmamente conversando com Sr. Simmons e outro cavalheiro na sala de visitas - a sala que irá passar para a posteridade como o cômodo onde Simmons 'piscou' e 'baqueou os visitantes'. Encontrei o Sr. Simmons sem sua 'piscadela', mas ele certamente me 'baqueou', pois ele polidamente me pediu para remover o sobretudo, ele percebeu com base em minha resposta que eu estava vestindo apenas um. Mas inútil para ele tal descoberta. Dr. Slade, que me levou para a sala dos fundos, não sentou com suas costas para a janela, mas em cima da luz. Ele não pôs a lousa (a minha) nos joelhos, mas segurou-a de tal maneira que eu vi quase um terço dela e o seu polegar o tempo todo. Seu braço não se moveu 'na maneira de como se escreve', e apenas se mexeu quando a lousa estava perto de mim ou na minha cabeça. Os tendões de seu pulso estavam perfeitamente imóveis e a escrita não estava curvada. Ela consistia de quatro distintas mensagens:

(a) oito palavras em uma linha reta.
(b) doze palavras em três linhas retas.
(c) três palavras em uma linha reta.
(d) seis palavras em duas linhas retas.

As linhas estendiam-se paralelas com o lado da largura, e direto pelos trinta centímetros da lousa escolar comum. Todas as mensagens foram escritas na parte de cima da lousa, que havia sido marcada anteriormente como "cima" e "baixo", para distinguir as duas faces. Disto eu tenho tanta certeza de quanto a minha existência. Minha atenção não foi tentada a ser direcionada para a suposta luz no meu cotovelo, embora confesso ter direcionado a atenção do Dr. Slade a uma pintura na parede, um assunto que me era familiar, com o intuito de ver se ele poderia escrever ou fazer qualquer outra coisa enquanto pensasse que eu estivesse de guarda baixa. Conversamos o tempo todo. Pancadas foram ouvidas em muitas partes da sala e da mobília. A mesa era levantada do chão,

[21] N. do T.: boa fé, em latim.

quando eu segurava as mãos do Dr. Slade com as minhas e segurava seus pés com os meus. Se ele tivesse usado os joelhos (que estavam em vistas) a mesa só teria pulado, ao invés de se elevar facilmente. Um sino colocado debaixo da mesa, fora de alcance, mas visível, foi seguro e elevado do chão enquanto o Dr. Slade estava de pé, movido pela minha esquerda até o nível da mesa, e então violentamente arremessado entre nós pela minha esquerda e caiu com um estrondo na extrema direita da mesa, descrevendo quase um círculo. Fui tocado no quadril direito, que estava muito longe para ser alcançado pelo pé do Dr. Slade (sempre em vistas). A minha posição de sentado naquele momento primeiro minha perna direita e, depois, a perna da mesa estavam bloqueando meu lado esquerdo de qualquer ataque vindo de onde o Dr. Slade sentara. A "força" vinha evidentemente de trás de mim, à direita.

Confirmado deste modo, a cadeira na qual que estava sentado foi repentinamente empurrada por detrás em direção a mesa e ao Dr. Slade, cujas meias listradas em branco e vermelho e calças francesas eram visíveis em suas posições naturais. Eu disse empurrada ao invés de puxada por que a sensação era de alguém atrás de mim. Eu olhei em volta para ver quem o que era. Onde eu sentava antes desse empurrão era quase fora do raio capaz do pé do Dr. Slade puxar a cadeira para perto dele. Já vi muitos mágicos, e faço os meus truques de mãos lépidas, para saber quando o momento crítico chega para o sucesso do truque em vista, mas nessa sessão eu não vi nenhuma evidência de truques de qualquer tipo. Deixo para outros explicarem o fenômeno. Só posso dizer que estou convencido que a escrita foi na parte de cima da lousa, na qual apenas o polegar do Dr. Slade (sempre em vistas) ficava; quando a escrita estava em produção na lousa e ela na minha cabeça, as juntas de suas mãos eram pressionadas contra minhas têmporas e enquanto ali, não houve movimento nos dedos do Dr. Slade. O Dr. Slade estava sofrendo de dores corporais durante minha visita e expressou-se satisfeito com os resultados da sessão. Nenhuma palavra foi dita sobre espíritos enquanto eu permaneci no número 8 da Upper Bedford Place.

11 Southampton Street, Strand, Londres, W.C.”

ESCRITOS DENTRO DE LOUSAS FIRMEMENTE APARAFUSADAS

Sra. Louisa Andrews, do número 66 da Spring Street, em Springfield, Massachusetts, EUA, uma valorosa correspondente, testemunha ter obtido escritos sob condições, se possível, ainda mais adstringentes. Ela obteve uma mensagem em resposta a uma escrita por ela mesma dentro de uma lousa que ela aparafusou firmemente.

> *"Durante minha estada de mais de dois meses numa casa com Dr. Slade no último verão, eu levei uma lousa dobrável, parafusos e chave de fenda ao meu quarto pois já havia feito previamente buracos para os parafusos em ambos os lados. Em um dos lados internos dessa lousa dupla eu escrevi umas poucas linhas, endereçada a um amigo na vida espiritual, antes de colocar um fragmento de lápis dentro e aparafusar fortemente.*
>
> *Nestas condições, desci as escadas e coloquei-as na mesa na qual o médium estava sentado. Quase imediatamente ouvimos o arranhar feito pelo lápis na escrita; e após a sessão ter terminado, ao abrir a lousa (o que não fiz na presença do médium, mas após retornar ao meu quarto, onde havia deixado a chave de fenda), achei uma réplica do que eu havia escrito, assinado com o nome de batismo do espírito a quem eu havia endereçado - se foi escrito por esse espírito ou não, não posso dizer e qualquer opinião que eu possa formar seria sem valor, exceto para mim. O que eu sei é que algum poder perfez a escrita na parte interna da lousa dobrável, que não saiu de minha posse e que permaneceu firmemente unida até que fosse solta."*

Esse não é o único experimento. O mesmo resultado foi conseguido na presença de um tal William Petty, de Newcastle-on-Tyne. O Sr. John Mould, do número 12 da St. Thomas' Crescent, em Newcastle, da firma de milho J. Mould & Co., nos escreve na data de 22 de dezembro de 1876:

> *"Eu mantive sessões com William Petty em minha própria casa para escritas diretas em uma lousa dobrável fortemente unida por parafusos e muitas delas foram satisfatórias, contudo, a mais conclusiva foi obtida na noite de quinta passada, quando eu pus uma folha de meu próprio papel de carta entre as lousas, aparafusando-as e, após dez minutos de sessão, as soltei e achei no papel uma mensagem. Este experimento foi repetido com resultados idênticos na caligrafia do espírito, que também assinou o seu nome.*
>
> *A sessão foi conduzida à costumeira luz de lampião em nossa casa. O médium não tocou o papel e nada teve a ver com o experimento além de segurar a lousa sob a mesa com uma mão, enquanto a outra descansava na mesa. Os únicos presentes foram minha esposa, meu filho e minha filha.*
>
> *O experimento, deve ser notado, foi repetido duas vezes e na segunda vez com melhor sucesso do que na primeira. As mesmas palavras foram escritas em cada ocasião. O papel foi assinalado e datado, as lousas estavam tão juntas que*

a ponta de uma faca não poderia ser inserida entre elas. O psíquico estava em seu estado normal em todo o experimento e nenhum movimento muscular de qualquer tipo foi notado enquanto ele segurava a lousa."

O Sr. Mould informa-me, em resposta a uma carta, que ele "teve experimentos posteriores com o mesmo psíquico e obteve resultados similares, com o teste adicional de ter os parafusos que travavam as lousas cobertas com papel e cola, fixados como um selo... o jovem veio sozinho até minha casa, jamais tocou o papel ou mesmo havia segurado as lousas até que fossem seguramente unidas." Durante cada experimento havia "uma luminosidade advinda de um candelabro de três globos e uma larga fogueira." O Sr. Mould soma que as pessoas presentes em cada ocasião eram apenas de sua família e conclui: "eu não posso ter certeza de nada transpirando em torno de mim se eu devo renegar a evidência de meus sentidos nesta ocasião."

O Sr. Mould foi bom o bastante para me enviar o papel para inspeção. Ele contém o esboço de um perfil e três linhas de escrita. A última é muito tremida e foi aparentemente escrita com dificuldade. Em um caso, uma letra má escrita foi logo depois corrigida.

DITADO NA HORA DO EXPERIMENTO

Eu já aludi ao dar meu testemunho pessoal a um dos experimentos no qual eu ditei as palavras que foram encontradas escritas nas lousas. Peço atenção a este como um ponto de valor na evidência.

O Sr. Alfred Russel Wallace, F.R.G.S., o eminente naturalista, escreveu uma carta ao *The Spectator* de 6 de outubro de 1877, no qual ele fala de um caso similar:

> *"Senhor, acredito que deva considerar o seguinte experimento digno de seu jornal, porque difere dos casos de escrita anormal em lousa, de cujas evidências foram somadas ao julgamento do Slade e porque proporciona uma demonstração da realidade do fenômeno e a ausência de engodo, a partir do qual parece não haver fuga. Confino-me a este único experimento e narro os fatos essenciais apenas.*
>
> *A sessão foi em uma casa particular em Richmond, no vigésimo primeiro dia do último mês. Duas damas e três cavalheiros estavam presentes, além de mim e do médium, o Dr. Monck. Uma vela estava na sala, dando luz suficiente para ver cada objeto na mesa na qual nos sentamos em volta. Quatro lousas pequenas e comuns estavam na mobília. Destas, eu escolhi duas e, após cuidadosamente limpas e posto um fragmento de lápis entre elas, eu uni-as com uma corda grossa, passando-a no comprimento e na largura, para efetivamente evitar que as lousas se movessem. Então, coloquei-as no tampo da mesa, sem perdê-las de vista por um instante. O Dr. Monck colocou os dedos de ambas as mãos nelas, enquanto eu e uma dama sentada a minha frente colocamos nossas mãos nos cantos das lousas. Desta posição nossas mãos jamais se moveram, até ter desamarrado-as para certificar do resultado. Após esperar um minuto ou dois, o Dr. Monck perguntou-me para dizer uma palavra curta que eu gostaria de ser escrita na lousa. Disse a palavra 'God'[22]. Ele então perguntou como eu gostaria que fosse escrita, respondi 'no comprimento da lousa', depois, se eu gostaria de um 'g' maiúsculo ou minúsculo, escolhi o maiúsculo. Em curto espaço de tempo, foi-se ouvido a escrita. As mãos do médium foram retraídas por convulsões, então eu mesmo desatei a corda (que era de seda forte emprestada por um dos visitantes) e ao abri-las, encontrei na debaixo a palavra que escolhi, escrita do jeito que pedi, a caligrafia fraca e trabalhada, mas perfeitamente legível. A lousa, com tal escrita, está em minha casa agora.*
>
> *As características essenciais deste experimento foram: eu mesmo limpei e atei as lousas; mantive minhas mãos nelas o tempo todo; nunca saíram de minha vista e que dei uma palavra e a maneira a ser escrita, sendo depois disso segurada por mim. Eu pergunto, como esses fatos podem ser explicados e qual interpretação pode ser dada?*
>
> *ALFRED W. WALLACE.*

[22] N. do T.: Deus, em inglês.

Eu estava presente nesta ocasião e certifico que o relato do Sr. Wallace dos acontecimentos está correto.

EDWARD T. BENNETT."

O Sr. Hensleigh Wedgwood, J. P., corrobora o fato com testes próprios com o mesmo psíquico:

"Tendo solicitado ao Dr. Monck uma sessão no dia anterior, comprei um par de pequenas lousas e atei-as face a face com um fragmento ou dois de lápis de ardósia entre elas antes da chegada do doutor. As lousas foram unidas com duas voltas de fita, com os dois extremos do nó selados na moldura para impedir as bandas de escorregarem.

Somado a isso, selei os cantos das lousas para que não pudessem ser separados sem serem quebrados. As lousas foram deitadas na mesa, e no curso da tarde, em luz abundante, o Dr. Monck, sob controle, pediu-me para colocá-las sobre minha cabeça, o que concordei, mantendo-as seguras com uma das mãos. Ele perguntou se eu desejaria ter algum escrito assinado por meu pai ou avô. Disse a ele, como ambos se chamaram Josiah, que escolhesse. Ele pôs uma mão nas lousas e, após um momento, todos nós ouvimos o arranhar da escrita a lápis. Tão logo terminado, eu peguei-as e coloquei de lado até que a sessão tivesse terminado. Depois, examinei-as sob a luz do lampião, certifiquei-me que os selos dos cantos das lousas estavam intactos e chamei a atenção dos outros participantes a esta parte essencial. Tendo cortado a fita, achei a seguinte mensagem escrita no comprimento de uma das lousas, na direção transversa da fita: Deus abençoe você sempre. JOSIAH."

O Rev. Thomas Colley, ex-cura de Portsmouth, fez um grande número de experimentos com Monck e tem em sua posse uma pilha de lousas nas quais mensagens ditadas foram escritas sob condições que impediam engodos.

O Sr. Oxley, de Higher Broughton, perto de Manchester, lembra, em 15 de setembro de 1876, um caso no qual cinco sentenças foram escritas ao serem ditadas pelos presentes. Cada pessoa escreveu seu nome em um cartão de visitas e cinco cartas foram colocadas no meio da mesa, cobertas com um lenço como para garantir a escuridão necessária. Um lápis foi colocado com elas. Perguntados a dizer o que queriam que fosse escrito em suas cartas, cada observador ditou uma sentença curta. Quando o Sr. Oxley pegou-as debaixo do lenço, tais frases foram encontradas escritas precisamente do modo que foram ditadas. O lápis foi visto se mover debaixo da cobertura como no ato de escrever, enquanto o psíquico estava sentado imóvel, em plena vista, a meio metro do lápis. Das frases então escritas, a primeira continha seis palavras, a segunda, cinco, a terceira, três, a quarta, cinco e a quinta, seis.

Na tarde do dia subseqüente ao seguinte, outro experimento foi feito, para mostrar a rapidez pela qual essas psicografias podem ser executadas, utilizando de novo o teste com os cartões de visita marcados:

"Sentamos à mesa, com o gás diminuído um pouco para modificar a luminosidade, porém com luz suficiente para vermos cada objeto na sala distintamente. Uma lousa de bom tamanho estava na mesa e o Dr. Monck (que sentou na minha frente) disse-me para pegá-la, limpá-la, mostrá-la aos presentes e depois segurá-la embaixo da mesa com minha mão direita. Assim o fiz, começara a contar, já que tinha de ir a nove, quando o Dr. Monck disse 'acho que acabou.' Ao trazer para cima, achei um lado e uma parte da outra coberta com escritos, contendo uma mensagem de oitenta palavras. Este mais extraordinário experimento foi completado em nove segundos, e certamente o médium não tocou as lousas, pois suas mãos estavam sobre o tampo da mesa em franca vista e sentado impassível. Tão logo eu pus a lousa debaixo da mesa, senti indistintamente os dedos de uma mão gentilmente tocando a minha, tirando a lousa de mim por quase metade do tempo que eu contava, retornou-a de novo me tocando a mão.

Meu lápis foi posto na mesa, e vimos começar a se mover, quando se levantou, flutuou na horizontal uns dois centímetros acima da mesa, mantendo tal posição enquanto eu contava até trinta. O teste de escrita nas cartas marcadas foi repetido.

Um dos presentes colocou uma lousa debaixo da mesa, com o médium não a tocando e, em quase meio minuto, uma mensagem foi escrita, contendo treze linhas, com setenta e cinco palavras. O médium então colocou uma pequena lousa dobrável sobre minha cabeça, tocando-a com seus dedos por apenas um momento (eu tinha limpo a lousa e todos viram que nada ali havia). Contei até três e, ao abri-la, setenta e uma palavras foram escritas em uma linda e suave caligrafia. De novo, na tarde seguinte, setenta e uma palavras foram escritas em um extremamente curto espaço de tempo."

O Dr. George Wyld contribui com importante evidência a este ponto. Ele me cedeu gentilmente um relato exato de um teste crucial, que eu aqui mostro em suas próprias palavras. O arrolamento deste fato em alegações como as relativas à fé pela qual Slade foi julgado pelo público ser um impostor é fácil de ver.

"Eu esperava ser chamado como uma testemunha no segundo julgamento de Slade, e como a evidência de Lankester era que 'não havia tempo necessário para se produzir a escrita e que, portanto, havia sido, em seu caso, preparado previamente,' pareceu para mim mais importante ser capaz de jurar que a escrita pudesse ser produzida pelo poder espiritual com uma rapidez além da capacidade de mãos humanas.

Para tanto, visitei Slade, que prontamente consentiu fazer um julgamento como sugeri.

Nós sentamos em sua mesa tradicional. Slade sentou com sua mão esquerda na mesa, com sua destra ele segurou uma lousa comum, na qual foi

colocada a costumeira migalha de lápis de ardósia. Essa lousa ele passou firmemente, porém rapidamente por debaixo do canto da aba da mesa. Cada vez que passava, eu examinava a lousa. Ele então passou duas ou três vezes, sem qualquer resultado, mas, afinal, após passar como o de costume, por debaixo da aba da mesa, eu achei estas palavras escritas: 'Convença-te com isto.'

Não pude tomar o tempo das ações de Slade enquanto em progresso, mas subseqüentemente eu imitei seu modo de passar a lousa tão aproximadamente quanto possível para eu fazer e meus amigos acharam que a operação ocupou de três quartos de segundo a um segundo e meio. Então eu tomei o tempo da escrita, e pude descobrir que ninguém poderia ser capaz de escrever as palavras em menos de três segundos.

Eu considerei na época, e ainda considero, este teste uma completa refutação à objeção de Lankester ao tempo.

GEO. WYLD, M.D.
12 Great Cumberland Place, Hyde Park, 30/12/1877."

Esses fatos receberam uma confirmação incrível de dois experimentos feitos pela Srta. Kislingbury. O psíquico no caso foi Watkins e o experimento tem um valor que vou a seguir anotar, que me induz a copiar *in extenso* (na sua totalidade), embora tenha anteriormente já falado na escrita em caracteres russos:

"Tendo lido em The Spiritualist *de 12 de outubro, o relato do Sr. Epes Sargent sobre as manifestações de escritas em lousa do Sr. Watkins e ouvindo, ao mesmo tempo, que o Sr. Watkins teria chegado à Nova Iorque, eu me precipitei em visitá-lo, na companhia de minha amiga, Madame Blavatsky.*

O médium começou pedindo a nós que escrevêssemos os nomes de três ou quatro amigos falecidos em pedaços de papel, os quais ele picotou diante de nossos olhos de uma folha nova de papel de carta. Após escrever os nomes, juntamos os papéis, como ele pediu, em uma pequena pilha à frente de nós em cima da mesa. O Sr. Watkins então os embaralhou com a ponta do lápis para que não pudéssemos ser capaz de distinguir um do outro. Depois, pediu-me para tirar um e fixar na ponta do seu lápis, e, segurando de braço estendido, disse imediatamente: 'este é o nome de uma irmã sua no mundo espiritual, Clara Kislingbury, não é?' Abrindo o papel, descobri que o nome e o estado dela eram corretos. Os nomes nos três outros papéis foram dados corretamente, tanto quanto os graus de parentesco, incluindo a da minha avó materna. Observei que o Sr. Watkins tinha mais dificuldade de descobrir o nome daquele que era um amigo, não conectado com minha família. Ele disse assim: 'Este nome é de alguém que não é parente, não posso ver tão claramente.', mas finalmente o deu com sucesso.

No caso da Madame Blavatsky, um dos nomes escritos estava em caracteres russos e o médium fez várias tentativas infrutíferas de pronunciá-la, mas afinal declarou que era muito 'trava-língua' e disse que tentaria escrevê-lo. Ele pediu a Madame Blavatsky para que colocasse sua mão na lousa, sob a qual ele pôs uma migalha de lápis de ardósia, à la Slade. O Sr. Watkins não segurou a lousa. Um instante após, ao virá-la, a escrita consistente de três nomes foi achada, em caracteres russos, com uma curiosa exceção, que uma ou duas letras foram trocados pelos caracteres latinos, tendo o mesmo valor fonético, como, por exemplo, um "f", pronunciado em russo "v", mas escrito "b", foi substituído pela última. Voltarei a esse fato posteriormente.

O Sr. Watkins a seguir pegou duas pequenas lousas, colocando uma ponta do lápis entre elas, segurou-as firmemente em um canto, enquanto eu as segurava pelo outro. Elas não ficaram sobre a mesa, mas foram seguradas por nós com os braços estendidos. Em poucos momentos uma das lousas estava coberta no lado de dentro com uma escrita assinada por 'Alice Carey'. A caligrafia não me era familiar, mas sim, ao médium, pois freqüentemente aparecia em seus experimentos.

Eu uso a palavra 'experimentos' por duas razões. A primeira é que o Sr. Watkins não 'sentou', exceto momentaneamente, durante toda a hora que ficamos em sua companhia, e mesmo aí, menos à mesa do que em outro local. Ele andou nervosamente pela sala e ocasionalmente fixava seus olhos em nós com um olhar vago, especialmente quando ia proferir o nome desejado ou ia descrever alguma coisa sobre os presentes. A segunda razão é que o Sr. Watkins não usa habitualmente os termos mais comumente aceitos pelos espiritistas, nem ele aceita sem reservas a explicação usual do fenômeno, por exemplo, que são produzidos pelos espíritos que partiram, cujos nomes são assinados nas lousas. Ele corajosamente ofereceu a opinião de que são, em muitos casos, produzidos pela ação de seu próprio espírito, lendo (independente de sua vontade ou conhecimento) o que está latente na mente dos presentes, ou é imediatamente projetado deles. Ele prefere chamar o fenômeno de 'escrita independente de ardósia', ao invés de 'escrita espiritual'.

No curso dos experimentos, o Sr. Watkins disse que a cada instante, antes da escrita começar, ele sente um repentino 'vazio' em todo seu corpo e que é incapaz de falar distintamente e tão logo a escrita termine, há outro empurrão e ele sente-se em si de novo.

Um incidente mais. O Sr. Watkins disse para colocar minha mão na lousa que estava perto de mim na qual eu tinha certeza de que nada havia escrito. O Sr. Watkins estava nesse momento de costas em uma cadeira de balanço a uma distância de ao menos dois metros e meio de mim e conversando com a Madame Blavatsky. Parou de falar por um momento e então pediu para que eu levantasse-a, achando coberta de escritos, presumido serem uma comunicação de minha irmã Clara e assinada com seu nome. A escrita era bem diferente daquela assinada por 'Alice Carey', mas não se parecia nem com a minha ou com

a da minha irmã. Os nomes de dois parentes que tinha previamente escritos nos papéis foram mencionados, só que aqueles outros igualmente queridos por mim, de mesmo grau de parentesco e nos quais eu pensava não foram escritos nos papéis.

Os experimentos acima sugerem para mim uma teoria que explicaria a discrepância no soletrar do nome russo. Eu deixo a aplicação àqueles que podem interessar e que são mais qualificados do que eu para formar conclusões corretas. Em minha mente, de todo modo, aquilo que o médium afirma, exceto em raras ocasiões e naquelas especiais para ele mesmo - que não esteja fazendo sessão pública - apenas não possui evidências da intervenção de espíritos idos, porém, que não há necessidade de hipóteses, que nada jamais ocorreu que não pudesse ser feito pela ação de seu próprio espírito, trabalhando independentemente de seu corpo e caçando nas emanações psíquicas dos presentes a informação (?) que seja capaz de dar a eles.

Nova Iorque. 26 de outubro de 1877."

O segundo experimento é como segue:

"Como o assunto da força de vontade e sua provável influência em algumas manifestações espirituais foi muito debatido entre Madame Blavatsky e eu, fiquei determinado a tentar um experimento nessa direção. Fui só me encontrar com Sr. Watkins e pedi a ele que escrevesse uma simples palavra em uma lousa e virar a face a ser escrita para o tampo da mesa de modo que eu não pudesse vê-la. Na minha vez, fiz o mesmo. Então, solicitei ao Sr. Watkins segurar comigo a minha lousa dobrável, cujo interior eu tinha posto uma migalha de lápis de ardósia pois desejava que a palavra dele fosse escrita nesta. Eu também desejei que a minha palavra fosse escrita. O Sr. Watkins pareceu um tanto incrédulo sobre tudo isso, e estava genuinamente surpreso quando ao abrir as lousas encontramos a palavra que eu desejara ser escrita nela. 'Vamos tentar de novo.'Ele disse. 'Muito bem,' repliquei, 'mas vamos tentar algo a mais desta vez, uma sentença de três palavras.' O Sr. Watkins escreveu, como vimos depois, as palavras 'Deus é amor.' Eu escrevi 'Amor é eterno.' O Sr. Watkins pegou a dobrável com a qual operara antes, dizendo: 'Estou sendo pressionado para segurar a lousa sozinho.' Repentinamente me bateu que ele estava indo rápido demais e eu insisti em segurar o outro canto - para me certificar de que nada tinha sido escrito. Ouvimos o lápis trabalhando e ao abri-la achamos duas frases escritas, uma a do Sr. Watkins e a outra não era a minha, mas uma terceira 'Verdade é poderosa.' Eu estava imensamente aturdido. 'Isto não é efeito da minha ou da sua vontade, Sr. Watkins; de quem é a terceira que trabalhou?' 'Acho que sei.' Ele disse. 'Enquanto você estava escrevendo a sua frase na lousa, eu, tenho terminado a minha, comecei a perguntar quão poderoso você pode ser, e pensei que 'a verdade é poderosa.' 'Não pedi que pensasse, Sr. Watkins, mas desejasse, de todo modo, isso é um experimento interessante, e vai ainda mais longe para provar a teoria que tenho em mente. Vamos tentar de novo.'

Mas havia chegado um cliente e não tive mais oportunidade de testar a força da minha própria vontade contra aquela do Sr. Watkins."

ESCRITOS EM RESPOSTA A QUESTÕES DENTRO DE UMA CAIXA FECHADA

A evidência da Sra. Andrews de obter uma resposta a uma questão escrita por ela mesmo no interior de uma lousa que havia sido aparafusada em outra será relembrada. Como um teste que, se não supera, ao menos iguala tudo que foi relatado eu adiciono o seguinte caso, pelos Srs. G. H. e W. P. Adshead com Monck. O caso ocorreu como segue.

O Dr. R. S. Wyld, autor do livro *The Physics and Philosophy of the Senses* (A Física e Filosofia dos Sentidos) e outros trabalhos filosóficos, foi levado a investigar os fenômenos psíquicos, sugerindo certos testes que seriam para ele satisfatórios. Falando sobre a necessidade primordial de obter as melhores evidências para os fatos que então transcendem a experiência ordinária, ele sugeriu o seguinte: "peguem uma caixa propriamente amarrada, com os nós das amarras selados em cada ponta. Dentro dela, um pedaço de papel de carta com as assinaturas dos investigadores para posterior identificação e um pequeno lápis preto. Se umas poucas palavras puderem ser escritas no papel enquanto lacrado, estará claro que teremos uma prova que não se poderá ser contradita."

O Sr. W. P. Adshead aceitou tais condições e a continuação é o resultado de seus testes:

> *"Na manhã da sexta-feira, 4 de agosto, encontrei-me com. Dr. Monck em Derby. Eu perguntei se tinha visto a carta do Dr. Wyld. Ele disse que não. Descrevi a ele o teste. 'Eu já tentei várias vezes e com sucesso,' ele replicou. O Dr. Monck foi então controlado por dois ou três minutos por 'Samuel', que disse, em resposta a minha pergunta, se nós marcássemos uma sessão naquela tarde, ele faria o melhor para repetir o experimento. Decidimos assim fazer e nos encontramos na residência da Sra. Ford. Estavam presentes o Dr. Monck, a Sra. Ford, meu irmão e esposa, além de mim mesmo.*
>
> *Para que o ocorrido na sessão fique perfeitamente entendido, é necessário aqui esclarecer que, um dia ou dois antes, o Dr. Monck recebeu uma carta de um cavalheiro de Londres, na qual estava um pacote selado onde estava escrito: 'não abra: nove perguntas para serem submetidas à respostas.' Esse pacote o Dr. Monck deu ao meu irmão, pedindo a ele que o guardasse até que as respostas as perguntas pudessem ser formalmente pedidas.*
>
> *Uma caixa de madeira com tampa solta e cordas foi dada pelo meu irmão, uma folha de papel de carta, envelopes, lápis, cera, martelo e pregos junto com dois pequenos sinetes, foram dados pela Sra. Ford, então nenhum dos artigos que seriam usados no experimento a ser tentado esteve previamente na posse do Dr. Monck. A caixa foi passada para exames e todos concordaram que era a melhor para a lide em questão.*
>
> *O Dr. Monck então cortou um pedaço do canto da folha papel de carta e mo deu, colocando em meu bolso. O papel foi então passado para exames e foi visto que não possuía uma marca ou qualquer outra coisa escrita nela. Todos nós*

vimos o Dr. Monck dobrá-la e colocar no envelope, que ele lacrou. O envelope foi então assinalado por cada pessoa presente e colocado por mim na caixa com os dois sinetes e um lápis. Somando as cordas e o selo, sugeri que a tampa da caixa fosse pregada; foi assim feito, cada um batendo um prego, e todos satisfeitos que sem mais nenhum lacre o conteúdo estava perfeitamente seguro. De todo modo, para se ter o dobro da segurança, com um pedaço de corda que não tinha uma quebra ou um nó amarrei a caixa, ficando em pé para fazer isso, para ter melhor apoio e colocar tanta tensão na corda que ela não podia se mover um centímetro em qualquer direção e que os lados da caixa e da tampa foram profundamente recortados na operação. Dei vários nós na corda, deixando nas pontas uns cinco centímetros. Cobri os nós e as pontas da corda com cera e pedi um selo para imprimir. Como não havia nenhum em mãos, utilizamos dois anéis de duas pessoas presentes para servir como estampa na cera. Isso, creio, acaba com a teoria que os selos poderiam ser quebrados e resselados, para dizer nada sobre a dificuldade envolvida que seria a resselagem sem uma luz.

Após um curto tempo sob a luz, sons, como de sinos sendo movidos, foram ouvidos vindos da caixa. Vimos então oscilar candidamente e elevar-se uns dois centímetros da mesa; depois tudo se acalmou. Nada mais ocorreu por algum tempo e o Dr. Monck, depois de pedir que colocássemos nossas mãos sobre a caixa, para assegurar-nos que não interferiria com ela de qualquer modo, solicitou que desligássemos a luz a fim de aumentar o poder. Assim foi feito e, em poucos minutos, "Samuel" tomou controle do seu médium. Após uma pequena conversação sobre o caráter da sessão, a ele foi perguntado se ele achava que poderia fazer uma escrita sob as condições severas então observadas e ele replicou que acharia que podia dizendo: "o que devo escrever?" Meu irmão, lembrando no momento do pacote selado que tinha em sua posse disse: "seria bom responder as perguntas contidas no pacote fechado que tenho em meu bolso."

Logo ouvimos o lápis trabalhar, e em curto espaço de tempo a tarefa estava completa. Foi-nos dito para acender a luz e abrir a caixa. Antes de abri-la, examinamo-la e vimos que a corda e as impressões dos anéis na cera intactos e, após cortar as cordas, foi com grande dificuldade que pude retirar os pregos e remover a tampa. Eu peguei o envelope no mesmo lugar que eu havia posto, assim como as iniciais escritas.

Abri-o e retirei o pedaço de papel de carta, imediatamente verificando que se unia perfeitamente no canto que eu havia rasgado, pois havia uma projeção e uma identificação correspondente, o que coloca além de controvérsias que os pedaços pertenciam um ao outro. No papel de carta foi escrito com um lápis o seguinte, com duas ou três outras palavras, que, por razões óbvias, foram omitidas:

‘4 de agosto de 76. Derby.

*Querido ****

1. Achamos que uma mudança é provável, as circunstâncias são as que os policiais peremptoriamente dizem 'MUDE-SE.'

*2. Pode ser na Rua ***. Siga-me e 'divirta-te'.*

3. Se necessário, assistir-te-emos.

4. A cidade é o lugar dele.

5. Não, apresenta-te com um estranho.

6. Eu quero que queimes os dedos? Já não tiveste o bastante da manufatura?

7. Em nenhum deles, mas agrade a ti mesmo.

8. Não saia de Londres.

9. Sim, faças mais perguntas, nossos conselhos são gratuitos.

SAMUEL, M.A.A., etc.'

Pedi ao meu irmão que abrisse o pacote, o que ele fez na presença de todos. Dentro foi achada uma folha na qual estava escrito a tinta o seguinte:

Meus queridos amigos espirituais, sentindo, como sinto, o fato de suas habilidades de aconselhar seus amigos terrestres, peço seus conselhos às seguintes questões:

1. Acham que uma mudança de endereço é iminente?

*2. Acham que a casa na rua *** seria boa?*

3. Se não, podem dirigir-me para qual ir?

*4. Acham que *** permanecerá na cidade?*

5. Se sim, acham que devo ir a ele me apresentar?

6. Aconselhar-me-iam começar a manufaturar de novo?

*7. Se sim, em qual departamento, no *** ou no ***?*

8. Se qualquer um acima, seria em Londres ou no interior?

9. Se meus amigos espirituais tiverem mais algum aviso a me oferecer, por favor, o façam sobre qualquer assunto concernente ao meu bem-estar, pois desejo ter-vos guiando meus passos.

*As perguntas acima são feitas por ***.*

Acho que os escritos da caixa suprem apropriadamente as questões do papel do pacote fechado, mas o problema a ser resolvido é como elas vieram parar ali. Detalhei minuciosamente os fatos que ocorreram e creio que a solução jaz na superfície, mas anteciparei a possível sugestão que por algum meio o médium obteve um conhecimento das perguntas e previamente escreveu as respostas num papel que conseguiu introduzir no envelope após a folha de papel de carta dada pela Sra. Ford ter sido examinada e antes do envelope ser assinalado, observando que - adicionado a dificuldade que tal sugestão encontra o fato que o pedaço que eu retive foi tirado de um papel em branco e bateu exatamente naquele em que as respostas foram escritas - há a dificuldade maior de dizer como, sob as circunstâncias, qualquer ser humano poderia saber que assuntos seriam selecionados para o teste de escrita; por meu irmão solenemente afirmo que até a caixa ser seguramente lacrada e 'Samuel' ter perguntado o que escrever não ocorreu a ele requisitar as respostas a serem

dadas as questões no pacote que ele tinha no bolso. Então esta parte do fenômeno, considerado pelo Dr. Wyld decisiva como verdade do Espiritismo, foi obtida sob condições ainda mais severas do que as sugeridas, pois, adicionado as cordas e lacres, a tampa da caixa fora pregada."

Sr. G. H. Adshead previamente obteve um sucesso similar:

"O Dr. Wyld, de Aberdeenshire, recentemente propôs o seguinte teste como 'uma prova final e absoluta do Espiritismo, que os mais ilustres oponentes seriam incapazes de se opor.' Tão logo sugerimos ao Dr. Monck, ele concordou em tentar. Nós nove colocamos nossas assinaturas em uma folha de papel (dada por mim mesmo e nunca tocada pelo doutor), que cada um previamente examinou ambos os lados, na luz de duas chamas de gás e viram-na em branco. Um não-espiritista - inteiramente desconhecido do doutor - dobrou o papel e colocou-o na caixa junto do meu lápis. Outro não-espiritista lacrou a tampa com quatro pregos e um martelo pesado. Com um pedaço de fita branca forte - dada pela Sra. Ford - ele então atou a caixa em seus lados, fez vários nós em cada cruzada da fita e colou as pontas no tampo da caixa com cera de selo, na qual um selo não-espiritista foi pressionado. Até a caixa ser bem segura, o Dr. Monck propositalmente sentou de costas para a mesa, e não tocou ou pôs um dedo sequer na caixa, papel, fita, etc. Em uns poucos minutos, 'Samuel' controlou o médium e perguntou-me se eu queria que ele escrevesse algo de especial no papel preso na caixa. Eu disse 'sim, escreva 'com amor para Louie'.' Ele replicou, 'será feito em um piscar d'olhos', e na mesma respiração disse, 'abra a caixa.' O Sr. W. Smith, de Gerard Street, que havia lacrado, cuidadosamente cortou a fita, a qual o selo estava aderido sem falhas e, com a ajuda de uma chave de fenda, com considerável dificuldade, abriu-a. E, com duas lamparinas acesas imediatamente acima, descobrimos a folha original, contendo nossas assinaturas, com todo o resto do que estava em branco em ambos os lados estava escrito com a grande e muito legível caligrafia bem conhecida de 'Samuel'. Um dos lados estava escrito: 'Salve todos! Apresentem meus cumprimentos ao Dr. Wyld e perguntem-no se é isso que quer. Eu tenho feito isto e outras coisas mais através deste médium. SAMUEL.' Do outro lado: '06 de agosto de 1876, com amor para Louie.' Uma carta detalhando esses fatos foi cuidadosamente feita e assinada, para publicidade, por todas as testemunhas cujas assinaturas foram postas no papel de teste antes do experimento."

Para aqueles que possuem uma crítica hiperfina, que aceitam tudo exceto testemunhos pessoais, em muitos casos não posso ver como tal testemunhos possam ser postos de lado. As condições sob as quais os testes foram feitos são conclusivas. É, de fato, apenas justo dizer que os fenômenos testemunhados na presença deste psíquico em particular são produzidos em condições extremamente satisfatórias e mais favoráveis para exata observação. Tem sido assim em um grande número de casos relatados, como o a seguir, pois é um espécime do cuidado tomado em testemunhar os fatos. Foi escrito e assinado por Joseph Clapham, de Keighley, na data de 6 de outubro de 1876, e relata as condições nas quais Monck se pôs:

"Não há motivos para engodos por que:

1. Um desconhecido do Doutor, que é um cético famoso, limpou cuidadosamente a lousa.

2. Enquanto essa pessoa a segurava, todos no círculo a inspecionaram e disseram que estava livre de escritas.

3. O cético segurou-a debaixo da mesa a pelo menos um metro e vinte do médium.

4. Instantaneamente ele sentiu e ouviu o lápis escrevendo na lousa.

5. Todos na sessão ouviram o mesmo som.

6. Nenhuma pessoa de carne, exceto o antes mencionado "cético", tocou a lousa do momento que fora limpa até ele levar à luz para que todos vissem estar cheia de letras.

7. As mãos do Dr. Monck ficaram na mesa em plena vista e ele ficou totalmente parado o tempo todo.

8. A sessão toda foi feita em boa e clara luminosidade.

9. Sentamos em uma sala que pertencia a um de nós, na qual entramos e vasculhamos algum tempo antes do doutor chegar.

10. Não devo omitir que o doutor permitiu-me vasculhar suas roupas, imediatamente antes e após a sessão.

11. E, finalmente, a comunicação na lousa foi uma direta referência ao que houvéramos cantado."

Finalmente, somo aqui um curioso resultado obtido pelo Sr. Coleman em vidro. O material usado aparentemente não faz diferença. Neste caso, como em tantos outros, a escrita foi feita por uma mão material.

"Nesta classe de manifestações que tem havido, de tempos em tempos, poucos são os que creio valerem a pena notar, exceto as mensagens recebidas por mim em 1869, em vidro, das quais preservei duas. Eu não me lembro se já publiquei um relato desses escritos, portanto, descrevê-lo-ei. Preparei pedaços de uma placa de vidro espesso e cobri-lhes a face superior com uma camada leve de tinta branca. O médium segurou uma ponta e eu, outra, e imediatamente colocamo-la debaixo da mesa, com a luz do lampião iluminando nossas mãos. Em um instante, senti algo como uma mão usando, aparentemente, a unha para escrever a mensagem. Eu conversei então com o suposto espírito de uma jovem conhecida minha, que tinha me dado seu nome, e minhas perguntas foram respondidas nos vidros preparados. Ela disse, 'estou no céu,' e eu perguntei, 'onde é o seu céu?' e a réplica - que eu preservei, todas as outras foram apagadas - foi, 'eu trago o meu céu comigo. ISABELLA.' E, como queria manter o vidro, coloquei de novo sob a mesa e perguntei ao espírito se podia pôr a data, e assim o ano de 1869 foi somado. Posso também dizer que a caligrafia era diferente da de Isabella e não deu evidências de sua identidade, mas sobre o fato de uma entidade inteligente ter escrito no vidro não pode jazer dúvidas."

CORRESPONDÊNCIAS EM *THE TIMES*

Antes de resumir a evidência que está mais à frente, devo-me permitir referir de passagem a alguns pontos do testemunho como foram trazidos na correspondência de *The Times*, no período do julgamento de Slade. Nas questões polêmicas levantadas à época, não é de minha vontade entrar. Não tenho desejo de reacender as chamas de velhos fogos, nem quero assumir uma atitude controversa ao apresentar minha evidência. Seria fácil para mim esquecer a conduta daquele memorável julgamento e mostrar quanta razão nós, que temos ido mais a fundo do que os acusadores foram, temos ao encontrar a falha da medida da justiça que nos serviram. Em outro tempo eu estaria pronto para agir assim, até mais do que eu já fiz[23], no presente é fora da minha linha de argumento e impactaria no meu propósito. Não desejo impugnar a ação daqueles cavalheiros que pensaram no seu dever ao acusar Slade. Nem tenho intenção de questionar suas crenças. Meu objetivo é histórico, não controverso. Meu assunto é simplesmente relatar fatos que, espero, possam levar um público discernente a concordar comigo na opinião que a conclusão a que chegaram foi apressada e que o método de investigação empregado não foi um método científico.

Eu não quero impugnar ou influenciar as crenças de nenhum ser, apenas desejo relatar certos fatos, os quais convido a perscrutar com suas crenças. Se puder refutar meus fatos, ficarei feliz em escutar os argumentos. Se puder aceitar e acolher em sua mente, ficarei feliz em reconhecer um amigo de pensamento. Porém, se não pode fazer nem uma coisa nem outra e tentar fugir dos meus fatos - se ele cai para trás em impossibilidades priorísticas ou muda de uma perna para outra, na vã esperança de evitá-los por procrastinação, parando entre duas opiniões, quase tão desconfortável em uma como na outra - não posso tirar meu chapéu para sua lógica, apenas sentir pena de seu dilema.

Durante a agitação que sucedeu o ataque do professor Lankester às lousas de ardósia, muitas cartas encontraram lugar em *The Times*. Não vale a pena citar as correspondências, e posso gravar aqui, como fortalecimento meu argumento, a experiência de um homem que está perfeitamente familiarizado com estes fatos, pois este tipo de pessoa é, até agora, melhor juiz do que aquele que não está.

Sr. Joy, M. Inst. C.E[24], antigo da R. A.[25], escreveu do Clube Junior de Serviços Unidos:

> *"1. Slade sentou na minha frente, me encarando, e em tal posição não apenas suas pernas e pés, mas o tronco todo, assim como ambas as mãos e braços estavam em plena vista por toda a sessão, exceto quando ele segurava a lousa debaixo da mesa, quando uma das mãos e o antebraço eram encobertos.*
>
> *2. A escrita sempre foi na parte de cima da lousa.*
>
> *3. Em uma ocasião eu escrevi uma pergunta em um lado da ardósia, segurando-a em tal posição que Slade não poderia ver o que eu escrevia, não que fizesse alguma diferença ele ver ou não; depois de virar ao contrário para*

[23] N. do T.: The Slade Case (O Caso Slade) por M.A., Oxon, sem tradução em português

[24] M.Inst. C.E. sigla para Associate (Member) of the Institution of Civil Engineers ou Membro do Instituto de Engenheiros Civis da Inglaterra.

[25] R.A. sigla para Royal Academy of Engineering, ou Real Academia de Engenharia.

que a minha escrita ficasse por baixo, Slade pegou um corner enquanto eu segurava o oposto e, enquanto ambos a tínhamos, passamos por debaixo da mesa, quando ele imediatamente a soltou e pôs ambas as mãos no tampo da mesa. Sob essas circunstâncias, tive uma resposta a minha pergunta escrita na parte de cima da lousa."

Sr. G. C. Joad somou seu testemunho:

"Levei comigo uma lousa-livro - isto é, duas lousas unidas como se fosse um livro. Primeiro examinei os dedos do Dr. Slade, as unhas estavam cortadas tão rente que não cria nem ser possível para ele retirar uma lasca e não havia marca de pedaço de lápis que pudesse ser puxado entre a unha e a carne. Então inspecionei a lousa do Dr. Slade que estava na mesa e marquei com minhas iniciais um canto, foi então imediatamente passada encostando no lado inferior do tampo da mesa em um canto, em tal posição que eu podia ver o polegar do Dr. Slade na borda da lousa projetando além da quina da mesa perto dele, enquanto o corner da lousa com as minhas iniciais era apenas visível além do lado da mesa perto de mim. Um arranhão foi ouvido e uma mensagem foi vista escrita no lado onde minhas iniciais estavam. Preciso desesperadamente dizer que mantive meus olhos na parte visível da lousa o tempo todo.

Então peguei a minha lousa perfeitamente limpa com um pequeno pedaço de lápis colocado no meio dela, fechei-a e coloquei-a debaixo da mesa. Pude ver até o fim que foi mantida fechada, a mensagem foi grafada na parte de dentro, a escrita era canhota e o pedaço de lápis colocado na face interior que permanecia limpa. Desta vez o Dr. Slade, com a lousa fechada, a levantou e descansou um corner em um ponto de meu ombro esquerdo, com ela se projetando para frente, então ao virar a cabeça eu podia vê-la por inteiro. Foi movida direto para a mesa de meu ombro e não a perdi de vista por um segundo.

Um arranhar começou e após três tapas, a lousa foi posta sobre a mesa e aberta. Na face que estava previamente limpa foi escrito 'não posso fazer mais, deixe que isto prove. Allie.' Talvez eu deva também mencionar que nenhuma pancada ou batida ocorreu para distrair a minha atenção.

GEORGE C. JOAD
Oakfield, Wimbledon Park, Quinta 18 de Setembro."

E o professor Barrett, F.R.S.E., escreveu uma carta muito louvável na qual, protestando contra a força bruta do argumento do Sr. Lankester, detalha o que obteve por si - dando atenção ao que pode jogar muita luz sob obscuros fenômenos desse tipo - exemplo, o fenômeno de transmissão de pensamento, ou genericamente, da ação de uma mente sobre a outra, atravessando o espaço, sem a intervenção dos sentidos.

"Logo após a minha primeira sessão com Slade, notei as mesmas circunstâncias suspeitas as quais o prof. Lankester aludiu - nominalmente o

movimento dos tendões do pulso, a tosse, inquietude, etc., adicionado ao fato que Slade sempre senta de costa para a luz e de lado, então a frente de sua pessoa fica sombreada, embora geralmente em plena vista. Naturalmente, a primeira explicação que vem à mente é uma como essa dada pelo prof. Lankester, embora observações em várias sessões subseqüentes atestam que esta e outras teorias falham, em minha opinião, em estabelecer alguma base tão conclusiva quanto às asseveradas pelo prof. Lankester.

Ao invés de forçosamente interromper Slade e descobrir escritos quando ninguém era para estar presente - o que é a substância da exposição do prof. Lankester e a qual Slade poderia fornecer uma resposta pronta com base em sua ignorância de quando a escrita realmente ocorre - eu fiz o seguinte experimento:

Coloquei na mesa uma lousa limpa dos dois lados a fim de que descansasse acima daquela, embora sua superfície não pudesse tocar o fragmento do lápis de ardósia. Nesta posição, pus a lousa firmemente sob meu cotovelo, uma das mãos de Slade estava então segura pela minha e os dedos da outra mal tocavam a lousa. Enquanto olhava de perto ambas suas mãos, as quais não se moveram perceptivelmente, eu fiquei admirado em ouvir arranhões vindo aparentemente da parte de baixo da mesa e, quando a lousa foi virada, achei o lado debaixo coberto com caracteres. Um resultado similar foi obtido em outro dia; depois, um eminente cientista amigo meu conseguiu escritos em uma placa limpa quando segurava inteiramente com suas mãos e as de Slade na mesa."

Aqui parece ser o lugar para adicionar o testemunho de alguém que teve as vantagens combinadas da vasta oportunidade de observação e de exatos métodos científicos indo de frente nas oportunidades que lhe advieram.

Sr. W. H. Harrison, editor de *The Spiritualist*, escreveu-me:

"Antes do Dr. Slade vir a Londres, anos de observação de numerosas sessões provaram-me que as mãos comumente materializadas nas sessões eram freqüentemente duplicatas das do médium, e produzindo quase a mesma caligrafia. A primeira mensagem que eu vi se produzir na presença do Dr. Slade foi feita à luz do dia, sob tais condições claras de testes físicos que não dão espaço à teoria de engodo na mente de qualquer observador científico treinado ou competente. Notei que elas eram quase sempre iguais à caligrafia do médium e isso, o que para uma pessoa ignorante seria indicativo de falsidade, era em favor da veracidade do fenômeno para um expert. Deixando a sala após a sessão, eu tive uma pequena conversa com Sr. Simmons e, sem dizê-lo o que eu sabia, apenas para testar sua integridade, perguntei a ele se a caligrafia nas lousas tinha alguma semelhança com a do Dr. Slade. Sem hesitar, ele respondeu que havia normalmente uma forte semelhança. Isso mostra a confiabilidade e ausência de exageros nas afirmativas do Sr. Simmons, que é um dos mais calmos e quietos homens viventes; se ele tivesse sido propenso a fazer declarações na antecedência dos fatos, ele tentaria fazer o fenômeno mais maravilhoso e teria

dito que ali não havia geralmente semelhança entre as caligrafias. Porém a verdade foi assim, sem reservas, contada pelo Sr. Simmons diretamente após ele chegar a Londres e foi prontamente impressa por mim em The Spiritualist*, para a informação dos observadores das sessões do Dr. Slade."*

Ao lidar com tais fatos, o testemunho de observadores capacitados é de grande valor. Imaginem um reputado cientista, ignorante de astronomia, que entrasse em um observatório e dissesse que sabe mais sobre o trabalho ali feito do que os astrônomos experts e que se portasse com o "saber" geral, o que aconteceria? Certamente não seria reconhecido pelo mundo científico como um representante de crédito.

SUMÁRIO DE FATOS

A soma do que tenho relatado pode ser resumido nas seguintes proposições:

1. Que existe uma força que opera através de um tipo especial de organismo humano e que é convenientemente chamada de FORÇA PSÍQUICA.

2. Que essa força é (em certos casos) demonstrada e inequivocamente governada por uma Inteligência.

3. Que essa Inteligência é (em certos casos) provavelmente não da pessoa ou das pessoas as quais a Força é envolvida.

4. Que essa Força, governada por uma Inteligência externa, manifesta sua ação (entre outros métodos) pelas escritas de frases coerentes sem intervenção de qualquer dos métodos usuais de escrita. Tal escrita anormal é convenientemente chamada de Psicografia.

5. Que a evidência da existência dessa Força, governada por uma Inteligência externa, jaz em:

(a) os sentidos dos observadores;

(b) os fatos que a linguagem diferente da que é de conhecimento do psíquico é usada;

(c) o fato de que o assunto-matéria dos escritos é freqüentemente além do conhecimento do psíquico;

(d) o fato de que é indubitavelmente impossível produzir tais resultados por fraude sob condições similares àqueles sob as quais os fenômenos são obtidos e

(e) o fato de que esses fenômenos em especial são produzidos não apenas em público, por dinheiro, mas em particular e sem a presença de nenhuma pessoa fora do círculo familiar.

DEDUÇÕES, EXPLICAÇÕES E TEORIAS

Daqui para frente mostrarei fatos que considero necessários a um grande número de meus relatos. Se não citei alguns, foi porque vieram dentro delas suas próprias experiências pessoais de alguns amigos meus confiáveis e devo relembrá-los que meu objetivo não é escrever uma exaustiva crônica, mas apenas trazer casos que explicam e endossam meus argumentos. Não posso citar todos e usei uma discrição de editor ao selecioná-los.

Desejo agora, para concluir meu argumento, chamar atenção a alguns pontos que lançaram luzes nas teorias que foram mantidas.

O Dr. Carter Blake relatou sua opinião que a Força, cuja ação observou com Slade, "agiu de um lugar ou lugares separados dele". A isso ele não, é claro, implica que o psíquico não é o meio pelo qual a Força se envolve. Lógico que é. Aqueles que tiveram a oportunidade de segurar as mãos de um psíquico durante o tempo que ele entra em transe durante a ocorrência do fenômeno são conhecedores das pulsações e palpitações que evidenciam o surgimento da força dentro dele. Estremecimentos convulsivos agitam-no e são freqüentemente comunicados pelo observador, mesmo este não sendo um psíquico.

Tenho uma boa causa para lembrar de um dos meus primeiros experimentos com dois poderosos psíquicos, Herne e Williams. Após três testes infrutíferos, o quarto resultou em uma ação convulsiva do meu braço direito que forçava minha mão a bater na mesa com a mais surpreendente veemência. Eu estava perfeitamente sem poder controlar meu braço e o resultado foi que minha mão ficou tão machucada que a dor durou alguns dias. Apenas o braço tinha sido afetado, em todas as outras partes eu estava em perfeito estado normal.

Dr. C. Blake percebeu um fato similar ao relatar um de seus experimentos com Slade:

> *"Suas mãos estando sob as minhas, no centro da mesa, os músculos de meus antebraços faziam um movimento convulsivo, e as ondas desse movimento, conforme minha impressão, procediam de meus cotovelos até a ponta dos dedos, e não ao contrário, como algumas pessoas podem ser levadas a pensar. A sensação era diferente da que poderia ter sido produzida por uma bateria elétrica sob a mesa e era mais como eu imagino ser a sensação da 'aura epilética.' Esse movimento convulsivo é gradualmente comunicado à mesa se as mãos do psíquico estiverem nela."*

Tenho freqüentemente notado uma pulsação rítmica na mesa, começando algum tempo antes que qualquer outra manifestação objetiva da Força seja mostrada e gradualmente aumentando até culminar nos sons percussivos ou nos movimentos da mesa. Quando esta condição é obtida normalmente é desnecessária ao psíquico, ou, claro, para qualquer um, tocar mais a mesa. Os movimentos continuarão a pedidos, sem o contato de qualquer mão, até que a Força acumulada termine, quando novo contato se fará necessário.

No caso de Slade, fazer e quebrar o contato das mãos e a conseqüente cessação e recomeço da escrita eram muito sugestivos. Já aludi a este ponto antes e vários relatos que

citei também o fazem. O relato abaixo, escrito por Sr. Conrad W. Cooke, da Sociedade dos Engenheiros Telegráficos, põe isto claro:

> *"Na tarde do sábado, 19 de agosto de 1876, eu, na companhia do professor ***, tivemos uma 'sessão' com Dr. Slade, em uma casa na Upper Bedford Place, Russel Square. Chegamos a casa um pouco antes das três e, como o Dr. Slade estava em sessão com outros cavalheiros, ficamos em uma sala de visitas no primeiro andar.*
>
> *Logo, dois cavalheiros saíram da sala interna, pagaram a taxa à secretária e foram embora. O Dr. Slade então veio e levou-nos para a sala adjunta, que era uma simples sala de visitas nos fundos da casa, mobiliada como as casas simples geralmente são e tendo uma mesa dobrável retangular no meio, o mais distante da janela que o centro da sala poderia ser. Esse móvel era coberta com um pano de mesa colorido e gasto, o qual o Dr. Slade removeu. Ele então pediu para que a examinássemos. Assim foi feito, movendo-a, virando-a de ponta cabeça e batendo-a em vários lugares. Tanto quanto pudemos ver, era uma mesa perfeitamente comum, as abas eram da dureza normal e tudo aparentava ser bem sólido.*
>
> *O pano da mesa não foi recolocado, e nós, a pedido do Dr. Slade, sentamos da seguinte maneira: Dr. Slade com suas costas para a janela e encarando a parede que dividia-nos do cômodo onde esperávamos antes; eu sentei à sua frente o encarando, portanto tendo a janela perante mim, o professor *** sentou-se entre nós, em um ângulo reto do modo como eu e o doutor estávamos, tendo o Dr. Slade a sua esquerda e eu, à direita.*
>
> *A sala não era escura e o dia, embora geralmente nublado, estava entremeado com raios de luz do sol. Menciono isso para mostrar que o que vimos foi à luz do dia em uma sala iluminada por uma grande janela virada para o oeste.*
>
> *Sentamos, como disse, em três cantos da mesa, com nossas mãos juntas sobre ela formando o que o Dr. Slade chama de "cadeia". A sinistra do professor *** ficou sobre a direita do Dr. Slade, enquanto a sinistra dele sobre a minha destra e minha sinistra, na destra do professor ***.*
>
> *Deste modo sentamos quase quatro minutos, quando a mesa deu dois ou três tremendos pulos, primeiramente espaçados, mas depois seguidos uns dos outros e tornando-se mais decididos em poucos minutos. Foram seguidos de gentis tapas como se produzidos por uma unha tamborilando na mesa, e depois foram as pancadas tornando-se mais barulhentas até violentamente estremecê-la e quase tirá-la momentaneamente do chão.*
>
> *O Dr. Slade então disse 'Está aí, Allie?' Tapas vieram da mesa como se em resposta e o Dr. Slade pegou uma lousa escolar comum e um pedaço de um lápis de ardósia. Colocou o pedaço do tamanho de um grão de arroz na lousa, a qual*

*segurou debaixo da mesa, pressionando-a contra o lado debaixo da borda que estava sobre os joelhos do professor ***. Durante este tempo a cadeia foi mantida como antes, exceto quando o Dr. Slade segurou a lousa. Ao segurá-la sob a mesa, ele fez isso apertando a borda da mesa e a lousa juntas, a maneira de uma pinça, de modo que seu polegar estava acima da mesa. Imediatamente assim que lousa foi posta debaixo da mesa ouvimos a escrita do lápis nela e quando cessou o Dr. Slade a retirou, aparentemente encontrando resistência, deslizando-a da borda em um jeito muito similar ao deslizar de um metal em um imã permanente poderoso. Sobre a lousa havia palavras escritas em uma caligrafia muito clara.*

*O professor *** então perguntou ao Dr. Slade se ele achava que a escrita poderia ser produzida se a lousa estivesse acima da mesa. O Dr. Slade repetiu a questão verbalmente e, colocando a lousa, como antes, por baixo da aba, as seguintes palavras foram escritas: 'não sei, mas tentarei.' O 'grão' do lápis de ardósia foi posto na mesa e coberto com a lousa sobre a qual o Dr. Slade colocou a palma de sua mão esquerda, com sua outra mão acima na mesa e tocando as nossas. O som da escrita imediatamente começou e continuou por muitos minutos, apenas parando quando um de nós levantava um mão e 'quebrava a cadeia', como Dr. Slade se expressava. Quando a lousa foi virada, estava perfeitamente coberta com uma escrita pequena e limpa, um tipo de resenha sobre a natureza benéfica e inofensiva do Espiritismo, que foi chamado por esse nome, e terminando com uma assinatura 'A. F. Slade.'*

*O professor *** então pediu segurar a lousa por si mesmo. Um grão de lápis foi colocado nela, para então ele passar pela aba e pressioná-la sob o tampo. Em um momento, a escrita começou e uma palavra ou duas foi realizada. Durante o teste, ambas as mãos do Dr. Slade estavam sobre a mesa. Uns poucos minutos depois, quando a lousa foi pressionada de novo sob a mesa, as seguintes palavras foram escritas: 'Adeus, não posso mais.' e após isso nenhuma escrita ou batida foi produzida e saímos.*

Nas notas acima, eu simplesmente relatei os fatos como eles transcorreram perante meus olhos e daquele meu amigo a plena luz do dia de uma tarde augustina entre às três e quatro horas. Não comentarei quanto a sua causa.

Muitos observadores notaram o fato que as mãos de Slade, quando em contato com elas mesmas, eram febrilmente quentes e emitiam sons de estalos e cliques. Ele as retraía, como se o contato o queimasse. Eu percebi isso especialmente durante a escrita enquanto segurava a lousa. Após Slade fazer uns passes sobre meu braço, meus dedos pinicaram e escutei distintamente barulhos de pipocos na mesa."

Esses pipocos às vezes eram tão poderosos que transformavam a lousa em pedaços. A lousa dupla do Sr. Wedgwood foi quebrada em diminutos estilhaços. O Rev. J. Page Hopps levava consigo uma lousa a qual, de uma maneira inacreditável, a caminho de casa foi

similarmente pulverizada. Outros observadores relataram a mesma ação do que é uma aparentemente força explosiva dentro dos objetos - não algo que aja de fora para dentro. E o Rev. Thomas Colley, escrevendo a 14 de dezembro de 1877, deu-nos um relato muito instrutivo.

> *"Um cavalheiro levou a Monck uma lousa que tinha preparado de modo que fosse impossível a adulteração. Ele tinha embutido na lousa uma placa de vidro robusta, por meio de gesso de Paris, deixando um espaço de cerca de dois centímetros entre a ardósia e o vidro. Um fragmento de lápis foi introduzido nesta câmara. A lousa estava perfeitamente limpa e era fisicamente impossível escrever em sua face interna por meios normais. Sr. e Sra. Colley, juntos com Sr. e Sra. Cranstoun, do Tirol, encontraram-se com Monck em 14 de dezembro, e, em seguida, a palavra desejada pelo senhor que inventou o teste foi claramente escrita. A palavra era "Tânger". Foi, em um momento azarado para a segurança da parte de vidro da lousa, proposta uma tentativa de somar uma palavra ditada por cada pessoa presente. A lousa, com a parte de vidro para cima, provavelmente para obter a escuridão necessária, foi posta debaixo da mesa e dois cavalheiros puseram os pés nela. O Sr. Colley descreveu a sensação de palpitação dentro da lousa - forte como quando o vapor confinado levanta a tampa de uma chaleira - e, em um momento, uma explosão a fragmentou sobre o carpete, como espuma d'água de uma fonte. O Sr. Colley instantaneamente pegou a lousa e descobriu as palavras escritas na mesma ordem que foram ditadas."*

A parte interessante dessa narrativa, além do teste que contém, é a ação explosiva da força e sensação de palpitação que o Sr. Colley, ao ter seu pé no objeto, foi capaz de sentir antes da explosão. Parece que a pequena câmara entre o vidro e a lousa foi feita de receptáculo no qual a força convergida pelo psíquico foi estocada, assim como, creio, a mesa é carregada pela força antes que qualquer manifestação seja dada de sua presença.

Tanto que somos capazes de reunir o máximo da fonte e operar essa força psíquica. É o "fluído mesmérico" de Mesmer, o ódilo[26] de Reichenbach, o nervo-aura de outros investigadores.

Quando viemos a considerar o método de sua direção, entramos em um terreno precário. Tantas teorias foram propostas que sua simples enumeração será suficiente para mostrar as linhas nas quais as especulações trabalham.

O Dr. Collyer é um tipo daqueles que consideram que o fenômeno da psicografia é devido a uma ação inconsciente da vontade do psíquico. Eu somo uma interessante asserção de seu ponto de vista, extraído de um panfleto publicado por ele ao mesmo tempo do julgamento de Slade. Apesar de não ser original, o extrato que cito dá uma exposição conveniente de seu ponto de vista:

> *"Brevemente narrarei minha experiência com Sr. Henry Slade e apenas citarei as minhas notas da escrita automática, deixando os outros fenômenos*

[26] N. do T.: sinônimo de ectoplasma.

para outra ocasião. Em 6 de outubro de 1876 às 7:00 p.m., fui ao número 8 da Upper Bedford Place. Em uma sala de visitas encontrei Sr. Henry Slade, Sr. Simmons e duas jovens. Após poucos minutos, Sr. Slade e eu entramos em uma pequena saleta dos fundos. Havia dois lampiões a gás ligados ao máximo, fazendo a saleta tão luminosa quando o gás poderia fazer.

O Sr. Slade pegou minhas mãos e, após uns poucos minutos, entrava no 'estado'. Essa transição foi acompanhada pelos tiques nervosos usuais. Ele me disse para limpar a lousa que estava na mesa. Assim o fiz, com uma esponja, depois com meu lenço. Não perdi de vista a dita lousa, que ele colocara debaixo do canto da mesa. Um pequeno pedaço de lápis de ardósia foi posto na parte superior da lousa. Em menos de dez segundos na dita lousa começou o escrito e em mais dez segundos oito linhas de texto, enchendo a face superior, foram feitas.

Como antes disse, Sr. Slade acredita que foi escrito pelo espírito de sua esposa. O que ele acredita é suficiente ao lado do fato da escrita ocorrer sob circunstâncias que nenhum sabichão ou trapaceiro poderia imitar. Era a fé cega de Slade que a escrita era produzida espiritualmente que capacitava sua força de vontade encorpar o pensamento. Ao atender o julgamento na corte de Bow Street, ouvi a proposição infantil de lápis químicos, tintas simpáticas e tal. Eu, portanto, para enfrentar tais objeções, comprei de um mascate em Holborn duas lousas de porcelana branca, de dezessete centímetros por doze, e levei-as à sala de Slade na sexta-feira, 2 de novembro ao meio-dia. Fomos à mesma sala do prévio encontro. Sr. Slade sentou por vinte minutos, mas faliu inteiramente dizendo que não tinha poder. Eu não estava surpreso, pois sabia de pessoas que perdiam todo o poder por semanas. No domingo seguinte, 5 de novembro, ao meio-dia, visitei de novo o Sr. Slade. Desatei as lousas eu mesmo, quebrei um pedaço de grafite cumberland de menos de meio centímetro, o qual pus entre as lousas e reatei-as com uma fita que havia trazido. Elas então foram postas no tampo da mesa com os dedos do Sr. Slade estando em contato com a borda da lousa superior e a sua outra mão em cima da minha. Eu ouvi distintamente a escrita se perfazer ou ser feita. Ao abri-las estas palavras estavam escritas:

'Não podemos escrever com esta ponta de lápis - A. W. Slade.'

Eu as reatei, deixando dentro o pedaço de lápis original.

Uma lousa comum, que eu cuidadosamente limpei, foi posta na mesa, e na face de baixo ouvi a escrita. Tinha os cotovelos nela o tempo todo e ao virá-la descobri quarenta e nove palavras escritas em menos de três minutos pelo meu relógio. Ao retornar a sala de visitas, encontrei um cavalheiro que tinha trazido uma lousa dobrável consigo, ela estava escrita em ambos os lados, ou seja, dos lados de dentro da parte dobrável. Havia sessenta e quatro palavras.

Na página 94 de meu trabalho, 'Exalted States of the Nervous System' *(Estados Alterados do Sistema Nervoso) (Renshaw, 356 Strand), eu usei estas*

palavras: 'Fé e Vontade - o poder da vontade, em estado normal, é confinada aos atos imediatos e essenciais às funções vitais, mas pode ser educada (durante um estado anormal) e ser direcionada para fora e além do canal comum, portanto, esses fenômenos cerebrais, ou estados anormais, podem ser induzidos pela vontade do indivíduo. Na ordem de chegar ao perfeito controle dos órgãos não normalmente sob influência da vontade, muito tempo é requerido.'

Na página 106 afirmo: 'A materialização do pensamento é a representação cerebral ou produção da figura pensada. Se há fluído nervovital suficiente ao comando do médium, ele é capaz de projetar uma materialização que irá, por um tempo, sob o direcionamento da força de vontade, manifestar todas as condições de uma existência independente.'

O médium deve necessariamente ser uma pessoa extremamente sensitiva - mesmo morbidamente falando. Como, então, é possível que ele possa estar calmo e em si mesmo, exercitar sua concentração mental ou a força de vontade, se é propositada e irritabilmente testada sua sensibilidade, ferida por uma oposição pueril e devassa? Não se pode esperar que, se as condições necessárias para o sucesso são destruídas, os resultados bem sucedidos possam se seguir. Seria tão insensato quanto quebrar um relógio e resmungar porque parou de marcar o tempo.

Nenhum homem é maior admirador da pura filosofia e da razão indutiva quanto eu mesmo. Abomino também com ódio e desprezo os arrivistas parvos na ciência que imaginam que por 'coups de main' *(batida de palmas) podem resolver as mais recônditas revelações das funções cerebrais. Não pode ser esquecido que o Colégio Médico de Londres ignorou Harvey e Jenner. Não se deve olvidar que a Sociedade Real da Grã-Bretanha recebeu a notícia dos experimentos de Benjamim Franklin, mostrando a igualdade do relâmpago com outro fenômeno elétrico, com uma saraivada de gargalhadas.*

Napoleão encaminhou a matéria da navegação a vapor a Academia de Ciências, o resultado foi que a Academia deu como 'ridícula' a idéia. Quando George Stephenson primeiramente propôs a viagem por trens, como a idéia foi tratada na Câmara dos Comuns da Inglaterra? Seu filho, Robert Stephenson, como toda a Inglaterra, não ridicularizou o projeto francês de cavar um canal em Suez? Ainda assim, a nação britânica uns poucos anos depois deu quatro milhões de libras esterlinas pelo mesmo canal! Quem, cinqüenta anos atrás, não seria chamado de louco se declarasse ser possível manter, em poucos minutos, uma comunicação com seus amigos na Austrália? Os casos podem ser multiplicados mostrando a ignorância dos mais intelectualizados em matérias que vão além de seus conhecimentos. O universo abunda em mistérios, emocionantes apenas nas estéreis imaginações do observador desalentado, mas estimulantes a uma pesquisa incansável e séria ao filósofo.

Contradizer as experiências passadas é uma indicação certa do erro, ir além é a indicação mais verdadeira da descoberta genuína. Se a ignorância é

punível com três meses de trabalhos forçados, quem poderia escapar da tarefa incrível de continuamente andar escadas acima?

Slade não é responsável por sua falta de conhecimento quanto ao modus operandi *dos mais recônditos fenômenos conectados com a função cerebral. Tudo que ele sabe é que esses fenômenos não ocorrem sob certas condições. Não é devido crer que muitos são produzidos pelo espírito de sua falecida esposa, tal crença entra na esfera da jurisdição criminal*[27]*. Não sou responsável pelas idéias de Slade. Sou, embora, convencido que ele é honesto em sua crença. O que me concerne é a produção desses fenômenos cerebrais. Minha convicção do fato que são produzidos sem a menor tentativa de truque ou fraude é a da alcançada em trinta e cinco anos de investigação. Que muitas pessoas com poderes parcialmente desenvolvidos recorreram a engodos estou igualmente convencido, mas esses não militam contra o fenômeno genuíno. Isto é um assunto com o qual a mente humana é tão familiarizada que não pode ser simulado ou imitado tão intimamente que se possa enganar e trair os desavisados.*

Estou tão certo da veracidade das escritas automáticas apresentadas por Henry Slade, dos Estados Unidos, quanto tenho da minha própria existência, ou que o sol fornece luz, ou é a causa da luz, ou de qualquer outro efeito físico universalmente admitido. Eu não encontro falhas como o magistrado que definiu 'quiromancia' como sendo análoga a estes novos fenômenos mentais. Nem culpo Sr. Henry Slade por acreditar que o fenômeno é produzido pelo espírito de sua esposa falecida. Eu estou firmemente convencido que se ele não tivesse tal crença, o fenômeno não se produziria. Fé cega é essencial ao exercício da força de vontade.

É a força de vontade durante um estado cerebral alterado ou exaltado que produz todos esses variados fenômenos, não interessa quão diversificado ou aparentemente complicado.

Absoluta fé cega (não exercitável durante o estado normal de existência) é necessária para o completo desenvolvimento da força de vontade. Duvide-se de nossa própria capacidade e deixa-se de existir. Convicção de poder é a estrada mais correta ao sucesso, 'aquele que hesita está perdido.' É real e ridiculamente curioso achar homens de faculdades mentais ordinárias escreverem sobre 'o curso comum da natureza.'

Todo o mundo acreditava nos postulados de Aristóteles e estas eram definidas como as 'leis da natureza' até Galileu e Newton demonstrarem o contrário. Até as leis dos corpos cadentes e da gravitação, por dois mil anos o mundo inteiro falou do 'curso comum da natureza.' Comum o bastante poderia a pobre natureza ser se interpretada por tais conjurações mecanicistas. O que é

[27] N. do T.: Na Inglaterra, vigia, à época, o *Witchcraft Act*, uma lei medieval contra qualquer tipo de ato ligado a bruxaria e falar com os mortos seria um ato do tipo, quase igual a necromancia. As penas eram bem severas, podendo chegar à morte.

que nós intitulamos como uma lei da natureza? É, como geralmente aceita, uma abstrata regra soberana da divina autoridade antes do começo da existência do mundo? Ou é apenas um epítome sintético das operações da natureza, tal como as experiências e assiduidades humanas descobriram e a ingenuidade humana arranjou? Isto, neste tópico mesmo, é um erro prevalente, mesmo entre os homens mais versados em ciências. São também muito capazes em confundir teoria científica, convencionalmente carimbada como uma 'lei da natureza', como um princípio original estabelecido por decreto do Onipotente. O pobre desgraçado que tem a temeridade ou a ousadia tola para questionar sua validade é denunciado como um herege contra a ordem da própria natureza. Roger Bacon foi excomungado pelo Papa por tal crime e preso por dez anos acusado de ter trato com o diabo. Naquele período (o século XIII), os professores ficavam presos, por juramentos, a seguir nenhum outro guia além de Aristóteles. 'Há uma diferença enorme entre os ídolos da mente humana e as idéias da mente Divina'."

Dr. Geo. Wyld abraça uma idéia um tanto similar. Em uma elaborada notícia impressa no *The Spiritualist* de 14 de dezembro de 1877, ele mantém a opinião "que todos os fenômenos que obtivemos 'poderia' ser produzidos pelos espíritos dos vivos." A respeito da psicografia de Slade ele "acredita que era produzida por seu próprio espírito parcialmente em transe," embora Slade estava, em todas as aparências, em seu estado normal o tempo todo.

Esta teoria encontra uma curiosa ilustração nos experimentos relatados pela Srta. Kislingbury, os quais já citei anteriormente. Aqui, todavia, a vontade do psíquico não era decididamente a única causa ativa. E, mais provavelmente, isso pode ser em qualquer caso dado. A idéia do Dr. Collyer é que mais entra em acordo com essa crença antiga. Aqueles que nos dias antigos estudaram os mistérios do ocultismo nos deixaram mais ou menos desconcertantes relatos de suas conclusões. Aqueles que são curiosos o bastante para desejar espiar através do véu e verificar o que a sabedoria dos antigos reuniu, podem achar no livro nova-iorquino "Ísis Sem Véu: A Chave dos Mistérios das Ciências Antigas e Modernas e da Teologia." por H. P. Blavatsky. Ali achará espalhado aqui e acolá em dois grandes volumes - obras-primas da indústria e erudição - muito do que atrairá sua atenção e exercitará seus pensamentos. E ali, também, descobrirá os pontos de vista dos sábios antigos e medievais, respeitando o poder inato do espírito humano totalmente estabelecido.

Eles acreditavam que o espírito humano, propriamente treinado para energizar através de sua vontade, possuía poderes incalculáveis; que sua ação era limitada pelo corpo no qual estava aprisionado, porém estendido, sob circunstâncias favoráveis, a quase todas as distâncias. Eles mantinham que o fenômeno da psicografia, com o qual eram perfeitamente íntimos, era efetuado pelo espírito do psíquico tão realmente quanto quando sua mão segurava o lápis e fazia as letras.

Eles falariam que tais performances que conhecemos hoje em dia são nada além de débeis produtos inconscientes de um espírito destreinado que possui poderes mágicos sem saber. Eles desencorajariam esses fenômenos psíquicos inconscientes e desregulados e substituiriam os débeis e incertos resultados pelos esforços certos e calculados de uma vontade treinada. Homem, eles diriam, como um espírito encarnado, tem em si mesmo tudo

que necessita para a produção dos mais aparentemente miraculosos resultados. Ele é o senhor da criação, com a "promessa e potência" dentro dele, até mesmo o poder criativo, sendo que ele apenas sabe disso mas não compreende.

O cabalista é muito forte em seu clamor, mas ele é ao menos coerente. Ambos Drs. Wyld e Collyer parecem misturar dois estados totalmente diferentes: um que chamo de psiquismo, no qual o psíquico está tão longe de exercitar o poder de sua vontade com aquela energia concentrada que sozinho aproveita e deve *ex hypothesi*(a partir da hipótese) ser passivo e estar em repouso perfeito, a fim de obter resultados; e outra, que é o estado de força de vontade cônscia e concentrada - um estado tão positivo quanto a outra é negativa - que não admite passividade, porém é caracterizada pela mais severa das energias.

Há, de fato, graus de distinção entre as três explicações e o leitor curioso pode divertir-se, sem experimentar muito medo ou falha, em sugerir dificuldades que nenhum dos teoristas modernos pode esperar resolver.

Na revista do Dr. Morin *de Magnetisme*, publicada em Paris, ao tempo que as mesas girantes estavam em seu auge, uma carta foi impressa contendo assertivas beirando o que agora aludo. Eu cito do mesmo trabalho da Madame Blavatsky acima descrito:

> *"Nós, que bem conhecemos o valor dos fenômenos, estamos perfeitamente certos de que, após termos carregado a mesa com nossos eflúvios magnéticos, chamamos à vida, ou criamos, uma inteligência análoga a nossa, a qual, como nós mesmos, é dotada com livre arbítrio - pode falar e discutir conosco com um grau de lucidez superior, considerando que o quociente é mais forte que a parcela, ou melhor, o todo é mais largo que uma parte dele... O fenômeno é tão velho quanto o mundo... os sacerdotes da Índia e China praticavam antes dos egípcios e gregos. Os selvagens e esquimós conheciam também. É o fenômeno da fé, fonte única de cada prodígio.*
>
> *Este é o segredo mágico da Cabala, a grande verdade enunciada nos dias idos por Jesus Cristo – 'tua fé te salvou', 'se tem a fé como um grão de semente de mostarda, diremos para a montanha 'jogue-se nas profundezas do mar' e assim será feito.' - o único segredo do sucesso, uma vontade que não conhece 'talvez', e uma fé cuja confiança nenhuma falha temporária pode abalar."*

Esta teoria de ação de uma nova consciência, tirada das inteligências dos presentes ao experimento, tem sido muitas vezes sacada da cartola para ser desintegrada por algum fato que não é suficiente para explicá-la. Este é o destino das teorias. Tudo gravita para a mesma sepultura, até a hora vir e o homem explicar, na luz dos fatos acumulados por muitos processos de dedução lógica, que o conhecimento é insuficiente e tem apenas errado.

Talvez a maior luz que pode ser lançada nestes obscuros fenômenos é o estudo do mesmerismo[28]. O estado passivo no qual o psíquico é jogado antes que qualquer fenômeno

[28] N. do T.: Mesmerismo, também chamado de magnetismo animal (notadamente nos séculos XVIII e XIX) é o estado ou o resultado de alguém ao ser mesmerizado (ou magnetizado), um tipo de hipnotismo. Seria, segundo o

seja produzido pode ser dito como um estado de auto-mesmerismo, durante o qual seu espírito liberto perfaz alguns estranhos fenômenos como clarividência, precognição, retrocognição, entre outros, cujos sucessos os mesmeritas estudam em seus "assuntos". O estado de transe, durante o qual os melhores fenômenos são observados, é conhecido pelos mesmeristas pelo nome de estase e muitos fatos marcantes são a ele relacionados, como, por exemplo, em um trabalho digno sobre o assunto pelo professor Gregory, F.R.S.E., intitulado *Animal Magnetism* (Magnetismo Animal), que foi recentemente republicado pelo Sr. Harrison (38, Great Russel Street), e é uma excelente introdução ao estudo do fenômeno.

Decerto o assunto todo da ação transcorporal do espírito humano - seu poder de fazer sentir sua presença muito além de sua prisão carnal sob a influência de fortes emoções, suas simpatias e antipatias, seu estranho poder de ler mentes e transmitir pensamentos, sob certas circunstâncias e em certos estados - são todos pontos a serem clarificados pelos estudos desses fenômenos antes de se aventurar longe no domínio da teoria. Professor Barrett muito propriamente disse, em sua carta ao *The Times*, quando o julgamento de Slade estava ante o público: "Estou inclinado a crer que outro fenômeno mental - tipo, por exemplo, a possibilidade da ação de uma mente sobre outra, através do espaço, sem a intervenção dos sentidos - demanda uma melhor investigação." Ele tinha recomendado anteriormente o estudo do mesmerismo e poderia ter somado que toda a matéria da Psicologia está em seus vários ramos, respeitando o pouco que agora é conhecido, deveria receber uma cuidadosa atenção à luz dos conhecimentos que estudiosos antigos possuíam. Assim, os portões se abririam, depois de prolongadas e pacientes investigações e estudos.

Mas, quando tudo isso for admitido e quando esses teóricos tiverem dito o que tinham a dizer, permanecerá, deve ser confessado, um numeroso, compacto e firme corpo de observadores que correlacionam os fenômenos com outros ditos espirituais e coadunam a eles a ação de espíritos humanos desencarnados. Esses são os espiritualistas *pur sang* (puro-sangue). Eles cortam os nós de cada dificuldade com uma faca todo-poderosa e, começando com um tremendo postulado, tomam tudo por princípios compreensíveis. Dizem, em efeito, que as pretensões as quais, deve ser concedido, são invariavelmente apresentadas pela inteligência operadora e não vêem razão para rejeitá-las. Eles perguntam, com considerável irrefutabilidade, que fato os teóricos têm para rejeitar a hipótese que possui o mérito de ser consistentemente apresentada pela Inteligência invisível e por que essa Inteligência, sendo interrogada, deveria invariavelmente retornar uma resposta se identificando como espírito de um ser humano falecido, se é, de fato como alegado, apenas o espírito liberto do psíquico? Eles propõem, claro, várias dificuldades que são um pouco surpreendentes para os teóricos que sustentam a ação do espírito do psíquico com a única e bastante causa.

Com uma fé que, se não pode mover montanhas, tem aparentemente nenhuma dificuldade em engoli-las, tudo para eles é simples. O mundo dos espíritos, como dizem, nos acerca, só que um crasso materialismo blindou nossos olhos e com isso não conseguimos discerni-lo, salvo nos comparativamente raros casos onde o abismo é reduzido pelo poder psíquico. Os vários relatos bíblicos, que não preciso citar, das intervenções de espíritos no plano material fortificam-lhes em sua fé, a qual, eles alegam, tem a venerável prescrição de *semper, ubique et ab omnibus* (o que foi crido sempre, em todo lugar e por todos) (quem, pelo

---

seu descobridor, Franz Anton Mesmer, um estado particular de vibração (ou tom de movimento, em suas palavras) do fluido universal.

menos, não voluntariamente fechou os olhos espirituais, ou tornou-se espiritualmente cego por herança de defeituoso sentido espiritual?). Eles alegam parentesco, também, com as grandes escolas orientais de pensamento cujos adeptos podem demonstrar à vontade o que o psíquico ocidental apenas mal evoca. Eles afirmam que o que atinge a mente Inglesa como pomposamente incrível é questão de experiência cotidiana para os orientais culturalmente espiritualizados; como tem sido a todos os que se esforçaram a obedecer a máxima: conheça a ti mesmo.

Entre essas várias teorias - e suas ramificações vão mais longe do que eu acho necessário indicar - o leitor sincero pode ser deixado a escolher, a menos que, na verdade, seja feito do molde raro e robusto que fica contente com os fatos e fatos somente, satisfazendo-se em acumular e preservá-los, desejando deixar a teoria para o dia quando material suficiente tiver sido acumulado para levantar uma dedução da névoa da mera especulação.

Concluindo, atrevo-me a reiterar o que disse no início. Não tenho um fim controverso em vista, apesar de meu tom ter sido diferente do que agora. Não tenho nem o desejo nem o poder de forçar uma verdade incômoda em mentes relutantes. Meu objetivo foi coletar fatos para valorizá-los. Eu enumerei certas teorias, sem nenhum desejo - nesse momento e neste volume - de advogar alguma delas. Nas palavras do Professor Gregory - escrevendo, eu alegro-me em pensar sobre um assunto tão zombado, mas agora geralmente aceito - "Meu objetivo não foi explicar os fatos que descrevi, porém mostrar que um grande número de fatos há que requerem explicações, só que não são explicados a menos que os estudemos. Eu ficarei contente que qualquer sugestão teórica que eu tenha feito seja jogada de lado como sem importância, desde que os fatos sejam atendidos, porque eu considero muito cedo para uma teoria compreensiva e porque creio que os fatos ainda são muito parcamente conhecidos." Magnetismo Animal, p.252.

APÊNDICE

Depois que acabei de escrever este volume, dois ou três fatos vieram ao meu conhecimento que merecem notas.

1. Henry Slade, estando então residindo em Berlim, foi visitado pelo mago e prestidigitador da corte do Imperador Alemão, Samuel Bellachini na Grossbaron-strasse, número 14, que subseqüentemente fez uma declaração ante um tabelião público, Gustav Haagen, nos seguintes termos:

> *"Lavrado em Berlim no sexto dia de dezembro de mil oitocentos e setenta e sete e dado entrada no registro notarial sob o número quatrocentos e oitenta e dois barra mil e oitocentos e setenta e sete.*
>
> *Assinado e oficialmente carimbado.*
>
> *GUSTAV HAAGEN, conselheiro e tabelião.*
>
> *Declaro ser uma ação precipitada dar decisivo julgamento sobre a performance objetiva do médium americano, Sr. Henry Slade, em apenas uma sessão e as observações feitas assim.*
>
> *Após eu ter, pelo desejo de diversos grandemente estimados cavalheiros de altas hierarquias e posições e também pelo meu próprio interesse, testado a mediunidade física do Sr. Slade em uma série de sessões em plena luz do dia, como à noite em seu dormitório, devo, pelo bem da verdade, aqui certificar que as ocorrências fenomênicas com Sr. Slade foram completamente examinados por mim, com observações minuciosas e investigação dos arredores, incluindo a mesa, e que não achei, nos mínimos detalhes, nada que fosse produzido por meio ou de manifestação prestidigitadora ou por aparato mecânico e que qualquer explicação dos experimentos que se perfizeram sob as circunstâncias e condições acima citadas como referências a prestidigitação é absolutamente impossível.*
>
> *Devem os homens da Ciência, como Crookes e Wallace em Londres, Perty em Berna e Boutlerof em São Petersburgo buscarem a explicação do poder fenomênico e provar sua realidade. Declaro, adicionando, que as opiniões dos leigos do "porquê" deste assunto além de prematuras, de acordo com meus ponto de vista e experiência, são falsas e unilaterais. Esta, minha declaração, é assinada e lavrada perante um tabelião e testemunhas.*
>
> *(Assinado) SAMUEL BELLACHINI.*
> *Berlim, 6 de dezembro de 1877."*

2. Henry Slade foi a cidade de São Petersburgo a fim de cumprir seu compromisso com M. Aksakof e Professor Boutlerof e apresentar o fenômeno da psicografia ao escrutínio de um

comitê de experts científicos em uma série de sessões, no curso das quais obteve escritos em caracteres russos. Em uma sessão recente, um texto em seis diferentes línguas foi obtido em uma lousa simples.

Na quinta-feira, 20 de fevereiro, acompanhado por M. Aksakof e Professor Boutlerof, Slade teve uma sessão inolvidável com o Grão-Duque Constantine, que os recebera cordialmente e que obteve textos em uma lousa nova segurada por si mesmo sozinho.

3. O Rev. Thomas Colley abaixo testemunha, na data de 17 de janeiro de 1878:

> *"Nesta tarde tive uma sessão com Dr. Monck de um caráter de algum modo sem precedentes. Havia comprado de manhã uma lousa de desenho transparente e, tirando uma das figuras, escrevi meu nome na borda dele, com um pedido que ela e as outras cinco do desenho composto pudessem ser traçadas no lado áspero do vidro. Não deixando Dr. Monck saber o que eu tinha feito, coloquei a figura marcada entre as outras cinco - três antes dela e o vidro, e duas atrás dela e o fundo da face. Então, não permitindo-o tocá-la e mal a vê-la, pois havia tirado do bolso interno do meu sobretudo, coloquei-a, com um grafite, debaixo da cadeira onde Dr. Monck estava sentado (em torno da parte inferior dela eu tinha colocado um tapete de carruagem, para fazer uma espécie de câmera escura), segurei suas mãos, sobrepondo meus pés nos dele e meus joelhos encostando nos dele e assim sentei o encarando.*
>
> *Sob tais condições, não perguntei oralmente o que eu queria que fosse feito ou mostrei de qualquer modo ao Dr. Monck a natureza ou particularidade do experimento que estava a fazer. 'Samuel' tomou momentaneamente o controle e disse-me que tinha completado a tarefa, afirmando que não apenas tinha desenhado a figura marcada e traçado minha rubrica, mas também tinha escrito nas costas da figura estas palavras: 'Leve isto ao Serjeant Cox', particularmente chamando minha atenção a tempo ao fato que tinha, de um modo peculiar, abreviado a palavra 'Serjeant'.*
>
> *O controle então instantaneamente acabou e não soltando as mãos do doutor ou tirando os pés de cima, com os dedos parcialmente livres eu peguei a lousa transparente e a tirei de debaixo da cadeira, achando a figura traçada no vidro e minha rubrica acima, escrita em minha própria caligrafia. Mas não batia com a figura perto do vidro, era manifestadamente uma cópia do desenho que eu tinha marcado e colocado no meio dos outros. Isso foi verificado mais tarde naquele dia, pois fui, levando comigo a lousa transparente, direto a um adiado debate sobre psicografia na Sociedade Psicológica e entreguei-a ao Presidente (Serjeant Cox), que publicamente a abriu e achou a figura marcada onde eu a tinha originalmente colocado - a quarta a partir do vidro e terceira das costas; e retirando-a e colocando-a sobre o vidro, o croqui fortemente delineado de grafite bateu com acuidade com o desenho. Havia também, como o presidente apreendeu (por que eu tinha no momento esquecido as circunstâncias), a escrita sobre o corpo do papel referindo-se a ele: 'Leve isto ao Ser. Cox'."*